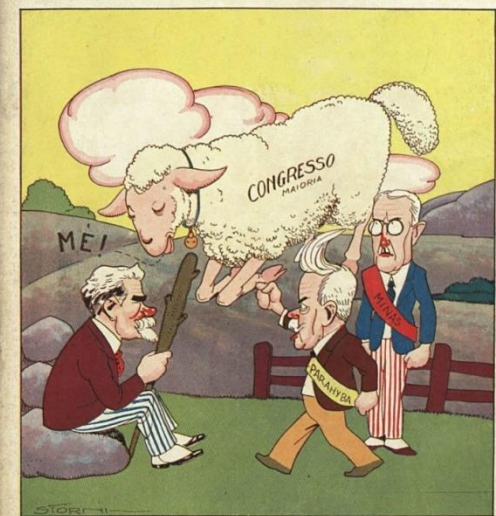


Quando é que vem isso?
 Povo — Isso não é novidade, seu Getúlio, tudo já me foi prometido por outra gente bôa, mas, né não?



ELLA — Mentiraso! Falso! Você me enganou outra vez.
 ELLE — Ora bolas! Ha tantos annos que me confecies e ainda conservas illusões a meu respeito?



W. L. — Não aceito protestos nem reclamações! O carneiro continua humilde e obediente como vocês o deixaram... a única diferença é no tratamento: Enquanto vocês usavam e abusavam do chicote, eu me utilizo calmamente da "madraca"...


 Coleção
 Documentos
100

DA ALIANÇA LIBERAL À REVOLUÇÃO DE 1930: REPERCUSSÕES NA REVISTA CARETA (1930)

CENTRO DE LITERATURAS E CULTURAS LUSÓFONAS E EUROPEIAS
CLEPUL
 Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

FCT
 Fundação para a Ciência e a Tecnologia



FRANCISCO DAS NEVES ALVES

DA ALIANÇA LIBERAL À
REVOLUÇÃO DE 1930:
REPERCUSSÕES NA REVISTA
CARETA (1930)





Conselho Editorial

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)
António Ventura (Universidade de Lisboa)
Beatriz Weigert (Universidade de Évora)
Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)
Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)
Francisco Topa (Universidade do Porto)
Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)
Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)
Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)
João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)
José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)
Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)
Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)
Maria Eunice Moreira (PUCRS)
Tania Regina de Luca (UNESP)
Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)
Virgínia Camilotti (UNIMEP)

Francisco das Neves Alves

DA ALIANÇA LIBERAL À REVOLUÇÃO DE 1930: REPERCUSSÕES NA REVISTA *CARETA* (1930)



- 100 -



UIDB/00077/2020



Lisboa / Rio Grande
2025

Ficha Técnica

Título: Da Aliança Liberal à Revolução de 1930: repercussões na revista *Careta* (1930)

Autor: Francisco das Neves Alves

Coleção Documentos, 100

Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira

Capa: CARETA. Rio de Janeiro, 18 jan. 1930; 29 mar. 1930; e 17 maio 1930.

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande, Janeiro de 2025

ISBN – 978-65-5306-001-2

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.

APRESENTAÇÃO

Surgida ainda na primeira década dos Novecentos, a *Careta* fez parte de um momento histórico de ampla expansão das atividades jornalísticas no Brasil, com a edição de variados gêneros, dentre os quais ganhou significativo terreno o das revistas ilustradas¹. Em meio a estes periódicos cuja principal atração prendia-se à associação entre a imagem e o texto, estiveram aqueles vinculados à abordagem humorística, na maioria das vezes expressa por meio da arte caricatural². Nesse contexto, a *Careta*, criada em 1908 e circulando até a década de 1960, foi um dos mais bem sucedidos magazines de seu gênero, sendo

¹ A respeito do impulso de tais magazines, ver: CAMARGO, Susana (coord.). *A revista no Brasil*. São Paulo: Editora Abril, 2000.; COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.; ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.; LUCA, Tania Regina de. *Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.; LUCA, Tania Regina de. Tipologia de revistas no Brasil das primeiras décadas do século XX. In: MELO, Ana Amélia M. C. de. & OLIVEIRA, Irenísia Torres de. *Aproximações cultura e política*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.; MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2008.; MAUAD, Ana Maria. O olho da História: fotojornalismo e a invenção do Brasil contemporâneo. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco & FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (orgs.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A; Faperj, 2006.; SCALZO, Marília. *Jornalismo de revista*. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2016. SODR, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

² Sobre a imprensa ilustrado-humorística, ver: LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.; e LUSTOSA, Isabel. Humor e política na Primeira República. In: *Revista USP*, set., out. e nov. 1989, p. 53-64.

editada no Rio de Janeiro, mas distribuída na maior parte do Brasil³, vindo a atingir uma popularidade extraordinária. Em suas páginas colaboraram escritores reconhecidos e alguns dos próceres da caricatura nacional. Suas ilustrações caricaturais contribuíram grandemente para o debate político e para a desmistificação do poder e dos poderosos⁴.

Ainda que tenha surgido nos primórdios do século XX, a *Careta* soube adaptar-se às transformações pelas quais passava o jornalismo brasileiro, vindo a equiparar sua feição editorial e gráfica aos padrões que marcavam as revistas da década de 1930 em diante. Por meio de crônicas textuais e imagéticas acerca do cotidiano brasileiro – principalmente o do Rio de Janeiro, epicentro político-ideológico e sociocultural do país –, abordando temáticas variadas como os bailes, o carnaval, as praias, o futebol, e mesmo o conjunto da vida política e cultural, a revista primava pelo uso da fotografia como um dos motes de sua feição, bem como utilizou-se largamente da arte caricatural. Tais inserções de natureza iconográfica não foram apenas um complemento às suas edições, mas sim um elemento constitutivo essencial de cada número. Nesse sentido, informação e uma perspectiva jocosa, bem humorada e irônica conviviam harmonicamente nas imagens da *Careta*⁵ e observar a abordagem da revista sob

³ Acerca dos primeiros tempos da revista, observar: CORRÊA, Felipe Botelho. The readership of caricatures in the Brazilian Belle Époque: the case of the illustrated magazine *Careta* (1908-1922). In: *Patrimônio e memória*. São Paulo, Unesp, v. 8, n.1, p. 71-97, janeiro-junho, 2012.

⁴ BURKE, Peter. *Testemunho ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. São Paulo: Editora UNESP, 2017. p. 121.

⁵ ALVES, Francisco das Neves. *A Revolução de 1930 através das caricaturas e dos registros fotográficos da Careta*. Lisboa; Rio Grande: CLEPUL; Biblioteca Rio-Grandense, 2021. p. 11-12.

o prisma caricatural acerca da vida política brasileira no ano de 1930, desde o processo eleitoral até o desencadear do movimento rebelde, constitui o escopo deste livro.

ÍNDICE

Os últimos momentos da campanha eleitoral / 13

Do embate político à fermentação revolucionária / 69

OS ÚLTIMOS MOMENTOS DA CAMPANHA ELEITORAL

Ao longo de 1929, a campanha eleitoral foi se acirrando com o passar dos meses, chegando a disputa ao seu auge no primeiro bimestre de 1930. As eleições para a Presidência da República estavam marcadas para 1º de março, um domingo de carnaval, gerando a coincidência entre dois fenômenos que comumente geravam amplos comentários em meio à opinião pública, ou seja, o enfrentamento nas urnas e as festas de Momo, que agitaram o país naquele momento. De acordo com sua proposta editorial, a revista *Careta* manteve sua pauta crítica, humorística e satírica, observando com pesada carga de jocosidade e ironia aqueles dias que antecediam a busca pelo voto e os desfiles de mascarados e fantasiados pelas ruas do Brasil.

A submissão do candidato Júlio Prestes ao Presidente da República, que indicara o seu nome, ficava evidenciada em caricatura que buscava demonstrar que se tratava figurativamente de uma relação de pai para filho, na qual aquele seguiria qualquer orientação determinada por este. Fazendo pilhéria com a questão da aquisição de bondes, escândalo bastante comentado no ano anterior, envolvendo malversação de verbas públicas, o magazine mostrava o Jeca e da dama republicana, esperando tal transporte público, que conversavam sob uma “plataforma”, em referência às propostas eleitorais apresentadas até então e julgadas como promessas sem fundamento de verdade. Ainda citando outro ponto de corrupção bem comentado à época, vinculado ao Banco do Brasil, aparecia um estilizado mapa do Brasil, mostrando pontos de ebulição que estariam ocorrendo no país em três Estados brasileiros, Paraíba, Minas e Rio Grande do Sul, os núcleos da chapa oposicionista. Denunciando as tradicionais

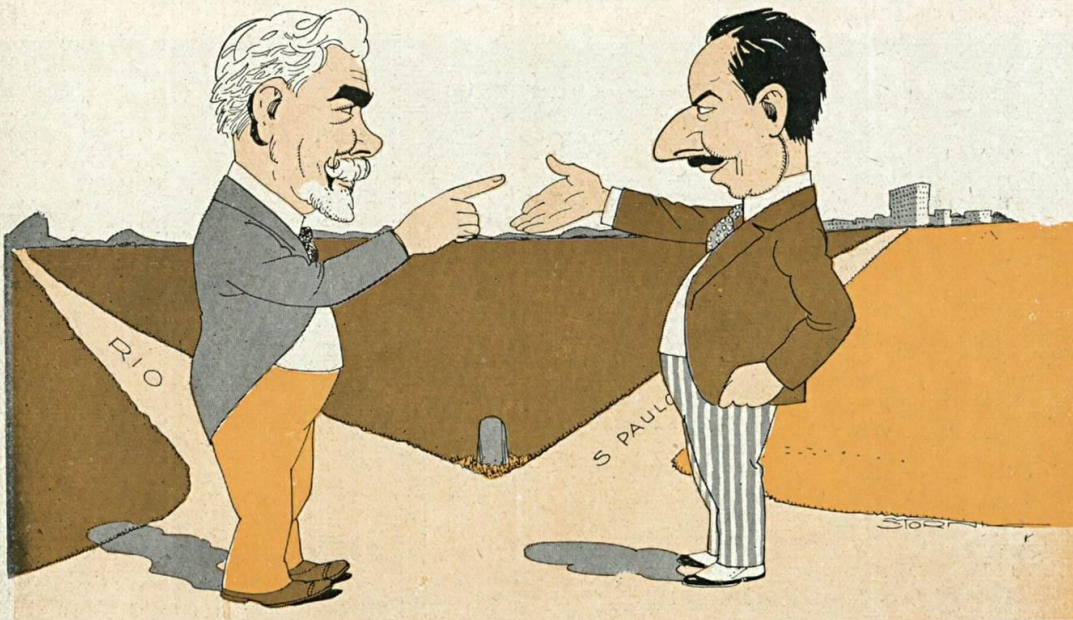
estruturas políticas brasileiras, o periódico mostrava uma figura feminina que simbolizava a “verdade eleitoral”, a qual era levada de cabresto por um político até uma urna, na qual, ao invés do espaço para a votação havia uma força, em sinal da aniquilação daquele princípio. Os oposicionistas Maurício Lacerda, Batista Luzardo e Flores da Cunha pretendiam fundar uma república em um cantinho do território nacional, mas eram impedidos por um guarda, que dizia que a preferência para a ocupação daquele espaço viria a ser para a ocupação por parte de blocos carnavalescos. Tendo em vista a época do ano, com a passagem do Dia de Reis, três ex-Presidentes apareciam como reis magos que procuravam um “messias”, em analogia com a disputa eleitoral⁶. Em chistosa ilustração, perante o olhar da mulher-república, a estátua de Deodoro da Fonseca ganhava vida e conclamava o aliancista gaúcho Batista Luzardo a encampar os verdadeiros “princípios republicanos”. A folha humorística mostrava que “a luta recrudescer” entre “liberais” e “conservadores”, enquanto dois cidadãos conversavam sobre qual dos grupos estariam levando vantagem na disputa⁷. Enquanto Getúlio Vargas lia sua plataforma, o “Povo” cobrava que outras frentes oposicionistas já haviam feito promessas não cumpridas, em referência às campanhas dissidentes do Civilismo e da Reação Republicana, com as imagens de Rui Barbosa e Nilo Peçanha que apareciam no horizonte⁸.

⁶ CARETA. Rio de Janeiro, 4 jan. 1930.

⁷ CARETA. Rio de Janeiro, 11 jan. 1930.

⁸ CARETA. Rio de Janeiro, 18 jan. 1930.

PAE E FILHO...



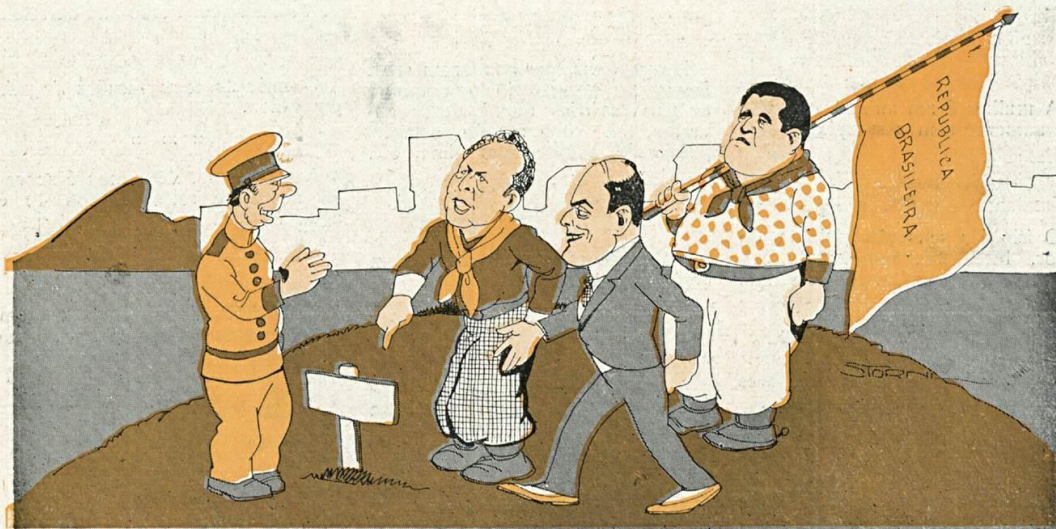
J. PRESTES - Assim na política, nomes extraordinários e inteligentes, um é V. Ex., e o outro V. Ex. dirá quem é!







TEM GENTE...



FLORES DA CUNHA — Queriamos fundar uma republica, aqui neste cantinho...
O GUARDA — Queiram desculpar, mas o lugar já está tomado pelo *bloco do Bambú e Bexiguinha*, mas si vocês quizerem mesmo o Governo garante a semente e as cinzas dos fundadores.

ESTRELLA DA LIBERDADE



Os tres ex-reis guiados pela boa estrella tratam de attingir um messias afim de livrar-se da compulsoria...



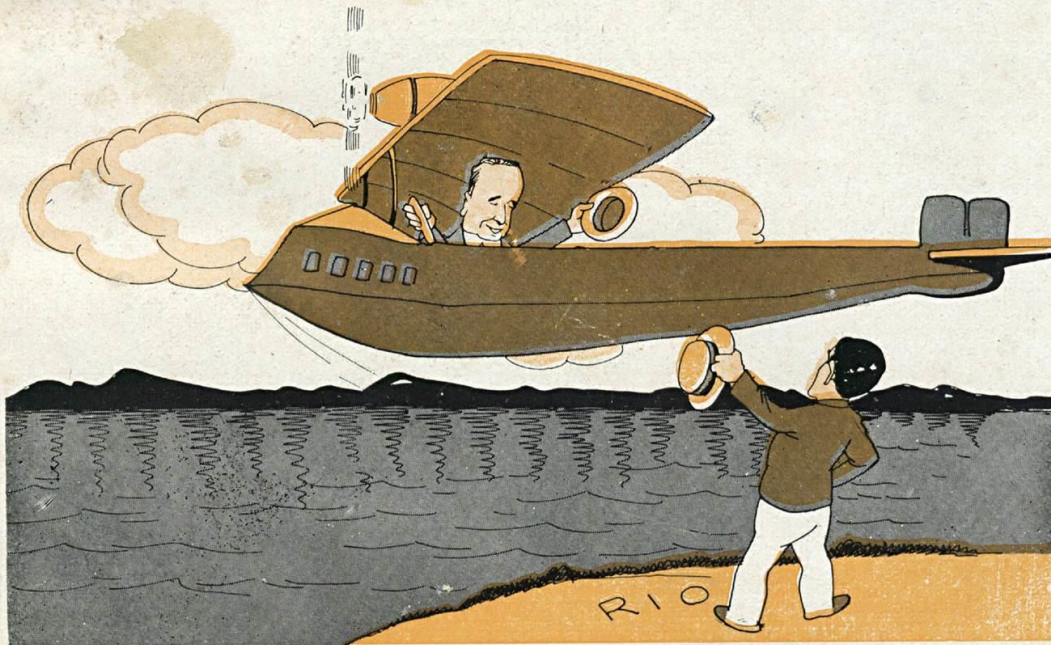


O candidato Getúlio Vargas partia em campanha como se fosse um aviador, com o “Carioca” desejando-lhe “boa viagem e até a volta”, ao que o político que tudo dependeria da vontade do povo e da polícia, no sentido da obtenção de votos e de enfrentar a repressão governamental, ao lado da candidatura situacionista. A falta de compromisso dos políticos para com suas próprias ideias e propostas ficava evidenciada na conversa de Vargas com Washington Luís, supostamente admirado com certas posições do candidato que lhe fazia oposição. A mobilização em torno das eleições era comprovada pela figura feminina da opinião pública, a qual era interpelada por um popular que chamava atenção para os riscos de tais movimentos resultarem em agitações mais exacerbadas. Os arranjos políticos típicos da República Velha também eram abordados, com a presença dos parlamentares Irineu Machado e Antônio Azeredo, que discutiam possíveis acordos quanto a ocupação de cadeiras no Legislativo. Um aliancista mais radical, Batista Luzardo, e um apoiador da Aliança com uma visão mais progressista, Maurício de Lacerda, utilizavam-se de um bonde como metáfora para discutir possíveis avanços na plataforma da chapa oposicionista⁹. A crise econômico-financeira brasileira e mundial eram designadas como duas mulheres, com esta última buscando tranquilizar o Presidente brasileiro, dizendo que poderia culpar-lhe pelas dificuldades que o país estaria passando, aliviando assim a carga negativa para o governo e seu candidato¹⁰.

⁹ CARETA. Rio de Janeiro, 18 jan. 1930.

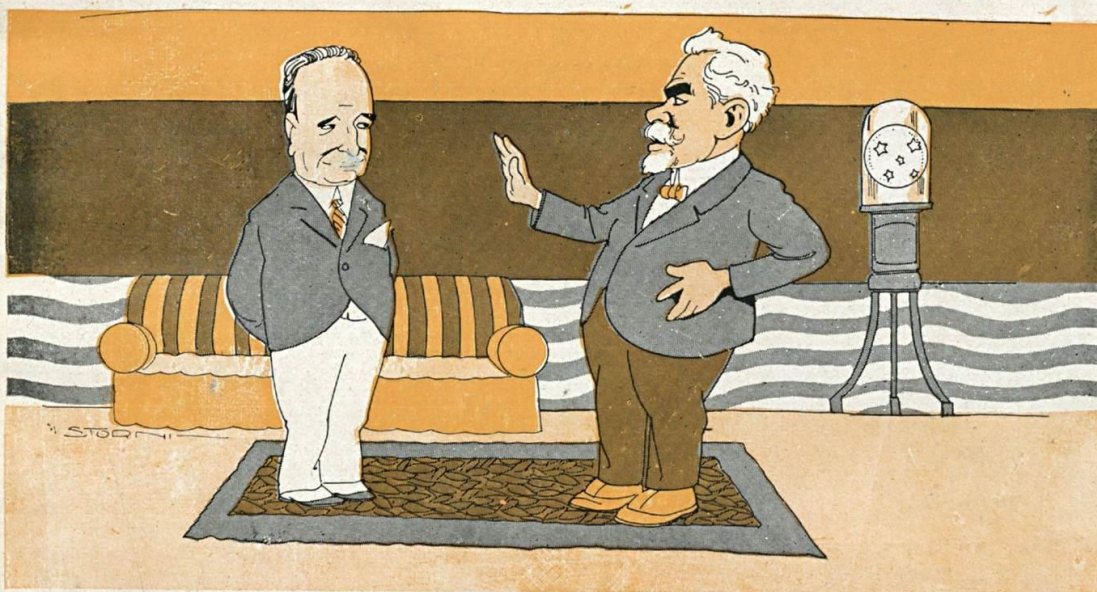
¹⁰ CARETA. Rio de Janeiro, 25 jan. 1930.

OS VOTOS

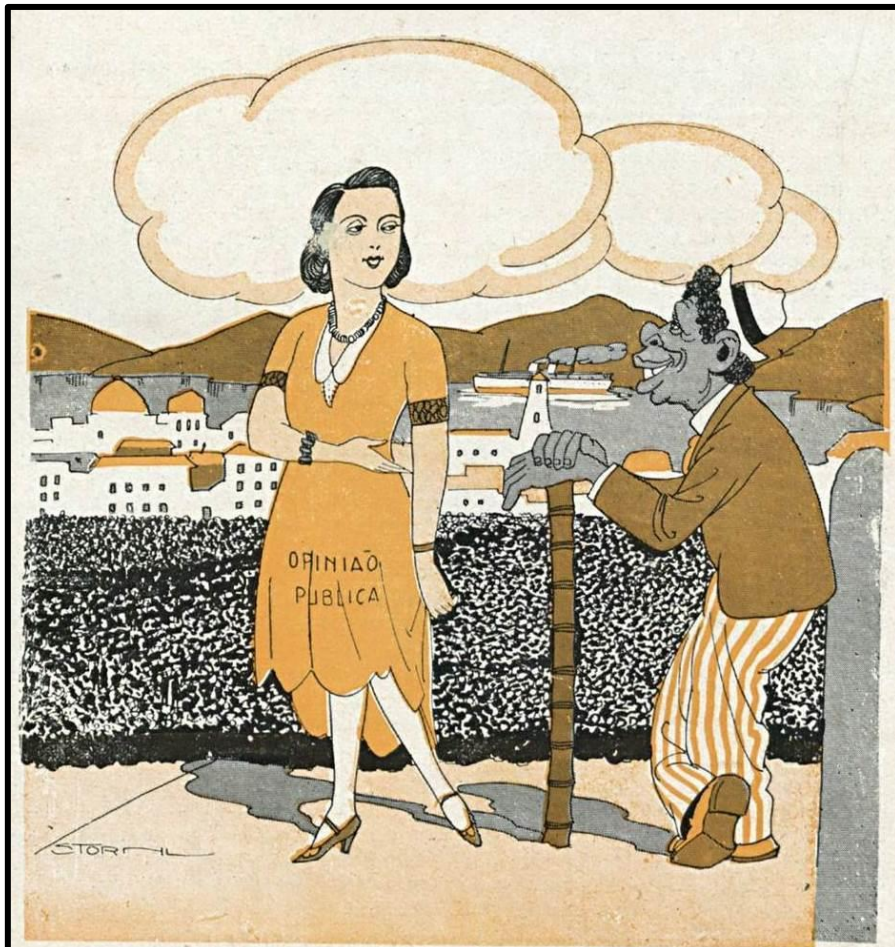


O CARIOCA — Boa viagem e até a volta!...
GETULIO — Si você quizer e a policia consentir.

A VISITA



WASHINGTON — Porque você não me disse ha mais tempo que pensava como eu?...



NA ESPLANADA

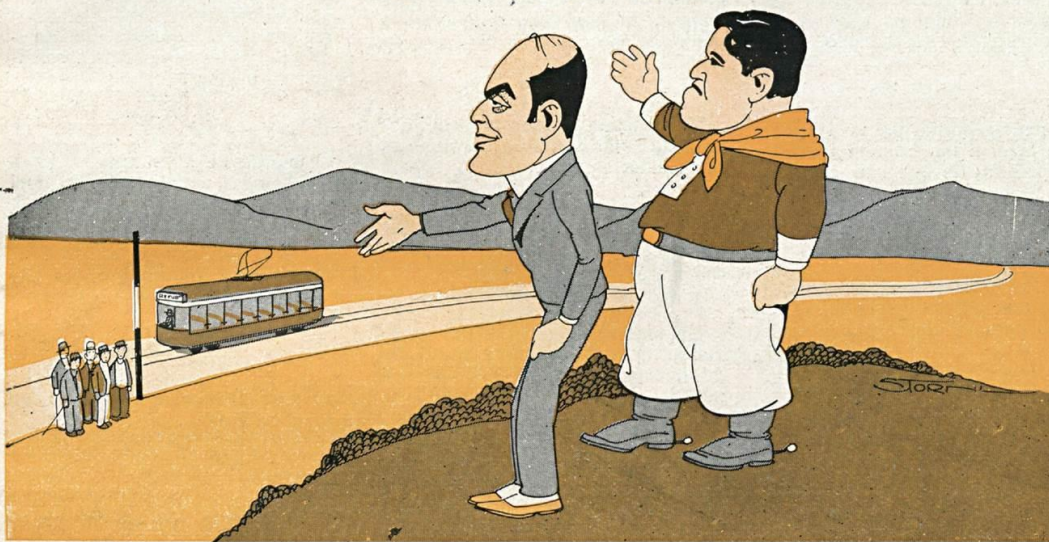
ELLA — Que tal, hein ?

ELLE — Minha senhora, perante esses tufões da opinião publica não ha bambú que agente





ATE' O FIM DA LINHA



LUZARDO — Toda aquella gente esperava um lugar na plataforma...

MAURICIO — O diabo é que cada bonde tem duas...



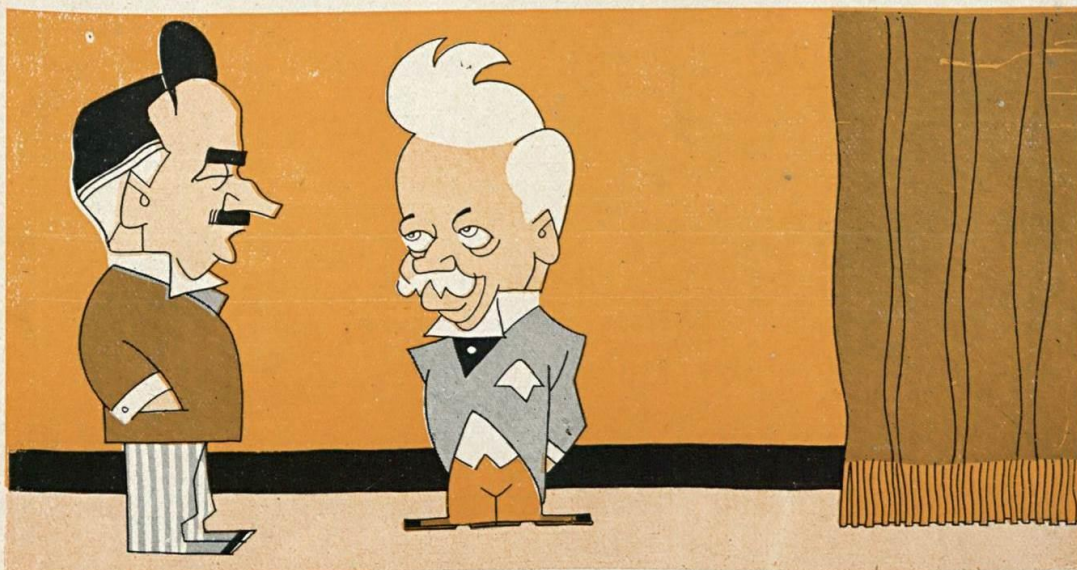
Ainda acerca da crise brasileira, Washington Luís aparecia como um médico que precisava cuidar do seu paciente, o “câmbio”, doente e acamado, que recebia por tratamento um paliativo “empréstimo”, explicando o político/praticante da medicina que se tratava de uma sobrevivência artificial, que deveria mantê-lo vivo pelo menos até as eleições, momento em que a obrigação de dar-lhe o atestado de óbito caberia ao seu sucessor. As questões familiares e políticas, tão imiscuídas na vida brasileira, ficavam demarcadas na conversa entre o ex-Presidente Epiácio Pessoa e o seu sobrinho, João Pessoa, candidato a Vice da Aliança sobre os alcances de ser “liberal”. As possibilidades de acordos políticos ainda em voga e a corrupção em torno da aquisição de bondes ficavam demarcadas na caricatura intitulada “Por falta de comprador”. Tais conchavos em torno de acordos também apareciam na ilustração que lembrava a coincidência de datas entre as eleições e o carnaval, de modo que do encontro entre “duas entidades que se combinam”, poderiam resultar um “amistoso acordo”. Em alusão ao avião norte-americano que realizara o primeiro voo solidário transatlântico, Vargas, mais uma vez como piloto de uma aeronave, era saudado como um “Lindbergh dos pampas” que poderia acabar com os políticos “rastejantes”. O velho líder republicano gaúcho Borges de Medeiros aparecia com um carregamento de gelo destinado a acalmar o ímpeto de seus “fogosos correligionários” de Aliança¹¹. A crise que afetava o Brasil era caracterizada com a evasão de divisas emanadas da entrada de capital estadunidense e da baixa cotação do café¹².

¹¹ CARETA. Rio de Janeiro, 25 jan. 1930.

¹² CARETA. Rio de Janeiro, 1º fev. 1930.



CONVICÇÕES DOMÉSTICAS



JOÃO PESSOA — Então o tio está mesmo liberal!

EPITACIO — Decerto. O liberalismo é, agora, uma questão de principio de familia.

POR FALTA DE COMPRADOR...

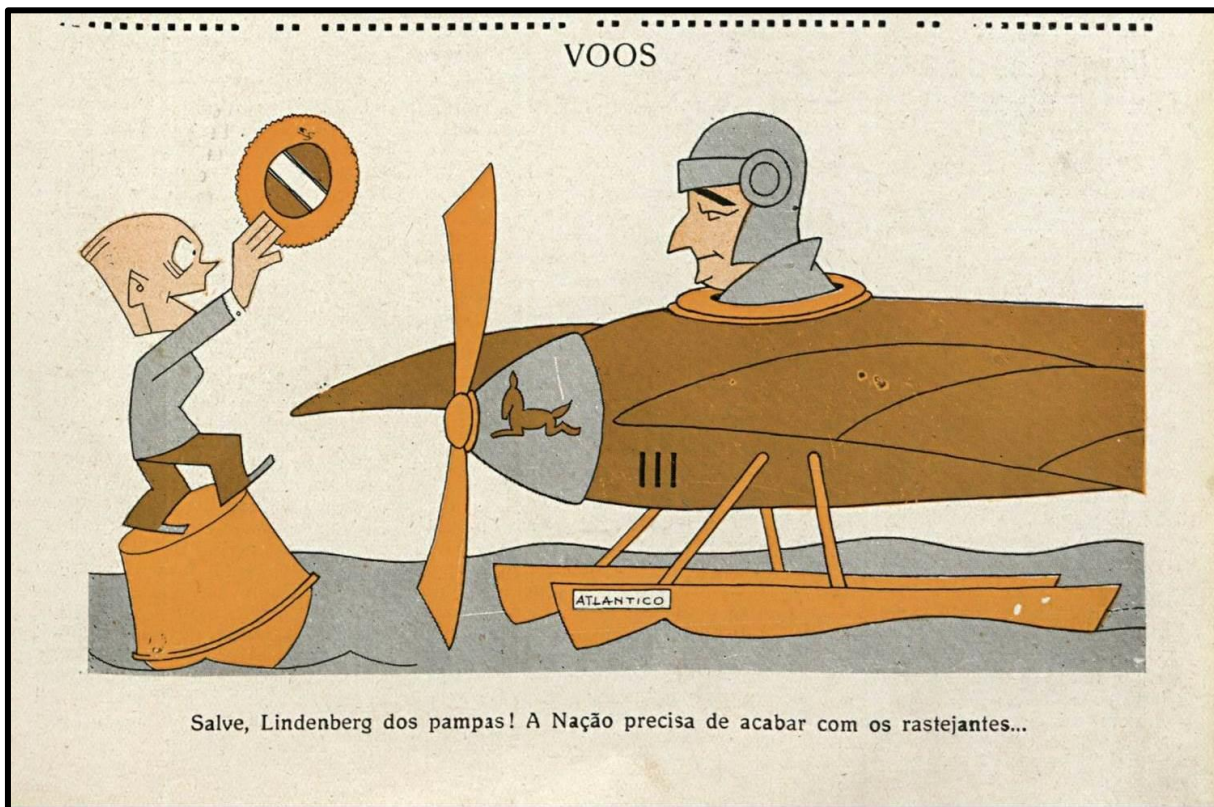


O MOTORISTA — *Bae recolheire!* E' o unico bonde que não foi possível vender...

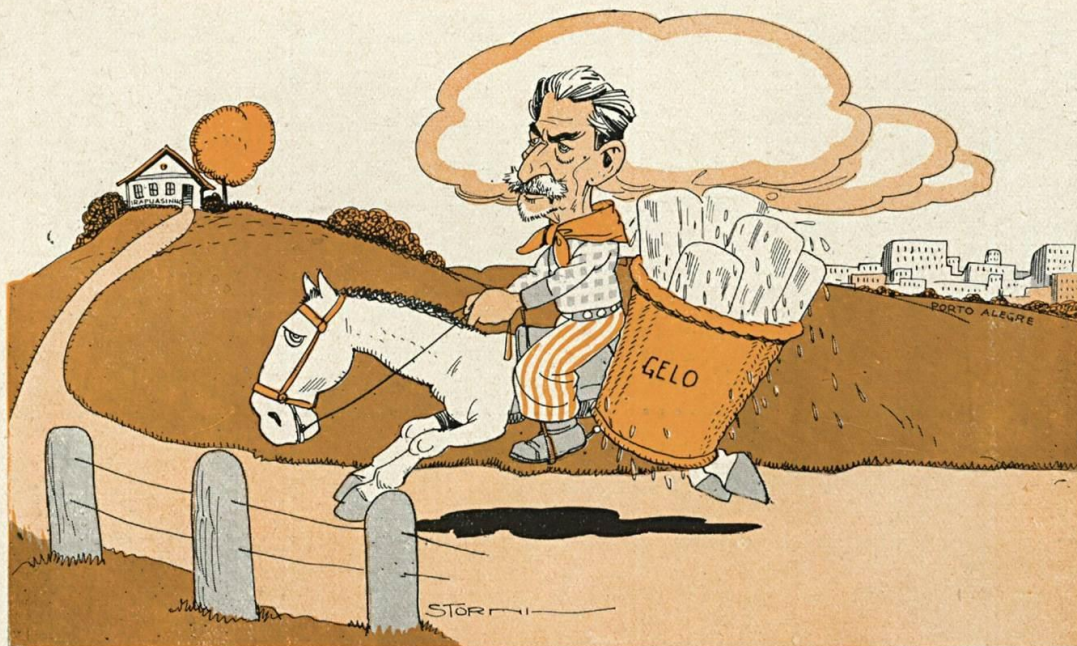
AS ELEIÇÕES DE MARÇO NO CARNAVAL



Duas entidades que se combinam e que, por se encontrarem na mesma epoca, farão um amistoso *accôrdo*...



A MULA VELHA



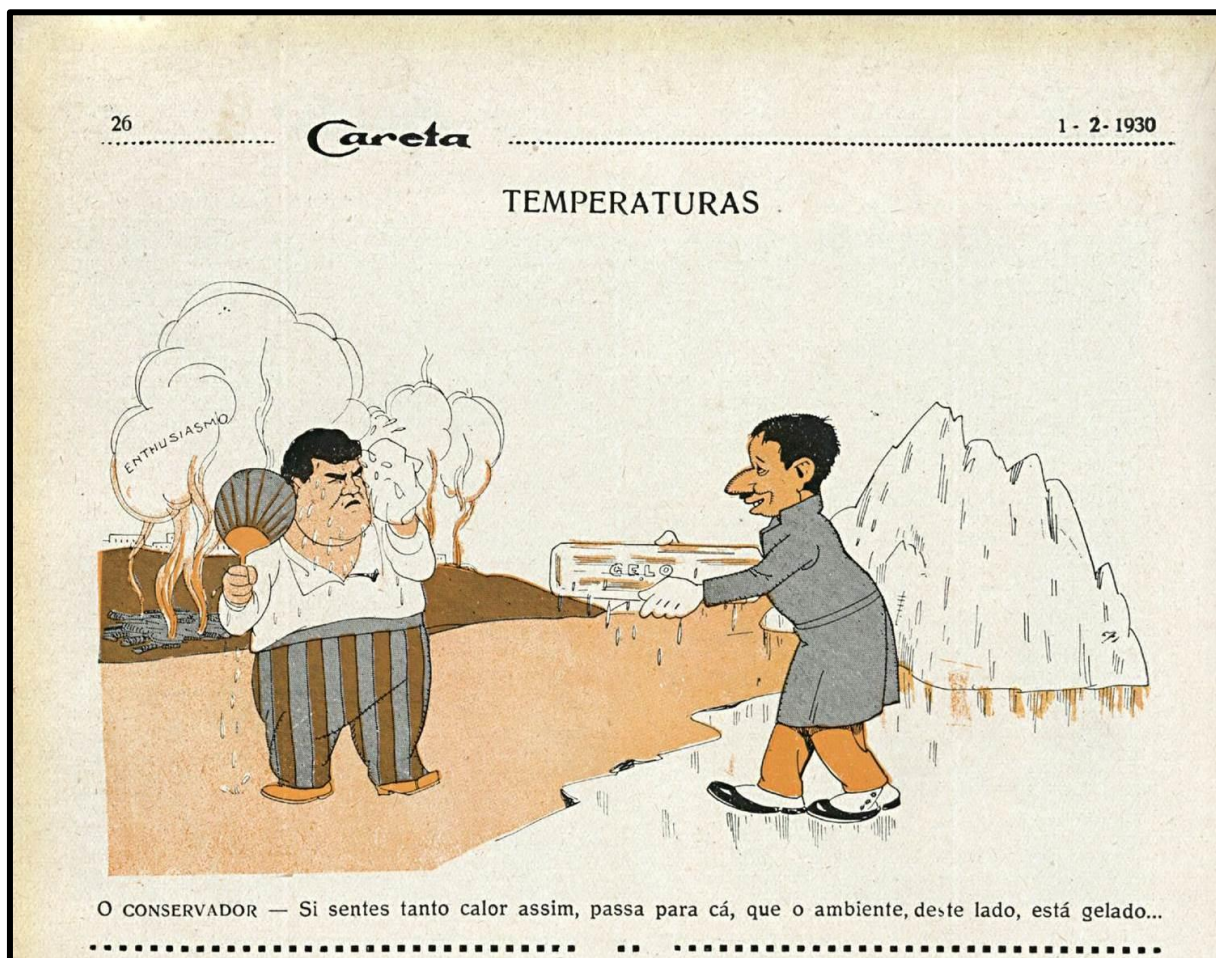
O Borges na sua faina de distribuição de gelo, com que attenuar a canicula partidaria dos fogosos correligionarios.



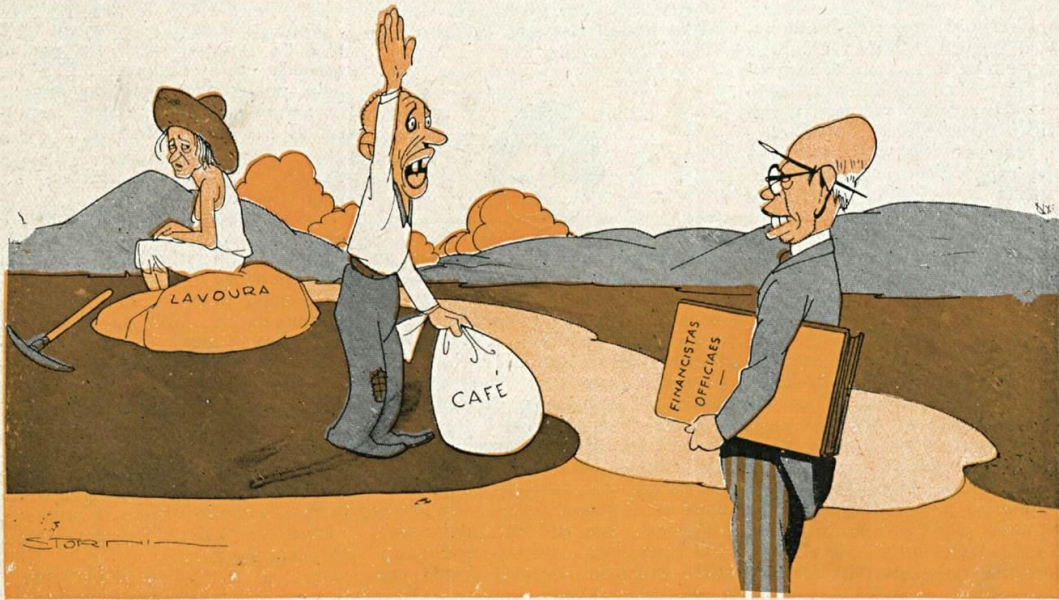
Ainda acerca do “entusiasmo” dos oposicionistas, a revista mostrava o calor passado por um aliancista, em oposição ao gélido ambiente dos “conservadores”, tanto que um deles chegava a oferecer ao outro um bloco de gelo para amenizar a temperatura elevada. Levando em conta as medidas econômico-financeiras e a crise que afetava o país, sob o olhar de uma anciã decrépita que simbolizava a “lavoura” nacional, um indivíduo que representava a cultura cafeeira, esquelético e em andrajos, identificado como “a vítima”, inclusive das promessas de campanha, rogava que não mais realizassem “experiências” em relação à sua produção¹³. Em relação à promessa dos aliancistas gaúchos e amarrem seus cavalos no obelisco do Rio de Janeiro, a folha comentava que isso se tornara uma verdadeira “moda”, tanto que dois transeuntes chamavam atenção para que até os alemães queriam amarrar seus dirigíveis no monumento, em alusão ao Zeppelin, que visitava o Brasil. A publicação ilustrada também realizava um paralelo, demonstrando os “contrastes” entre o saldo financeiro sul-rio-grandense, representado por um saco carregado por Getúlio Vargas e a penúria financeira do país demonstrada por um indivíduo magérrimo, vindo a constatar que se tratava de “dois estados interessantes”. A respeito das “caravanas” de aliancistas que viajavam pelo país em busca de votos, o semanário lembrava o alto índice de analfabetismo no Brasil e da falta de compreensão do povo quanto às propostas que lhe eram apresentadas¹⁴.

¹³ CARETA. Rio de Janeiro, 1º fev. 1930.

¹⁴ CARETA. Rio de Janeiro, 8 fev. 1930.



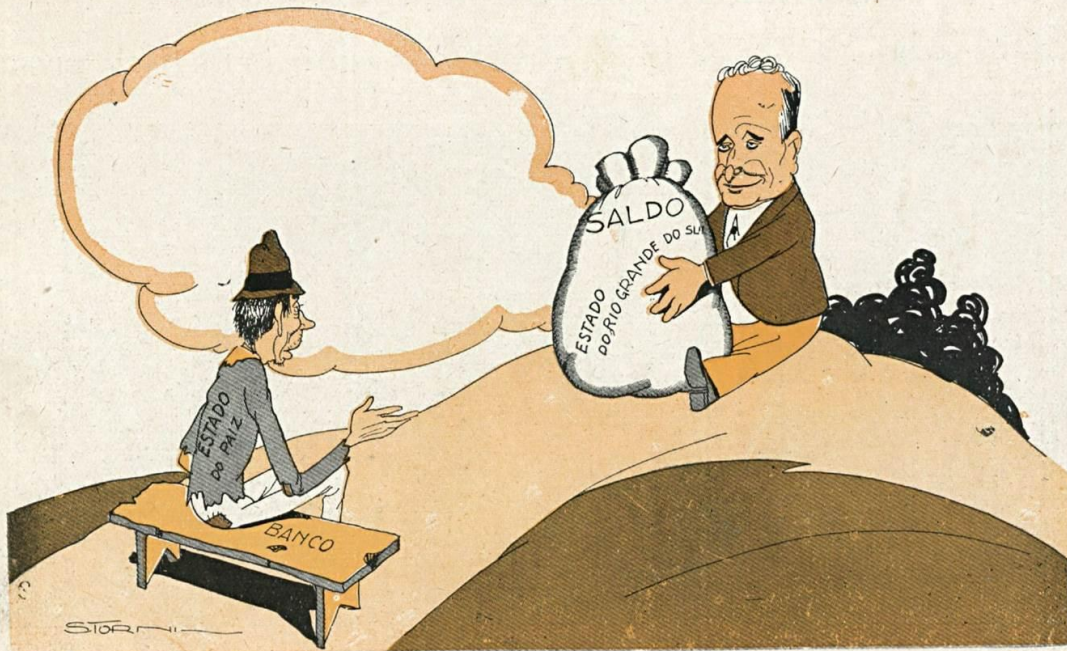
CHEGA



A VICTIMA — Pelo amor de Deus, não faça mais nada em meu favor. Basta de experiencias!



CONTRASTES



«Dois» estados interessantes...

AS 4 CARAVANAS CARIOCAS

(O BRASIL POSSUE 80 % DE ANALFABETOS, NO SERTÃO)



Os JECAS — Nois não entendemo disso. Só queremos saber a «escrita» de vocês...

A arregimentação de eleitores a qualquer preço era outro tópico da corrupção eleitoral captada pelo periódico ao mostrar estrangeiros que sequer dominavam a língua e queria apenas um emprego e já eram alistados como eleitores¹⁵. A multiplicação de caravanas políticas que se espalhavam pelo país, com o deslocamento de grandes grupos em automóveis, a cavalo, de camelo ou a pé era chistosamente identificada pelo Jeca como uma manifestação do “civismo nacional”, de modo que não seria por falta daquele tipo de movimento que o país não conseguiria “a sua regeneração política”. Em frente à dama republicana, o ex-Presidente Artur Bernardes, que apoiava a Aliança Liberal era apresentava-se como um profeta, que previa que uma possível intervenção federal em Minas Gerais traria consigo a morte da própria República¹⁶. Ainda em referência às caravanas, para fazer jus ao termo, alguns aliancistas gaúchos deslocavam-se pelo Norte do país, espalhando as “sementes liberais”, contando com a aquiescência do Jeca quanto à frutificação de tal cultura. Com um sino à mão, “o Povo” anunciava que a data do pleito eleitoral se aproximava, utilizando-se de uma expressão popular, ao afirmar que estava na hora da onça – designando a “questão presidencial” – beber água – em referência a uma lagoa que simbolizava as “eleições”. Em comparação com a agitação política no México, o “brasileiro” constava que em seu país havia mais calma com os presidentes, a partir da expectativa de que alguns deles, apesar de executarem “opressões e violência” poderiam tornar-se “liberais”¹⁷.

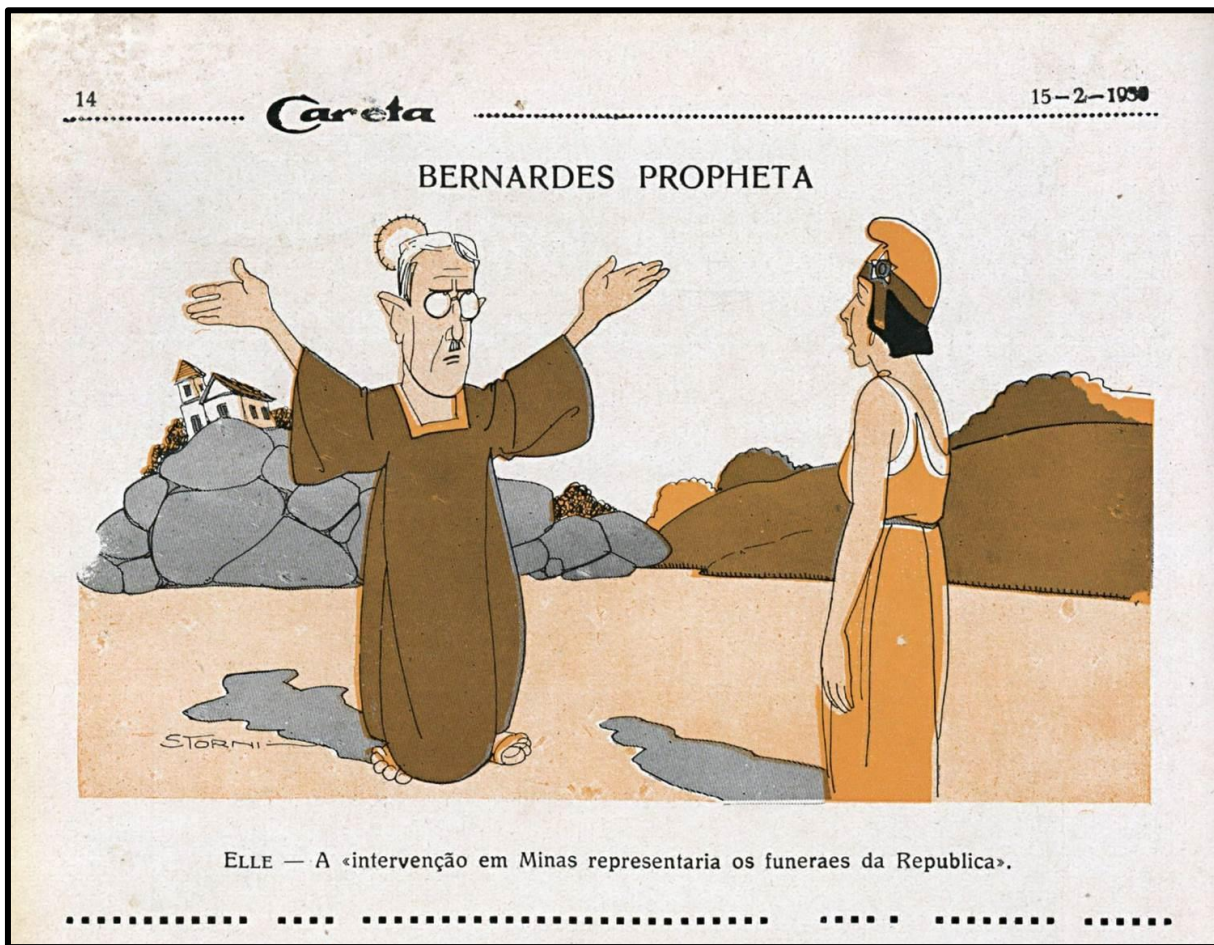
¹⁵ CARETA. Rio de Janeiro, 8 fev. 1930.

¹⁶ CARETA. Rio de Janeiro, 15 fev. 1930.

¹⁷ CARETA. Rio de Janeiro, 22 fev. 1930.







22
FEVEIREIRO
1930

Careta

NUMERO
1131
ANNO XXIII

PREÇO DE CARETA NOS ESTADOS 600 RÉIS

INSTITUTO NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
CONT. 1.500

SEMENTES
LIBERAES

STERN

A caravana semeia no Norte

JECA — As sementes são boas, o terreno é fértil, a colheita será boa.



CALMA NO MEXICO!

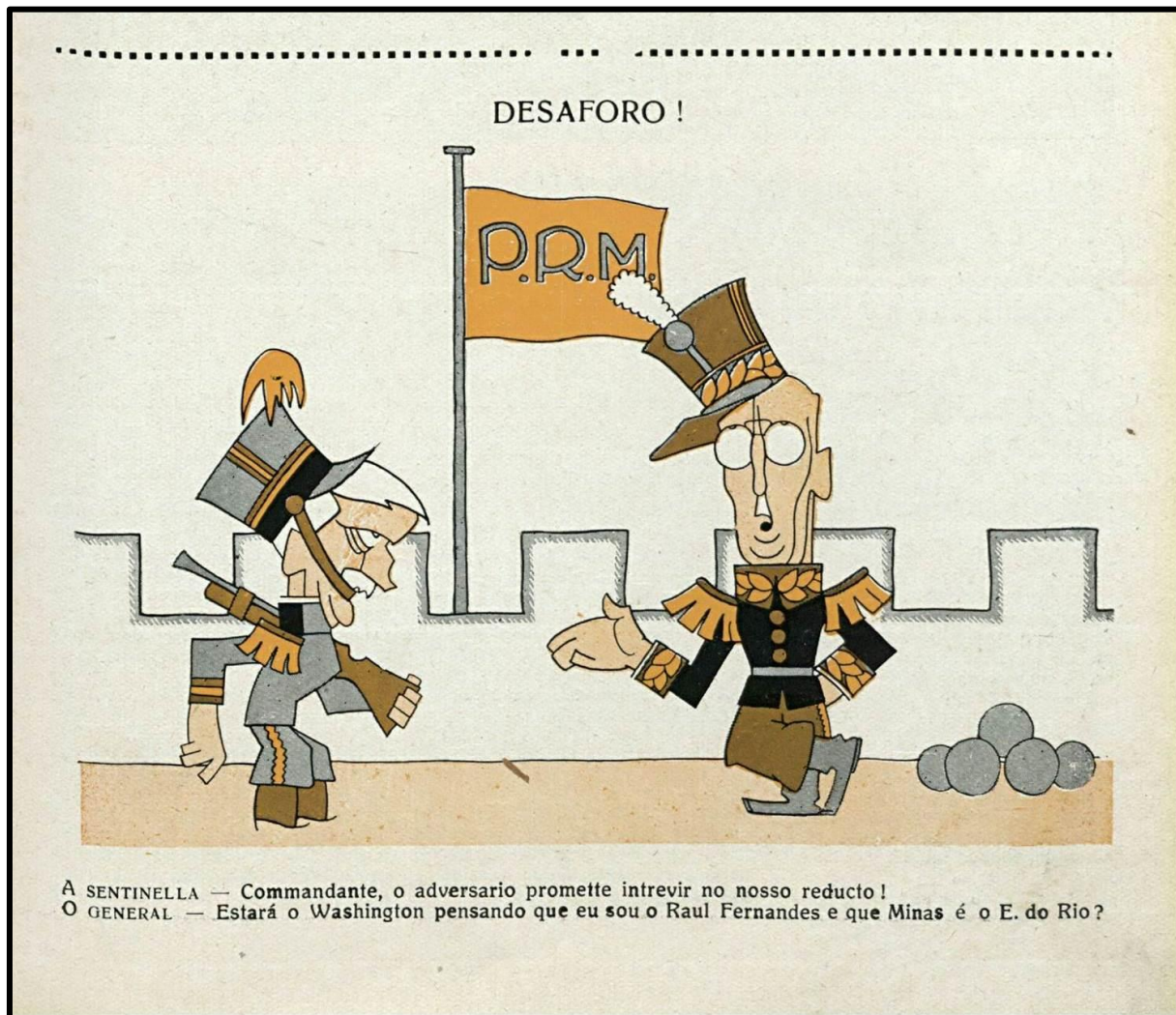


O BRASIL — Nós aqui temos muito mais calma com os nossos presidentes. Ha sempre a esperança de que depois de cometer toda a sorte de oppressões e violencia elles se tornem liberaes...

Comparando o Partido Republicano Mineiro a uma fortaleza, o magazine trazia os aliancistas mineiros Artur Bernardes e Antônio Carlos Ribeiro de Andrada conversando sobre a inviabilidade de uma intervenção federal em Minas Gerais. Falando ao “Leão do Norte” – referência aos Estados do Norte e Nordeste – o aliancista gaúcho João Neves da Fontoura buscava estimular o eleitorado, inflamando em prol da causa oposicionista, mas era desestimulado pelo “Zé Nortista”, segundo o qual aquela fera felina já fora domesticada pelos forças governistas. Novamente sobre a simultaneidade entre a eleição e o carnaval, a figura política que representava “a política” dizia a um folião fantasiado que, a partir de então, quem andaria mascarada seria ela¹⁸. No número do dia da eleição, a revista, que tinha de estar editada anteriormente, permaneceu fazendo comentários caricaturais que demarcavam a expectativa do pleito eleitoral. Em um deles, Washington Luís parecia acomodado com a chegada do 1º de março, imaginando que em seguida já estaria escolhido um “fantasiado de Presidente da Republica”. O “Momo”, como um bobo da corte, dizia que um eleitoral seria um “trouxa” por imaginar que estaria votando em um homem “que vai salvar o país”, mas concluía que se travava de uma época em que “todas as loucuras” eram permitidas. A corrupção na votação também era denunciada na referência ao “carnaval político”, em que a “velha fraude” das eleições preparava-se para se fantasiar de “verdade eleitoral”¹⁹.

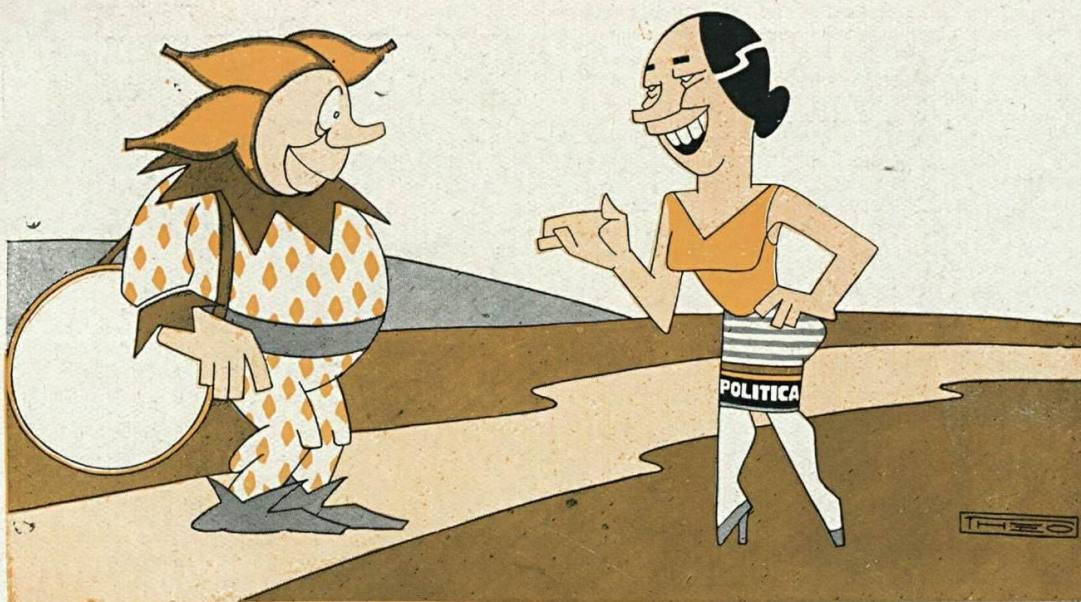
¹⁸ CARETA. Rio de Janeiro, 22 fev. 1930.

¹⁹ CARETA. Rio de Janeiro, 1º mar. 1930.





MASCARADA



A POLITICA — Agora, meu velho, quem vae andar de mascara sou eu!

NOVE MEZES



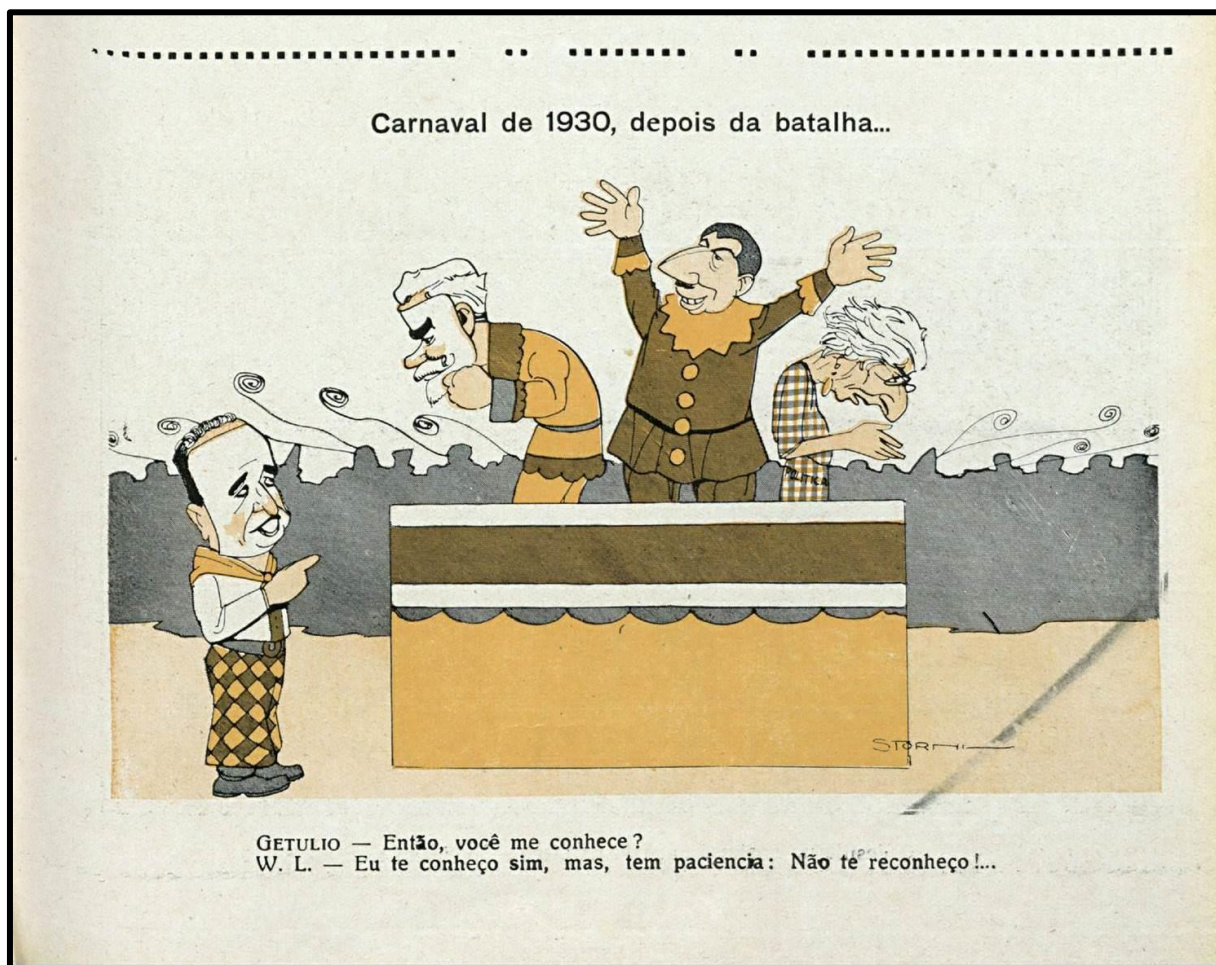
W. L. — 1.º de Março! Como o tempo corre! Já deste carnaval sairá alguém fantasiado de presidente da Republica...





A folha apresentava a perspectiva de que o carnaval se seguiria à batalha eleitoral, aparecendo Júlio Prestes ao lado de Washington Luís que, de máscara, reconhecia o também mascarado Getúlio Vargas, o qual estranhava o fato de tal reconhecimento ao que o Presidente dizia que o outro deveria ter “paciência”, pois ele o conhecia, mas não o reconhecia, apontado para uma possível traição em relação aquele que havia composto o seu ministério. Os “democráticos”, que compunham a Aliança, apareciam em um carro, mas “O Carioca” imaginava que, passada a eleição, eles poderiam mudar de lado. Já um bloco que não mais sairia, tendo o seu “último carnaval” era o do Presidente da República junto de seus auxiliares. Em conversa entre o Presidente Washington e o seu ministro da Justiça, Augusto Viana do Castelo, acerca do momento da de tratar-se da sucessão eleitoral, este dizia que a melhor providência teria sido alterar a data dos festejos carnavalescos. O pequeno crédito dado ao voto popular ficava demarcado com o comentário de um mesário de que o eleitor, ao invés de votar, deveria estar preparando sua fantasia para os festejos do momento. A coincidência entre as datas do carnaval e do comparecimento às urnas também foi demonstrada por parte da revista em caricatural na qual um indivíduo de máscara e fantasia, representando o próprio carnaval, assumia certo protagonismo e se voltava aos dois candidatos, Vargas e Prestes, preocupados com a apuração dos votos, dizendo-lhes que que deveriam que deveriam “dar uma folga” de maneira que “o povo” tivesse condições de se distrair “um bocado”²⁰.

²⁰ CARETA. Rio de Janeiro, 1º mar. 1930.



O CARRO CHEFE DOS DEMOCRATICOS



O CARIOCA — Bem se vê que isso é carnaval fóra de tempo!... Amanhã, a alegoria seria feita a qualquer outro...

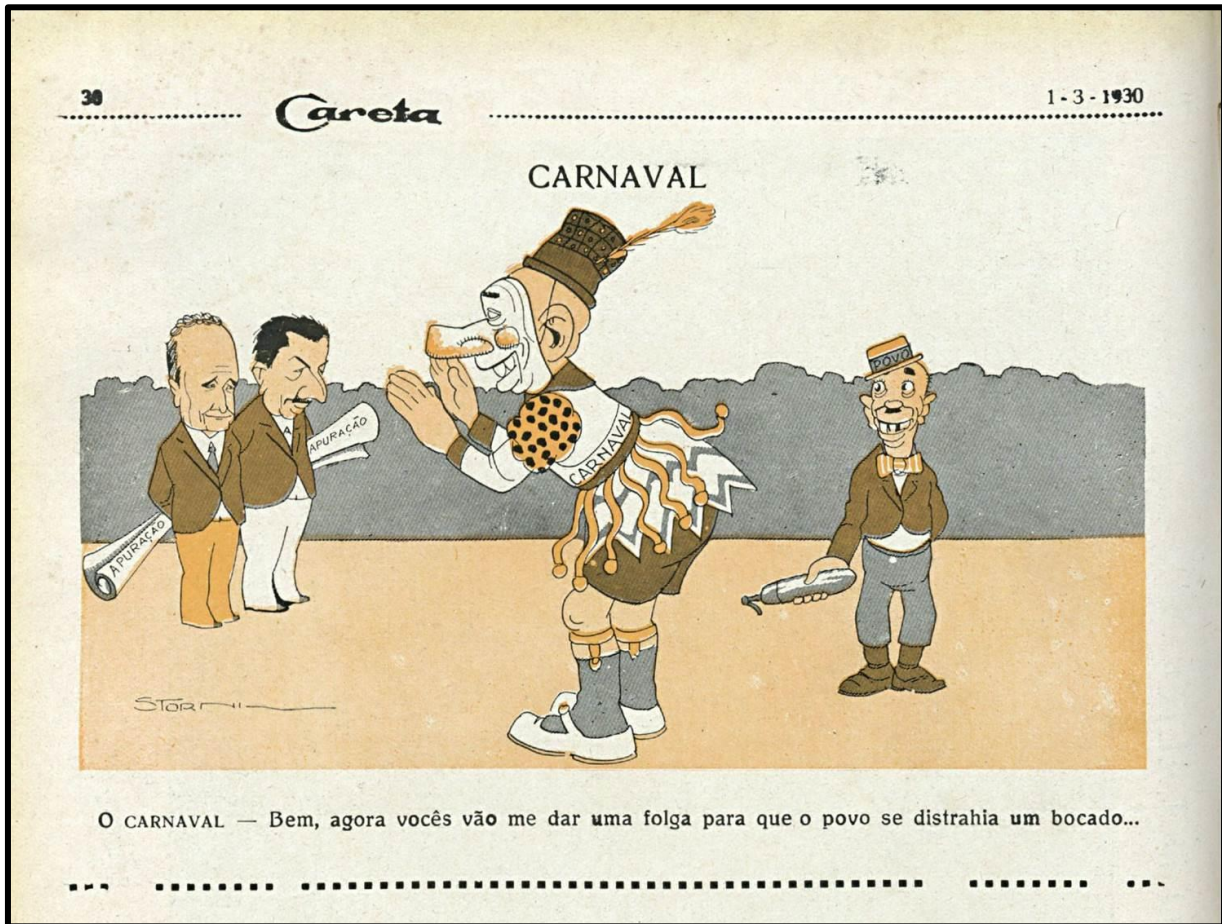


UMA IDEIA ATRASADA



VIANNA DO CASTELLO — V. Ex. não desejava que não se tratasse da sua sucessão antes de setembro ?
W. L. — Perfeitamente.
VIANNA DO CASTELLO — Então, devíamos ter protelado a saída dos prestitos até o ultimo domingo de agosto, por que não se falaria de outra cousa !





O primeiro bimestre do ano de 1930 foi caracterizado pela intensa disputa política entre governistas e aliancistas. Os integrantes de cada grupo tinha uma origem sócio-política em comum e, durante muito tempo, usufruíram de um mesmo modelo eleitoral. Para enfrentar as novas circunstâncias, mormente às vinculadas à crise econômico-financeira sem precedentes, os concorrentes tinham de apresentar algumas alternativas, que, em linhas gerais, ficavam expressas na ação de conservar melhorando, dos situacionistas e a de mudar para evoluir, dos oposicionistas. Sem adotar um dos lados, a *Careta* apresentou aquele cenário político, com seus protagonistas e coadjuvantes, mas, para além do enfrentamento partidário, fez questão de incluir na trama os fatores negativos que marcavam as vivências políticas nacionais como a artificialidade nos posicionamentos dos políticos; a presença de uma massa de analfabetos e a carência de uma cultura política; a corrupção eleitoral, com a formação de eleitores mesmo que a fórceps; a deturpação e a fraude de uma suposta “verdade eleitoral”; o pouco valor atribuído ao voto popular; a violência como mote de controle político-social; e as similaridades entre os dois grupos que disputavam o poder. Assim, a revista ilustrado-humorística optou por manter como fio condutor de sua abordagem, o espírito crítico que marcara suas edições desde o início.

DO EMBATE POLÍTICO À
FERMENTAÇÃO REVOLUCIONÁRIA

Passara o carnaval e toda a carga de festejos, estrepolias e agitação que marcavam tal período do ano. Mas, no início de março de 1930, junto das comemorações de Momo, ocorrera também o encerramento do processo eleitoral. Em seguida, viria a constatação de que, apesar da Aliança Liberal ter constituído a mais significativa das dissidências oligárquicas da República Velha, a vitória coube à candidatura governista. Os alicerces políticos e a eficiente máquina eleitoral da época guindaram mais uma vez o triunfo situacionista, restando à oposição a amarga derrota. Daí em diante viria a desencadear-se um processo de constantes idas e vindas quanto à manutenção ou não da disputa política para além do caminho das urnas. A fermentação revolucionária apresentou momentos de avanços e refluxos até outubro daquele ano, quando os aliancistas, trilhando outros caminhos alternativos que não os vinculados ao voto, conseguiram chegar ao poder e a *Careta* acompanhou *pari passu* toda essa caminhada.

A primeira edição do magazine ilustrado carioca após a realização das eleições ainda trazia à capa correlações entre o carnaval e a campanha eleitoral, em caricatura intitulada “A volta à razão”, na qual cartazes eleitorais misturavam-se a máscaras, confetes, serpentinas e bisnagas, todos jogados na lata de lixo, diante do que um passante “filosofava” que ocorrera uma “estranha coincidência”, que juntou “carnaval e política”, tendo ambos se exibido “na mesma palhaçada” e tendo “o mesmo destino”. Em outra ilustração, o próprio Presidente Washington Luís perguntava de onde vinha o Jeca, que, demonstrando a falta de noção quanto ao seu papel nas eleições, dizia não saber,

mas que teria ouvido que votara no “Bloco Nacional”, em referência aos blocos carnavalescos que então desfilavam nas ruas. Reforçando a perspectiva de similaridade entre os grupos que disputavam as eleições, o magazine mostrava Getúlio Vargas “fantasiado de aeroplano”, perguntando se teria feito um melhor voo em meio à opinião pública, ao que o seu interlocutor, Júlio Prestes em trajes histriônicos, respondia que poderia até ser, entretanto, assim como no carnaval, em política, “tudo” não passava “de fantasia”. Já em uma cena do cotidiano, enquanto uma mulher dizia ter se entusiasmado “com o *liberalismo* do Getúlio”, o homem afirmava que apreciara mais “as *liberalidades* do Júlio”, em alusão ao amplo uso da máquina governamental em favor da chapa situacionista. Dentro de uma urna, o “Povo” se referia à fraude eleitoral, de modo que, dentro de uma urna, conversava com figura feminina que representava a “soberania” popular, dizendo-lhe que colocara ali o nome de seu candidato, mas não teria certeza se o seu voto não saíra “com o nome trocado”. Frente à afirmação de um “sonhador” de que houvera a “consagração de um candidato eleito pelo povo”, uma mulher que designava a “politicagem”, utilizando-se da faca da “depuração”, desfazia tal “eterno sonho”. A dicotomia entre “liberdade” e “liberalidade” no seio dos costumes políticos era mais uma vez demonstrada em uma excursão de automóvel, na qual, ao aproximar-se de Minas Gerais, o passageiro recomendava o retorno, tendo em vista as nuvens negras que cercava a região, referindo-se à continuidade das disputas políticas²¹.

²¹ CARETA. Rio de Janeiro, 8 mar. 1930.





COISAS DE CARNAVAL



O MASCARADO — Então você não acredita que assim fantasiado de aeroplano eu voei melhor nos ares da opinião pública ?

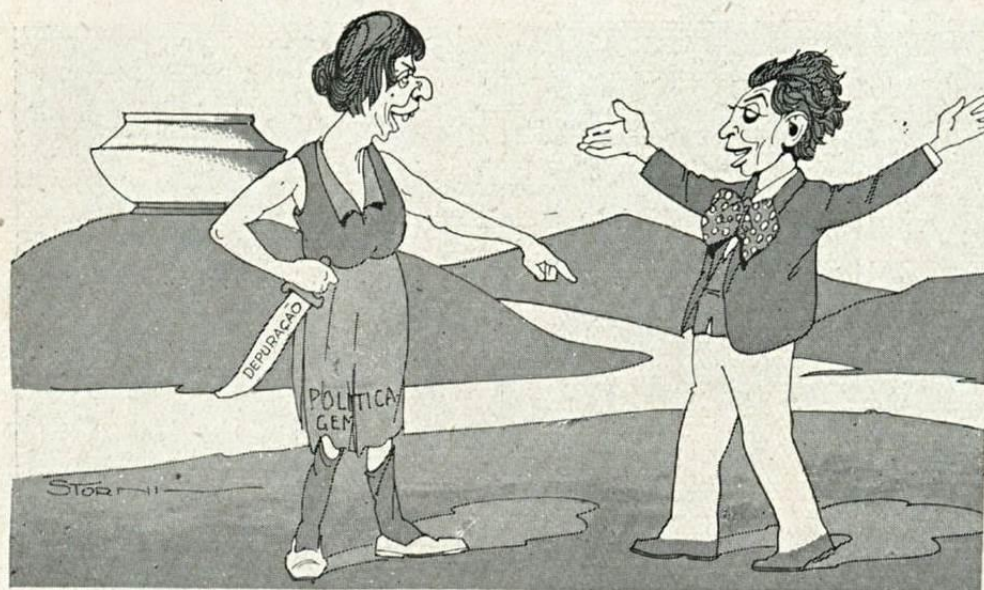
O OUTRO — Pode ser, mas em politica como em carnaval, tudo isso não passou de fantasia...



22

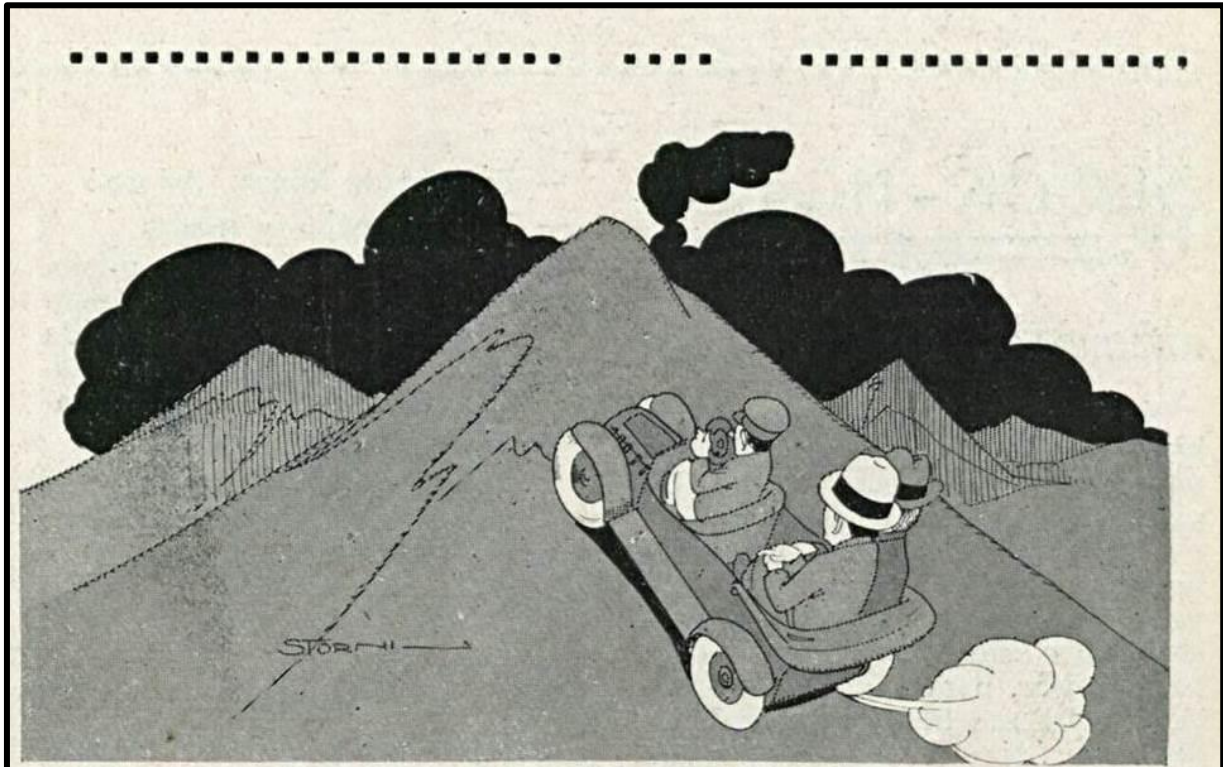
Careta

O ETERNO SONHO



O SONHADOR — E vimos então o magestoso espectáculo da consagração de um candidato nacional eleito pelo povo!

ELLA — Pois sim! No frigr dos ovos que veremos a manteiga que os frigiu...



- EXCURSIONISTA — O que ha do outro lado da serra ?
○ CHAUFFEUR — E' Minas. A terra da liberdade, de onde partiu o primeiro grito da «liberalidade»...
○ EXCURSIONISTA — Então vamos voltar porque ainda estou vendo tudo tão preto !...

As inter-relações entre as eleições e a época carnavalesca se manifestavam em outra caricatura na qual um indivíduo estranhava o fato de que o outro tinha ido votar fantasiado, ficando relevado o controle direto sobre o eleitor, que reconhecia ter mantido a fantasia, uma vez que, na condição de funcionário público, tivera de utilizar “a máscara oficial”. A disputa eleitoral também foi apresentada pelo semanário como o enfrentamento entre dois blocos de carnaval, o dos governistas, liderados por Júlio Prestes, e denominados de “os gabirus do ‘Catete’”, e o dos “mimosos da Aliança”, com a presença do candidato Getúlio Vargas. Com a passagem do sufrágio, o periódico sintetizava o confronto com desenho no qual Vargas e Prestes disputavam a posse da cadeira presidencial²². Enquanto a alegoria feminina da pátria republicana imaginava que após as eleições formara-se “um profundo abismo” no país, o “Zé Povo” tranquilizava-a, dizendo que ela seria “muito ingênua na interpretação do espírito da nacionalidade política” brasileira, apontando para um ponte que daria lugar à “passagem dos *aderentes*”, referindo-se aos acordos políticos que deveriam se seguir. Frente ao olhar debochado do “povo soberano”, vestido em farrapos, a mulher que designava as “finanças” mostrava-lhe os cofres públicos completamente vazios, identificando ali “as verdadeiras vítimas da grande batalha eleitoral”. Outra caricatura mostrava o “Jeca/Brasil” lutando para caminhar em direção ao “progresso”, desempenhando um esforço descomunal para carregar a “política”, uma figura feminil obesa que se encontrava atada aos seus pés²³.

²² CARETA. Rio de Janeiro, 8 mar. 1930.

²³ CARETA. Rio de Janeiro, 15 mar. 1930.



OS MIMOSOS DA ALLIANÇA



Bloco dissidente que concorreu com os gabirús do "Cattete" aos votos dos carnavalescos do Sabbado de Carnaval.

34

Carota

EM QUE FICAMOS?



J. P. — Esta cadeira é minha...

G. V. — Esta cadeira é minha.



COFRES FEDERAES E ESTADOAES



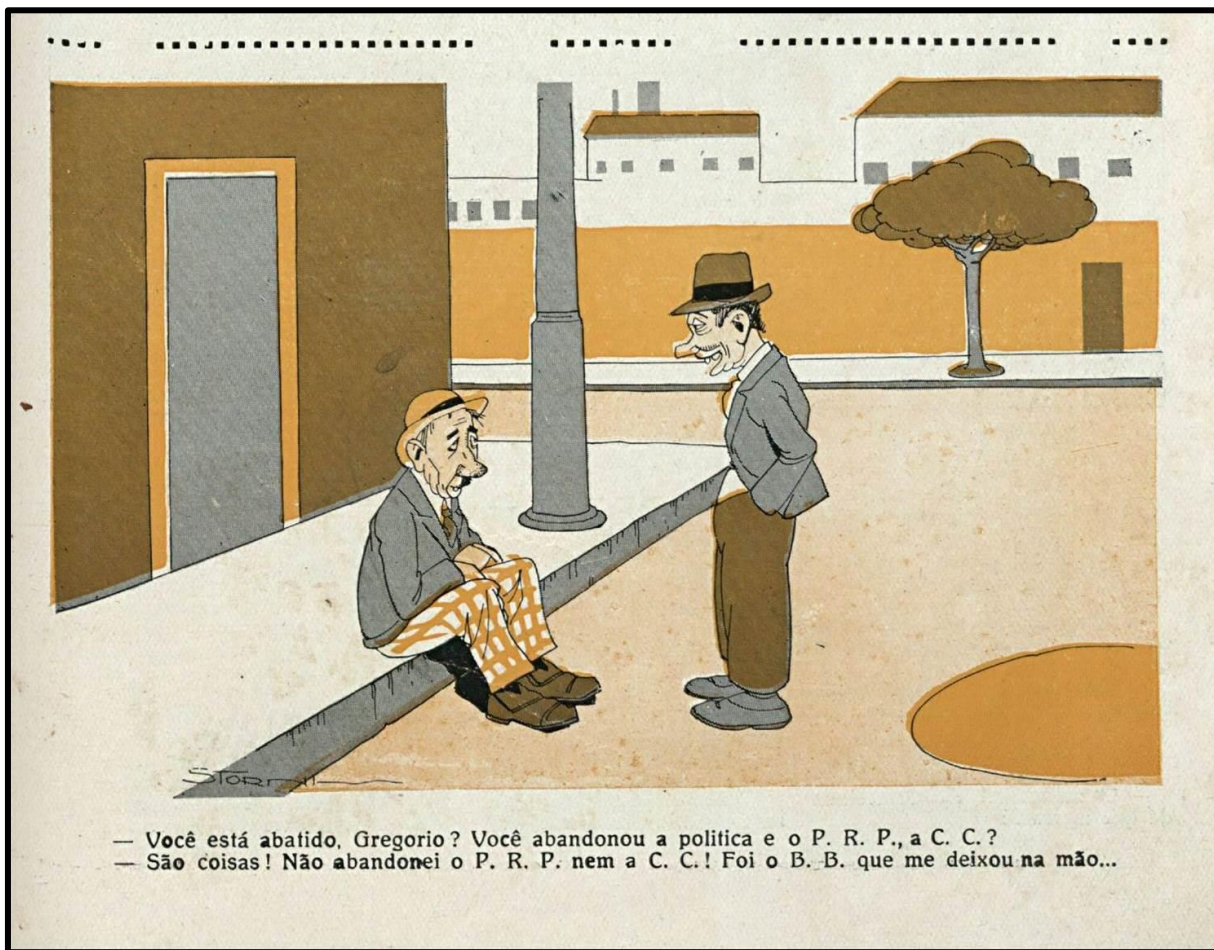
ELLA — Eis aqui, povo soberano! Eis aqui as verdadeiras victimas da grande batalha... eleitoral!



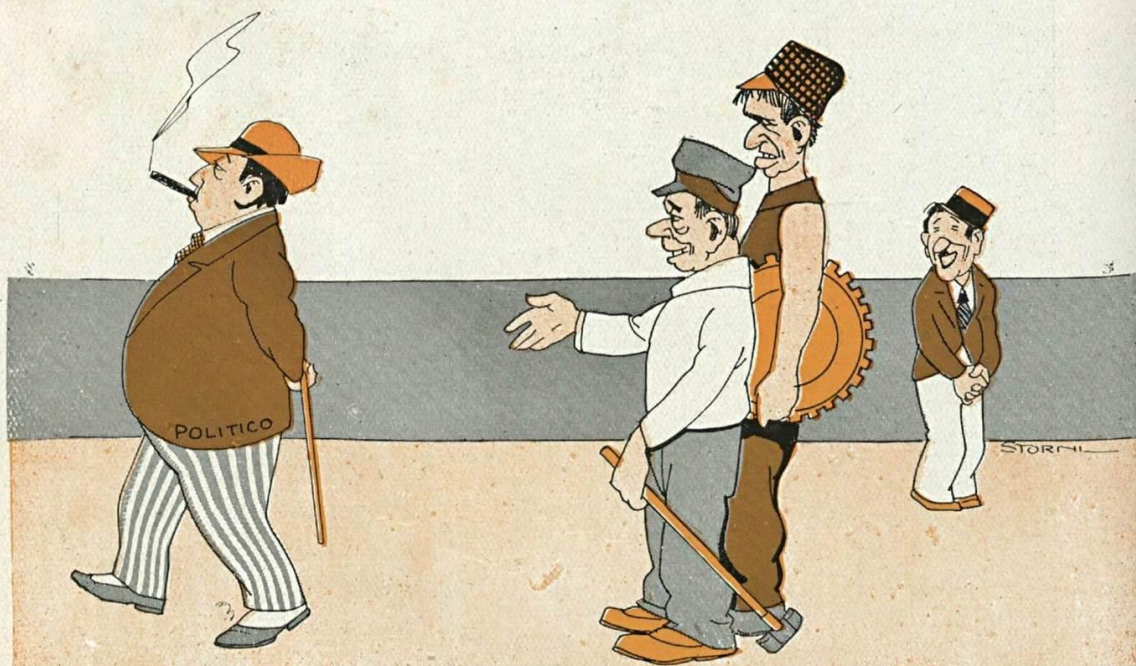
Uma caricatura que retratava uma cena cotidiana trazia em si também o conteúdo político, com o diálogo entre dois homens, um deles desenhado, sentado à calçada e explicando ao outro que sua tristeza não advinha das disputas dos partidos que acompanhava e sim porque o Banco do Brasil havia lhe negado dinheiro. O descaso dos políticos para com os eleitores após as eleições também figurou nas páginas da *Careta*, aparecendo a constatação do “Povo” de que tais votantes seriam “os eternos ludibriados”²⁴. O tema recorrente da dilapidação das verbas públicas surgiu mais uma vez, com uma série de funcionários realizando um “expurgo” em um prédio no formato de um cofre, preparando-o “para o novo inquilino”. Interpelada por um “eleitor independente” se deveria andar nua, a alegoria feminina da “verdade eleitoral” afirmava que “eles” – em relação aos políticos – que ela se achasse coberta de “molambos”, uma roupa velha e esfarrapada identificada com as fraudes eleitorais. A questão da apuração dos votos foi também retratada na forma de uma batalha entre “aliados” e “conservadores”, que, tal qual soldados, à beira do abismo, disparavam canhões que, ao invés de balas, espalhavam números. Segundo a folha humorística, independente do resultado das urnas, as consequências para o povo brasileiro não seriam favoráveis, como ao mostrar o Jeca caindo em um precipício, diante da presença de São Pedro que lhe informava que daquela vez ele teria de se virar sozinho, pois não haveria nenhum tipo de intervenção divina²⁵.

²⁴ CARETA. Rio de Janeiro, 15 mar. 1930.

²⁵ CARETA. Rio de Janeiro, 22 mar. 1930.



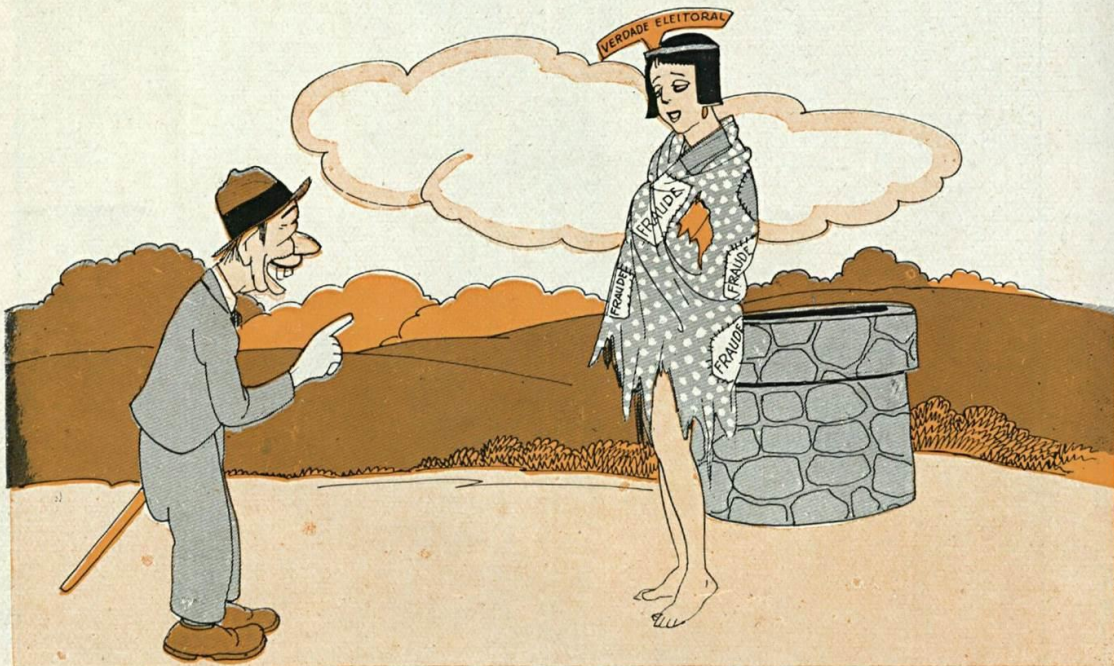
DEPOIS DA ELEIÇÃO



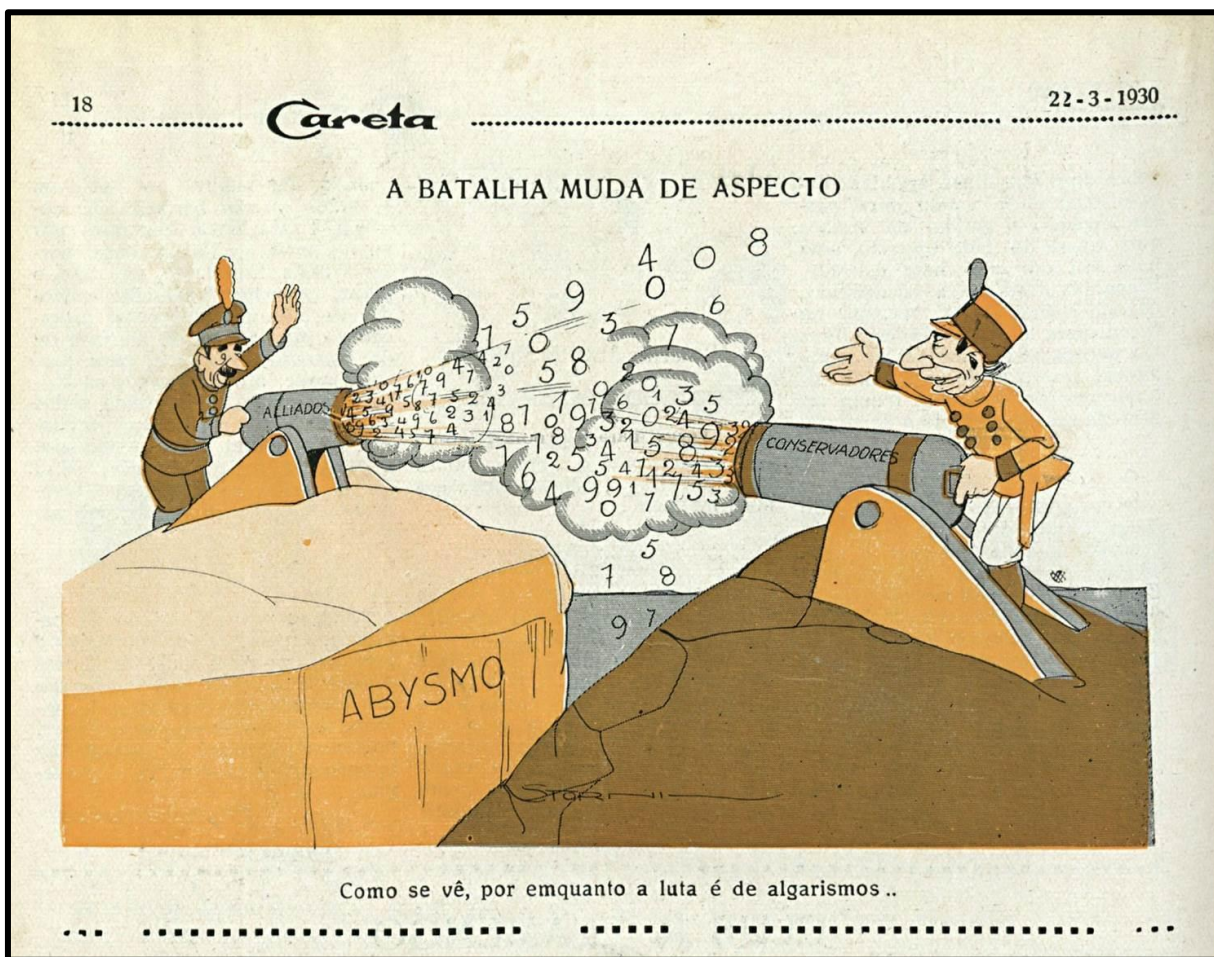
OS ELEITORES — Dr ; aqui estamos. Queremos saber das promessas...
O DEPUTADO ELEITO — Agora não os posso attender. Voltem para a semana.
O POVO — São os eternos ludibriados, todos os quatriennios compram o mesmo bonde.



VERDADE ENCOBERTA



O ELEITOR INDEPENDENTE — Então como é isso? A senhora deve andar nua, bem nua!
ELLA — Não me deixam. «Elles» acham que é mais decente andar assim coberta com estes molambos.



A BEIRA DO CLASSICO ABYSMO



S. PEDRO — E' escusado. Desta vez Deus não te poderá atender. Segura-te como puderes...

Quanto aos políticos derrotados nas urnas, a publicação mostrava um catraieiro disposto a levar um deles para a “Ilha das ostras”, em alusão ao ostracismo que o mesmo viria a sofrer até o próximo pleito eleitoral²⁶. Em um quarto que continha a constituição rasgada e o retrato que traduzia o surgimento da forma de governo prestes a cair, sentada em uma cama quebrada, a dama republicana chorava, dizendo-se enganada pela figura masculina que designava o “sufrágio”, o qual retorquia que ela bem o conhecia de modo que não deveria conservar ilusões a seu respeito. Em mais uma presença da mulher-república, com olhar compenetrado e triste, em direção à cadeira presencial que continham uma enorme espiga de milho identificada com a “situação financeira” do país, um indivíduo perguntava o motivo de tanta luta e agitação para disputar aquele enorme problema. Em sentido parecido, dois viandantes conjeturavam sobre os motivos de tamanho interesse na disputa por “um bonde tão estragado”, que se dirigia ao Catete, lugar onde estava o palácio que representava o poder presidencial. A respeito dos rumores pós-eleitorais, a revista mostrava uma cena de rua na qual o destaque era para um sujeito obeso, relacionado ao “boato”, que passaria “a andar solto pelas ruas”²⁷. Em um arremedo dos enfrentamentos nas arenas, a “Reação Liberal”, derrotada nas urnas, era apresentada como um minúsculo gladiador que teria de enfrentar um enorme bovino, identificado com o “avacalhamento”, que era considerado como “muito grande” para o adversário²⁸.

²⁶ CARETA. Rio de Janeiro, 22 mar. 1930.

²⁷ CARETA. Rio de Janeiro, 29 mar. 1930.

²⁸ CARETA. Rio de Janeiro, 5 abr. 1930.

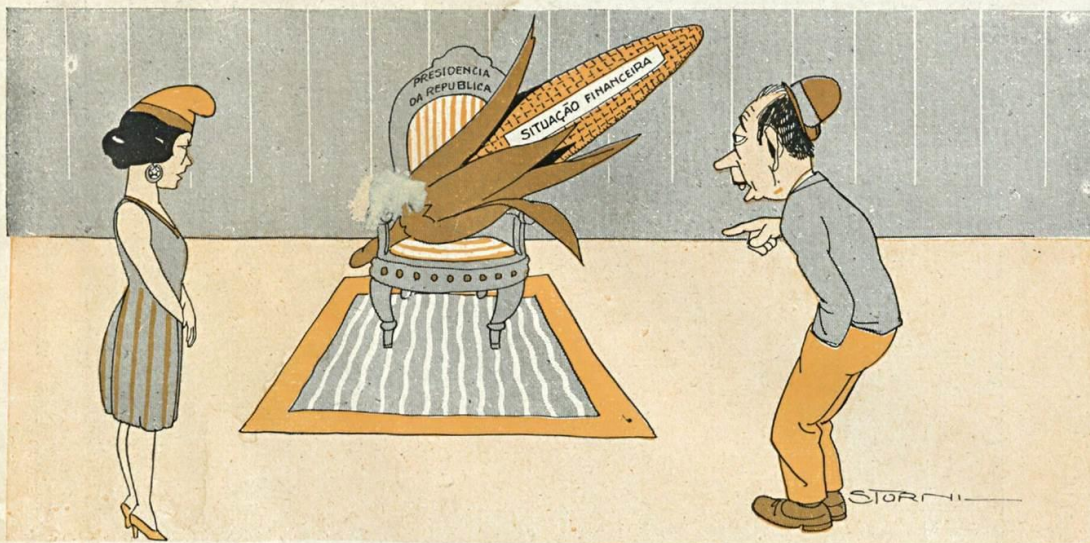
REPOUSO FORÇADO



O CATRAEIRO — Vamos, cavalheiro. Venha fazer uma excelente estação de águas naquela ilha...

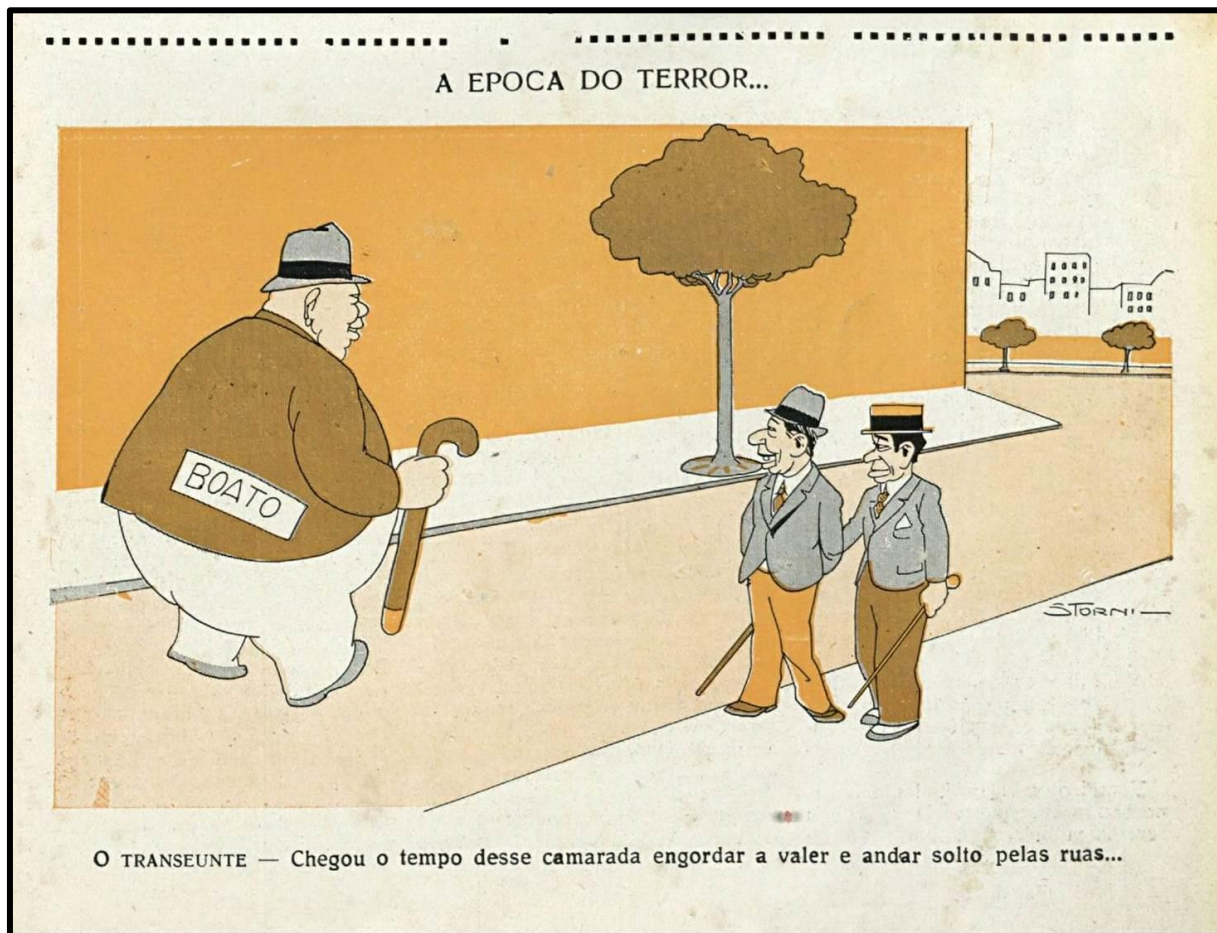


QUEM FICARÁ COM "ELLA"?



ELLE — Afinal, tanta luta, tanta agitação, para disputar essa *espiga*...



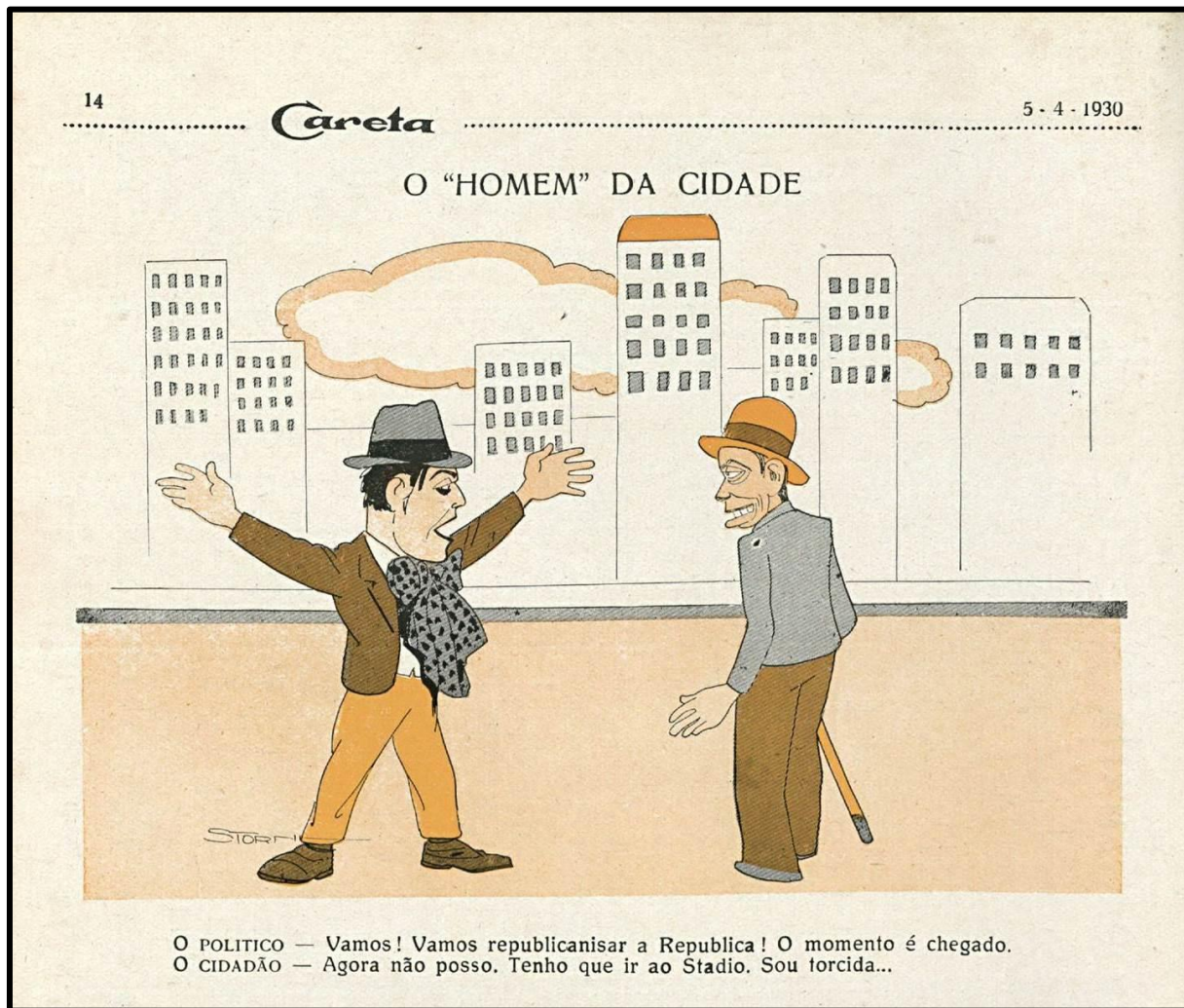




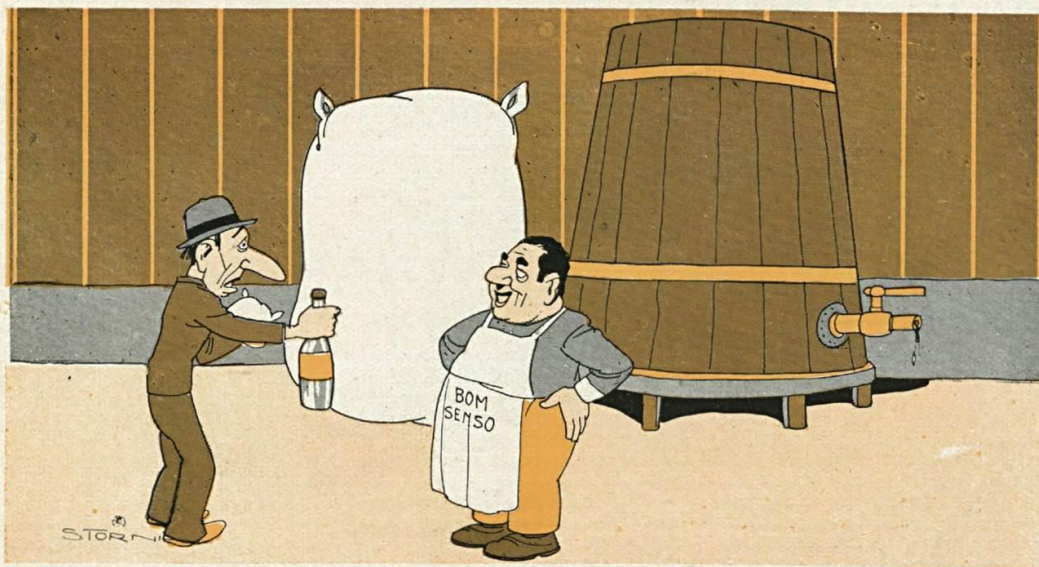
O pouco interesse popular acerca da política era demonstrado em desenho no qual “o político” incentivava o “cidadão” a “republicanizar a república”, mas a preferência deste era por torcer em um jogo de futebol. As identidades político-sociais entre as chapas que haviam disputado a Presidência eram indiretamente referidas nas palavras de indivíduo identificado como o “bom senso”, que esclarecia tratar-se de “vinho da mesma pipa” e “farinha do mesmo saco”. A desmotivação do Jeca para as lutas políticas aparecia na sua negativa em relação ao apelo de um “ardoroso republicano”, que pretendia marchar pela revolução. A postura ambígua do chefe rio-grandense Borges de Medeiros, que aparecia atravessando uma ponte improvisada, surgia em caricatura na qual um gaúcho consolava a chorosa dama que representava a Aliança Liberal, dizendo-lhe que aquele seria o comportamento comum de um “republicano histórico”. Diante de inscrições libertárias e populares à porta do Congresso, o Jeca declarava ao político que ele poderia ficar tranquilo, uma vez que, no interior da casa legislativa, “a escrita” seria “diferente”²⁹. A mulher-república, com uma vestimenta remendada e esfarrapada, voltava a figurar, perguntando se o Jeca estava a amolar uma enorme faca para a fazer a revolução, e recebia uma resposta negativa, servindo o instrumento cortante para dar uma “facada”, ou seja, pedir um empréstimo no inglês e no americano, representados respectivamente por John Bull e Tio Sam³⁰.

²⁹ CARETA. Rio de Janeiro, 5 abr. 1930.

³⁰ CARETA. Rio de Janeiro, 12 abr. 1930.



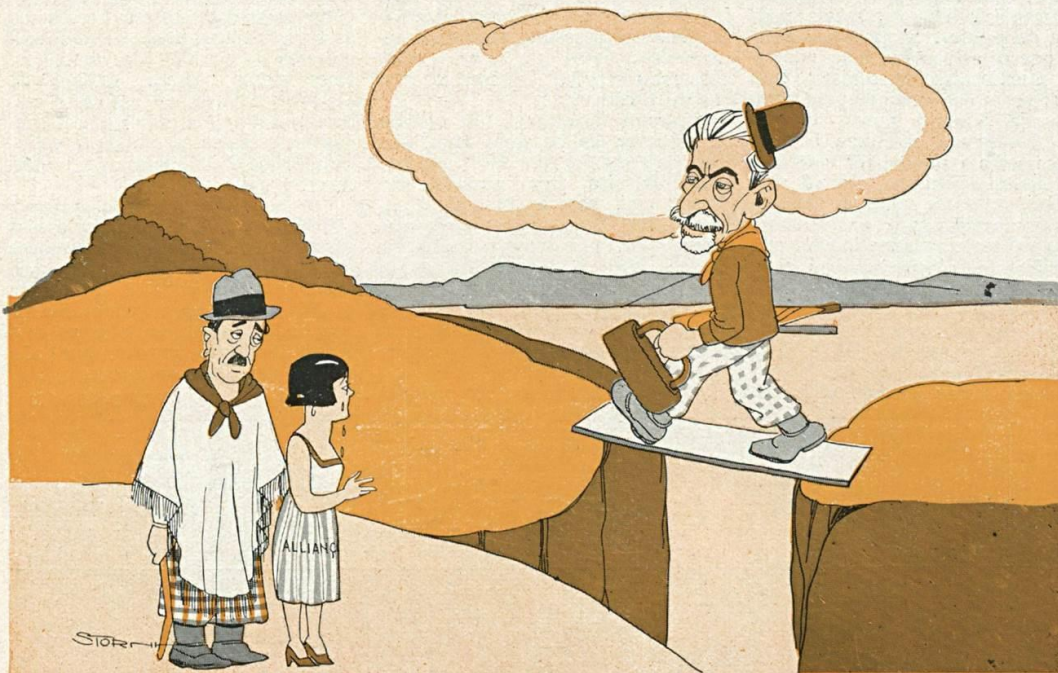
ENGANADO? NÃO!



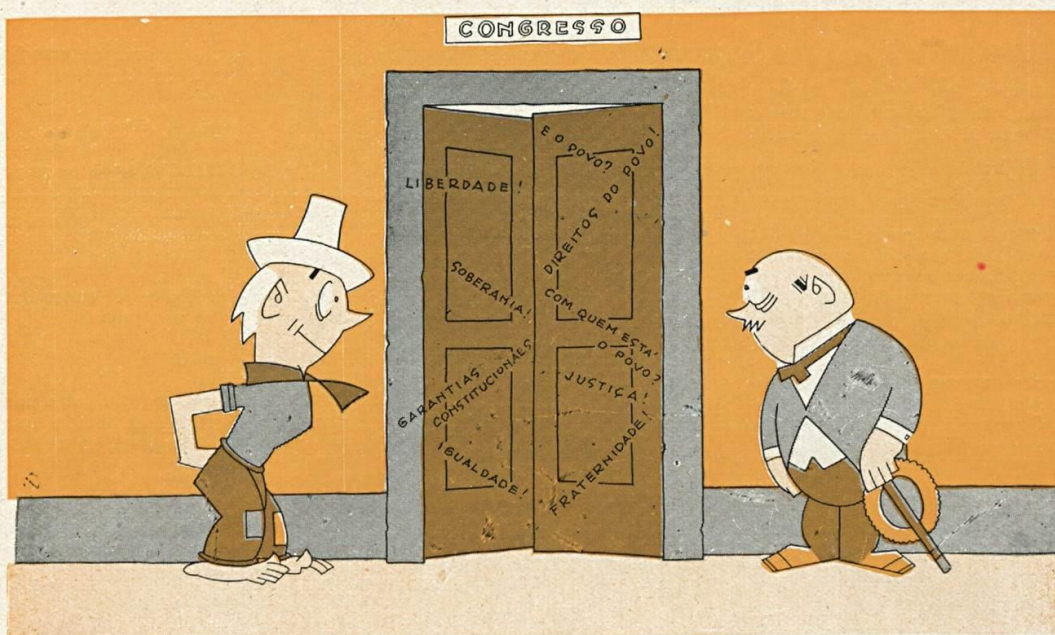
O BOM SENSO — Não aceito reclamações: Eu bem lhe prevenira que o vinho era da mesma pipa e a farinha do mesmo sacco...



PARA VARIAR...



UM GAUCHO — Não repare, *sia dona*, elle faz isso todos os quatriennios. E' um *republicano* historico...



— Entre, seu doutor. Não tenha medo dos letreiros. Lá dentro a escripta é diferente.



A dama republicana e o Jeca encontravam-se novamente, dessa vez como crianças que brincavam com os “bonecos do panteão republicano”, aos quais seria preciso “dar corda”, em alusão ao imobilismo dos políticos. A situação econômica do país era apresentada como caótica por meio de desenho no qual uma enorme rocha identificada com a “crise” e a “fome” ameaçava destruir o “Povo”. Um Jeca sertanejo alertava sobre os riscos de andar pelo sertão, não pela existência de cobras no mato e sim pela presença dos políticos. Uma perspectiva chistosa mostrava o gaúcho Borges de Medeiros montado em uma vaca, recebendo a orientação de que poderia amarrar sua montaria no obelisco do Rio de Janeiro, em referência à promessa feita pelos aliancistas sul-rio-grandenses em caso de vitória nas eleições. Passado o processo eleitoral, a revista mostrava que “o povo soberano”, após enaltecido para comparecer às urnas, voltava a ser abandonado em um brejo, cheio de sapos identificados com alguns dos males que lhe afligiam, como “carestia”, “dívida pública” e “crise de caráter”³¹. O caráter incerto e duvidoso de Borges de Medeiros após a derrota eleitoral voltava a figurar em ilustração na qual ele surgia como um indivíduo de duas caras, o qual não importava o lado para que estivesse virado, pois sempre apresentaria uma “frente única”, aludindo à frente formada pelos governistas e opositores gaúchos para apoiar a Aliança, mas também à “única frente” que o político possuía, ou seja, a sua³².

³¹ CARETA. Rio de Janeiro, 12 abr. 1930.

³² CARETA. Rio de Janeiro, 19 abr. 1930.

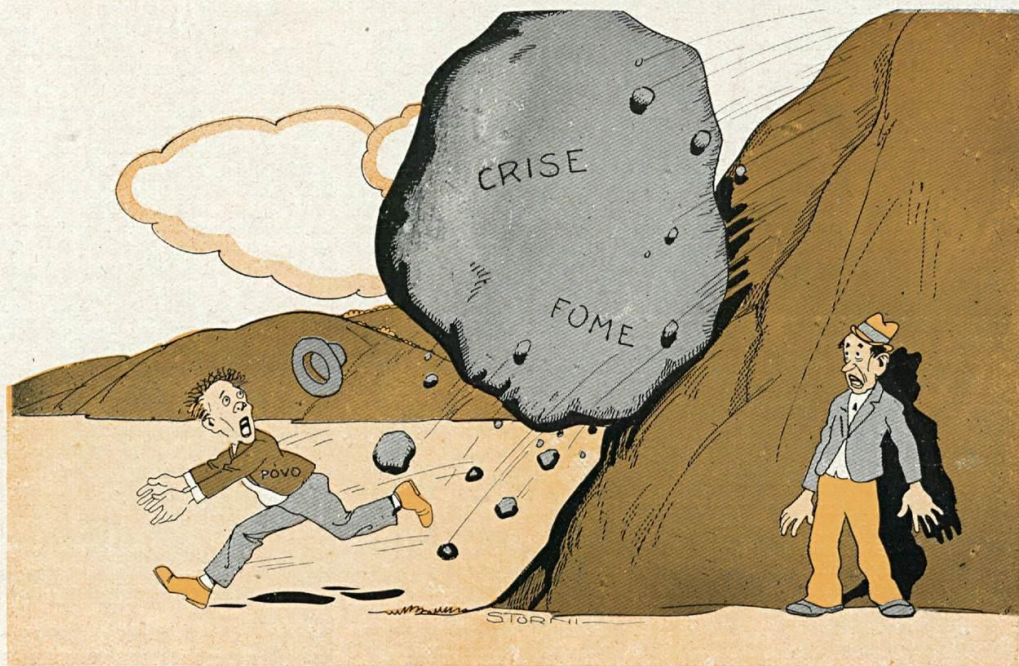
DIVERSÕES



A REPUBLICA — Que é isso, Jeca ?

JECA — E' preciso, de vez em quando, dá corda nesses bonecos do Pantheon republicano !

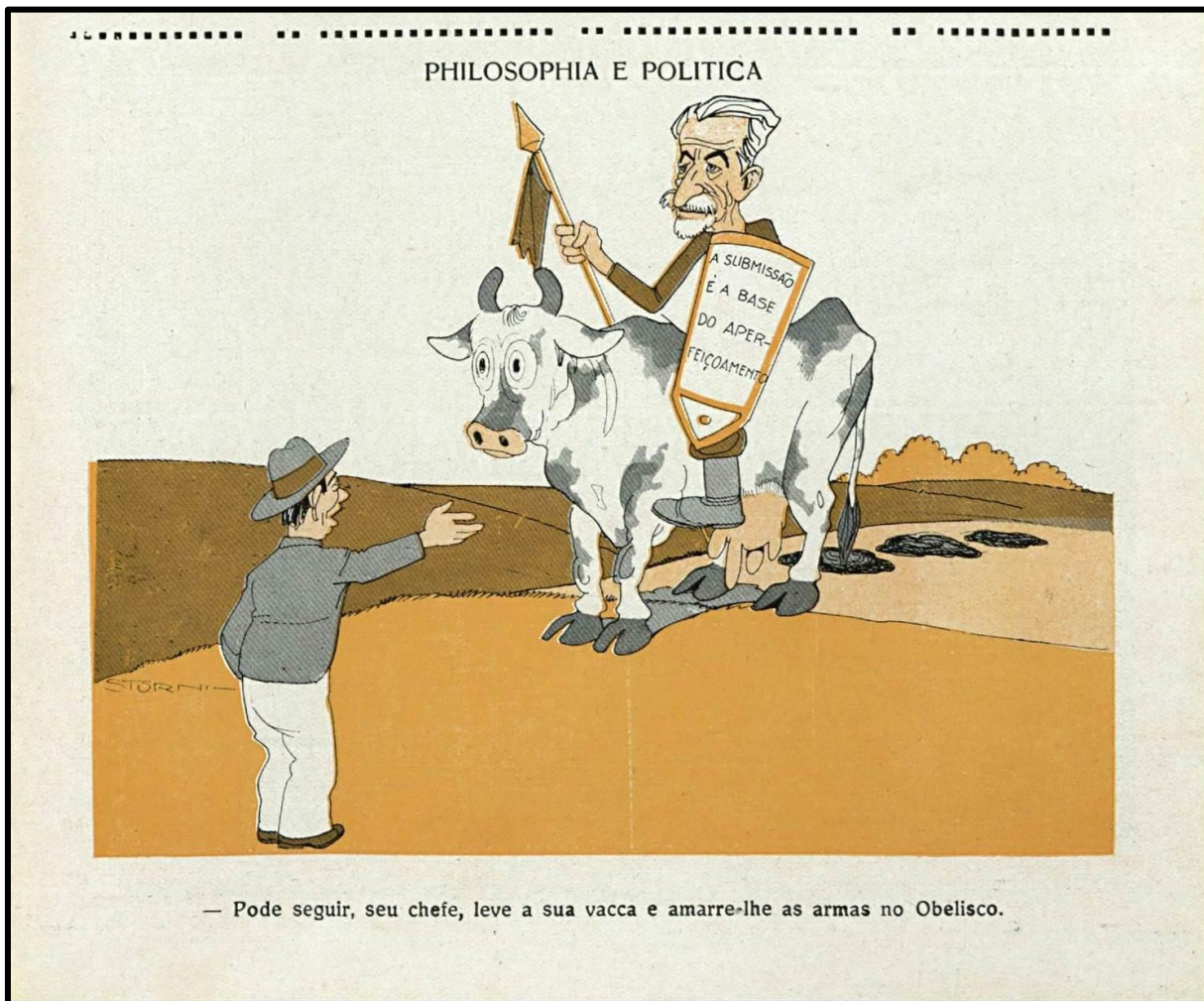
UM DITADO EM PONTO GRANDE



— Atraz dos apedrejados correm as pedras !



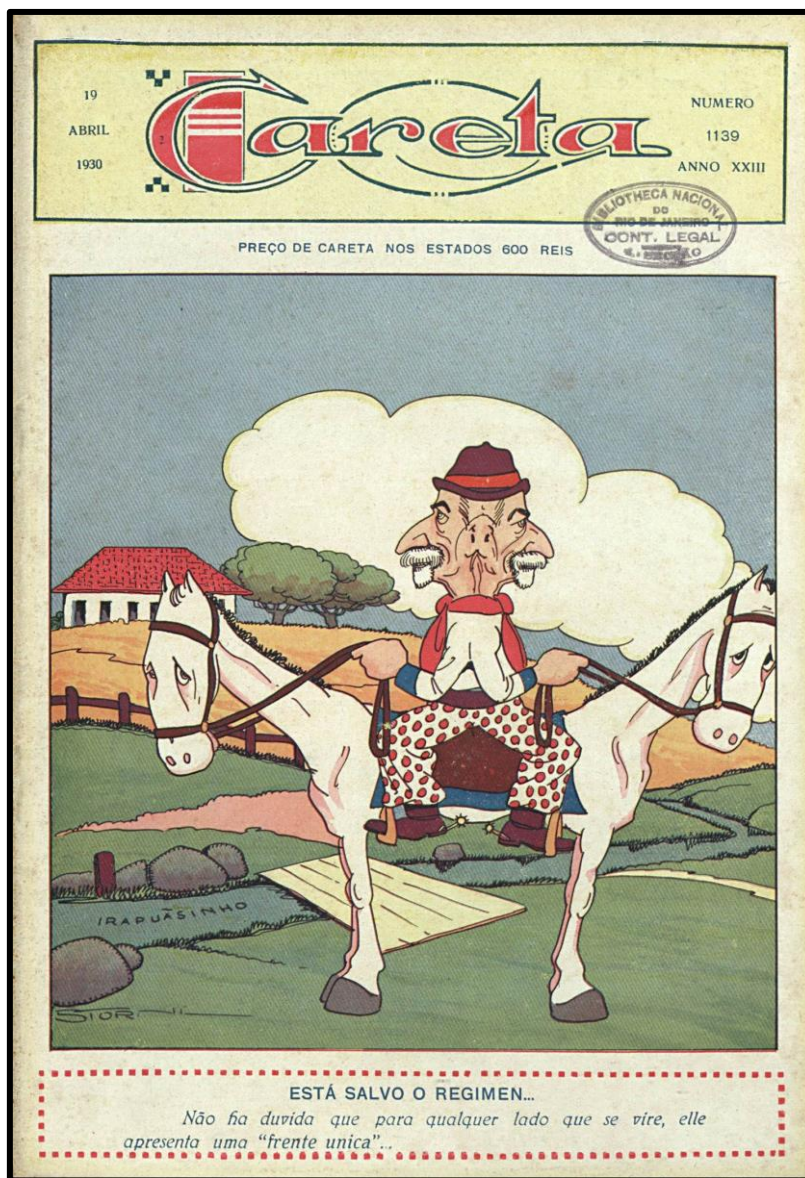
- Seu doutor, agora é um perigo andar no sertão.
- Tem muita cobra no matto ?
- Não é isso, não ; o que tem muito é *politica*.



DE QUATRO EM QUATRO ANOS



Ó POVO SOBERANO: Eis-me novamente atirado no lodo. Depois de lizongeadado, explorado e tapeado!...



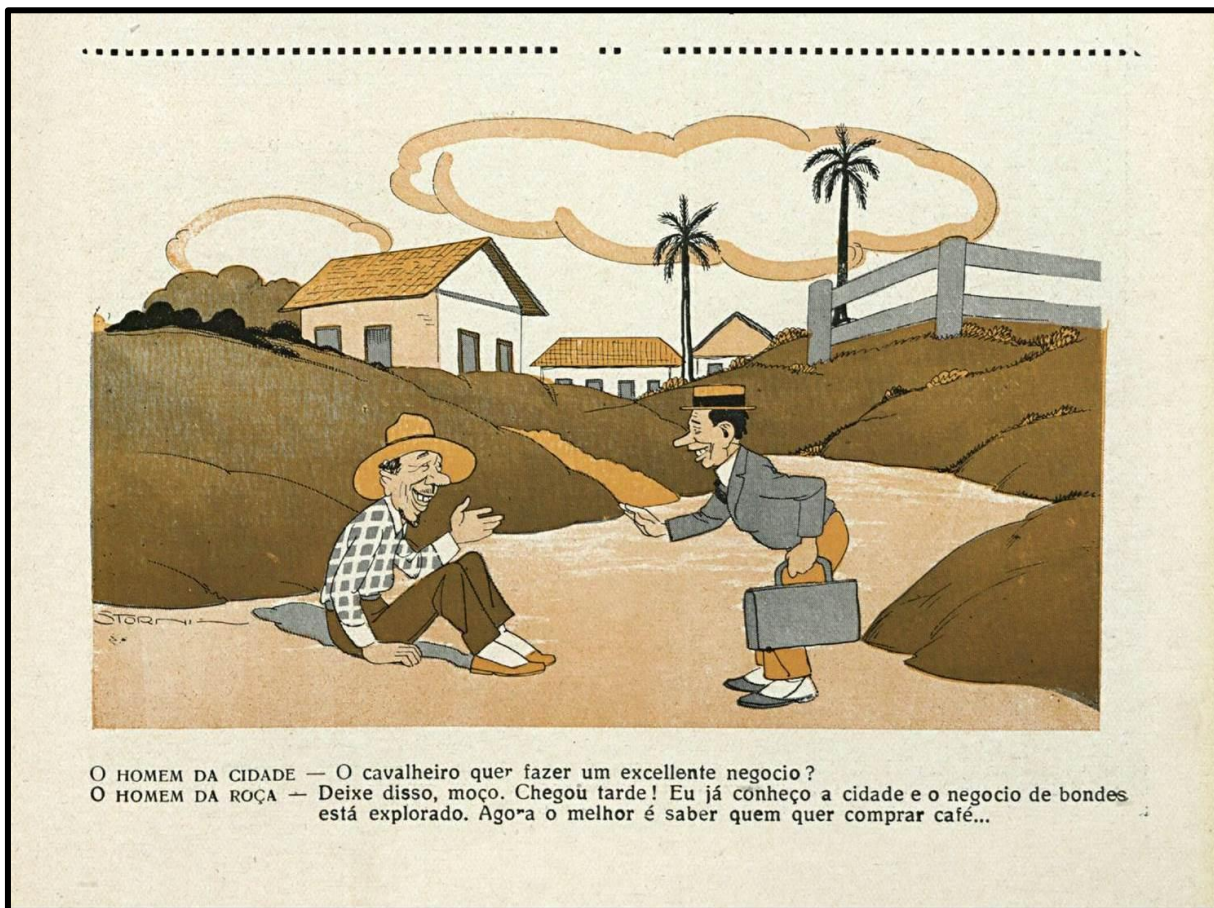
Levando em conta o nome da localidade que se revoltou contra o governo paraibano, discordando da orientação aliancista, a *Careta* mostrou Washington Luís como um jagunço, cujo companheiro carregava a Princesa – urbe revoltada – estando a negociar com o “príncipe” João Pessoa, os termos para a devolução da mesma. A partir da vitória governista, o periódico apresentou uma conversa entre um indivíduo citadino e um do âmbito rural, com aquele oferecendo uma oportunidade de negócio, ao que este recusava-se a fazê-lo em relação aos bondes – em referência a negociatas que teriam acontecido entre os derrotados governos mineiro e gaúcho –, dando preferência ao café – produto chave representado pelo candidato vencedor. O Partido Republicano Rio-Grandense era apresentado como um homem desfalecido que o aliancista gaúcho Batista Luzardo tentava reanimar, sob o olhar de um “popular”, que lhe dizia ser inútil a sua ação, pois aquele fora “vítima de *colapso bórgico*”, em mais uma indicação das incertezas em torno do posicionamento de Borges de Medeiros. A derrocada de Minas no apoio à Aliança ficava demarcada na tentativa de venda de um bilhete daquele Estado, que não era aceito pois lá tudo já estaria corrido. A Aliança Liberal era comparada a uma fábrica sobre a qual se comentava que não falira, apenas perdera “um dos sócios fundadores”, em mais uma referência à ambiguidade de Borges de Medeiros. A “impetuosidade” dos opositores era questionada por um “jovem aliancista”, que via Getúlio Vargas empinando sua montaria, ficando constatado que, ao invés de arrancar, ele preferira bancar a “estátua equestre”³³.

³³ CARETA. Rio de Janeiro, 19 abr. 1930.

NA PARAHYBA, COMO NOS FILMS...



O HOMEM BARBADO — Nós lhe devolveremos a «Princesa» si o senhor Príncipe concordar em entrar em negociações comnosco...





BILHETE BRANCO

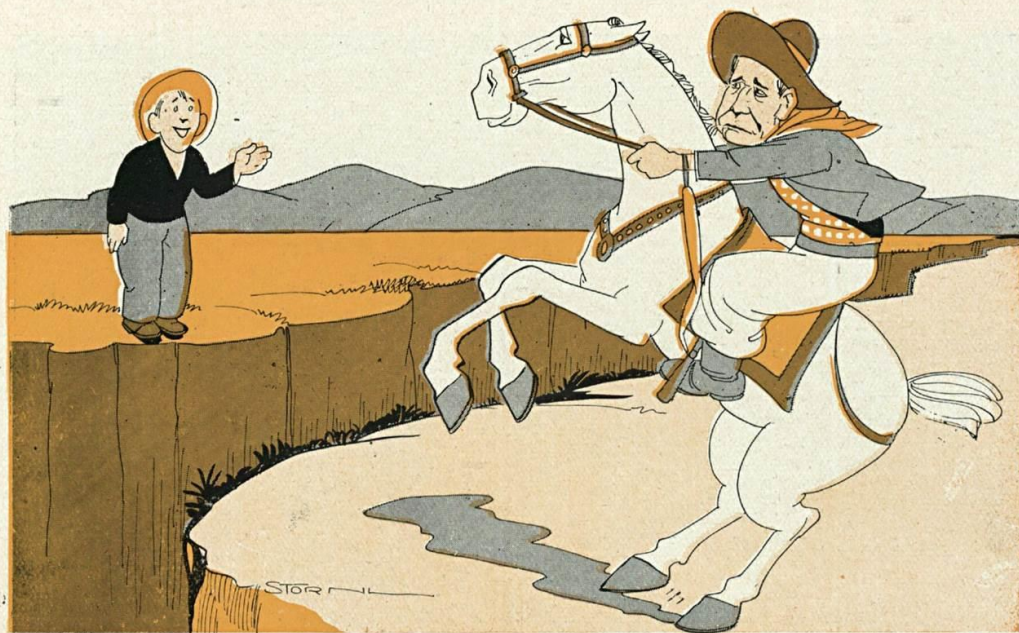


GAROTO — Freguez! é o ultimo de Minas!...

FREGUEZ — Não tenho fé. Em Minas já está tudo corrido...



IMPETUOSIDADE!

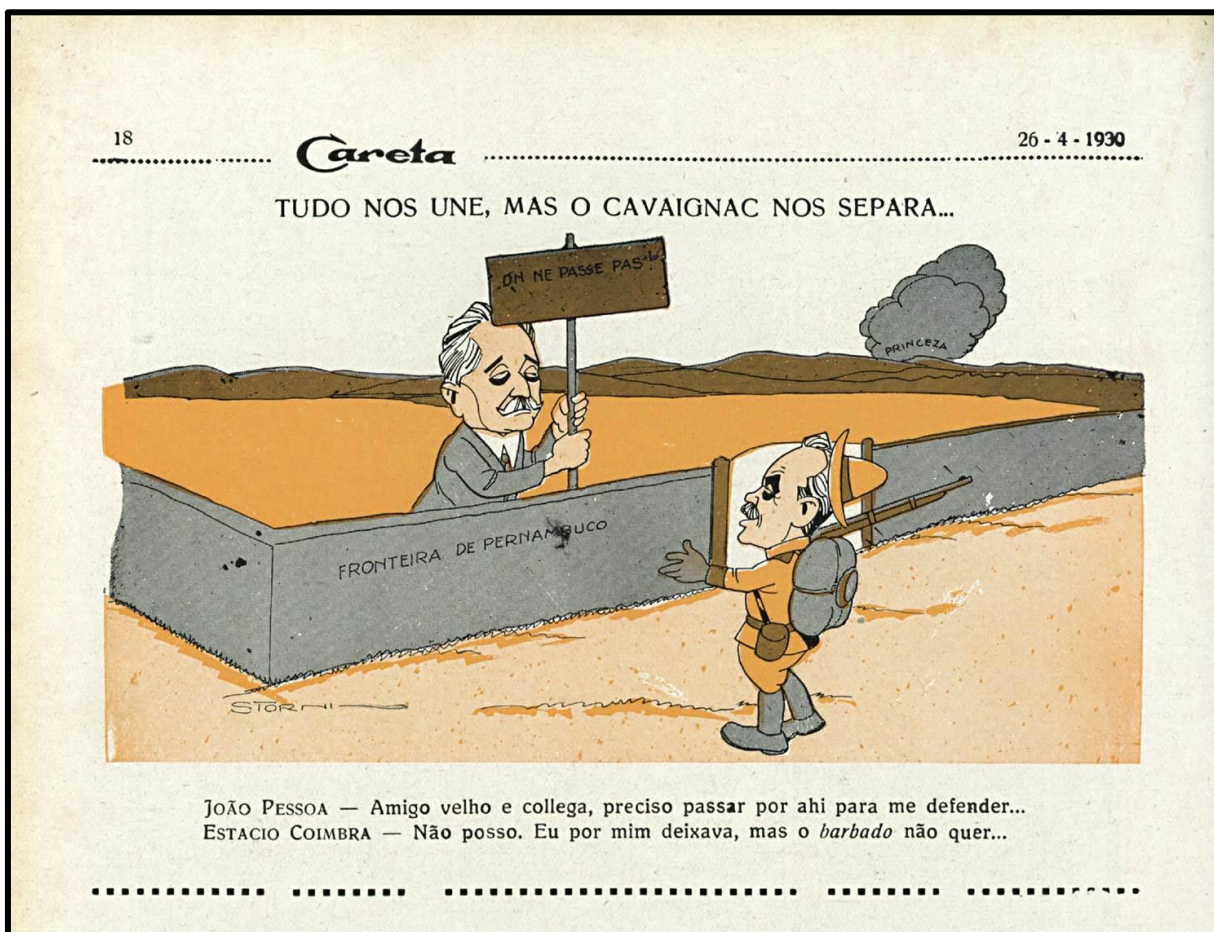


O JOVEN ALLIANCISTA: — Pensei que o chefe fosse dar um arranco, mas estou vendo que está bancando a estatua equestre...

As práticas de violência contra os cidadãos/eleitores típicas da República Velha foram igualmente denunciadas pela *Careta* que mostrava Washington Luís manipulando “uma máquina do outro mundo”, cuja grande finalidade era reservar cacetadas para os brasileiros. A pressão do governo federal sobre os aliancistas ficava evidenciada em pedido de apoio do paraibano João Pessoa ao governante pernambucano, Estácio de Albuquerque Coimbra, que se negava a fazê-lo tendo em vista a ação do Presidente da República. As fraudes eleitorais, também recorrentes à época, foram apresentadas através de figura feminina que representava a “junta apuradora”, manipulando uma manivela que trazia os resultados quanto aos supostamente escolhidos nas urnas. Levando em conta o momento do ano, vinculado aos feriados religiosos da Semana Santa, o aliancista gaúcho Batista Luzardo encarregava-se de carregar o “manifesto liberal”, desenhado na forma de uma cruz que, segundo o Zé Povo, o político teria de carregar sozinho. Sob o voo de um papagaio – representação comum dos parlamentares, por muito falarem e pouco fazerem – o “Povo” dizia à dama republicana que ela sofria em qualquer circunstância, ou seja, com o congresso fechado e sem manifestações, ou aberto, com a intensa atividade dos falastrões. Citando os reveses que estaria sofrendo o imperialismo britânico na Índia, a partir da resistência pacífica de Gandhi, o Jeca conjecturava acerca do que aconteceria com o Brasil se o conjunto de sua população resolvesse parar de pagar impostos³⁴.

³⁴ CARETA. Rio de Janeiro, 26 abr. 1930.

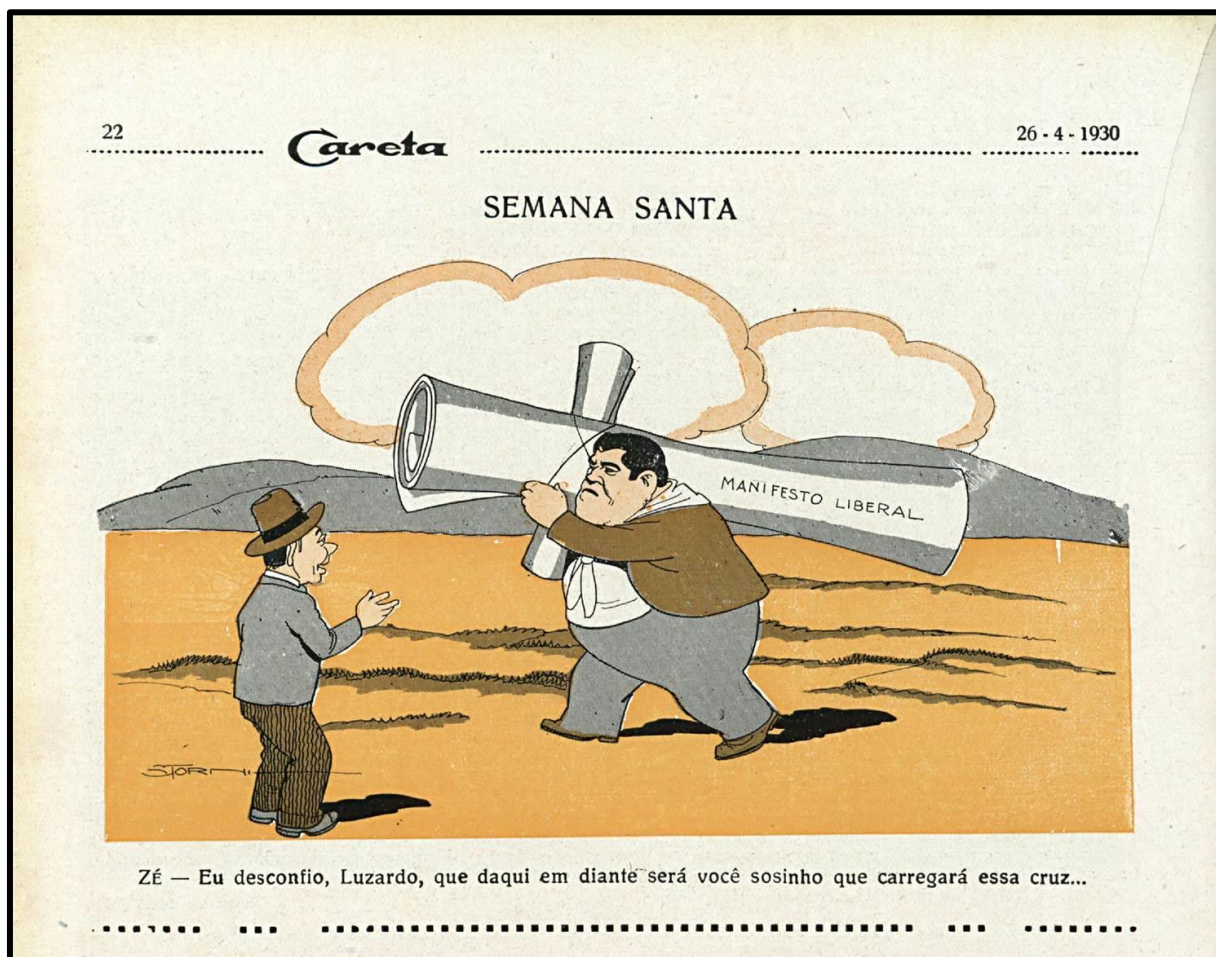




“A GUITARRA”



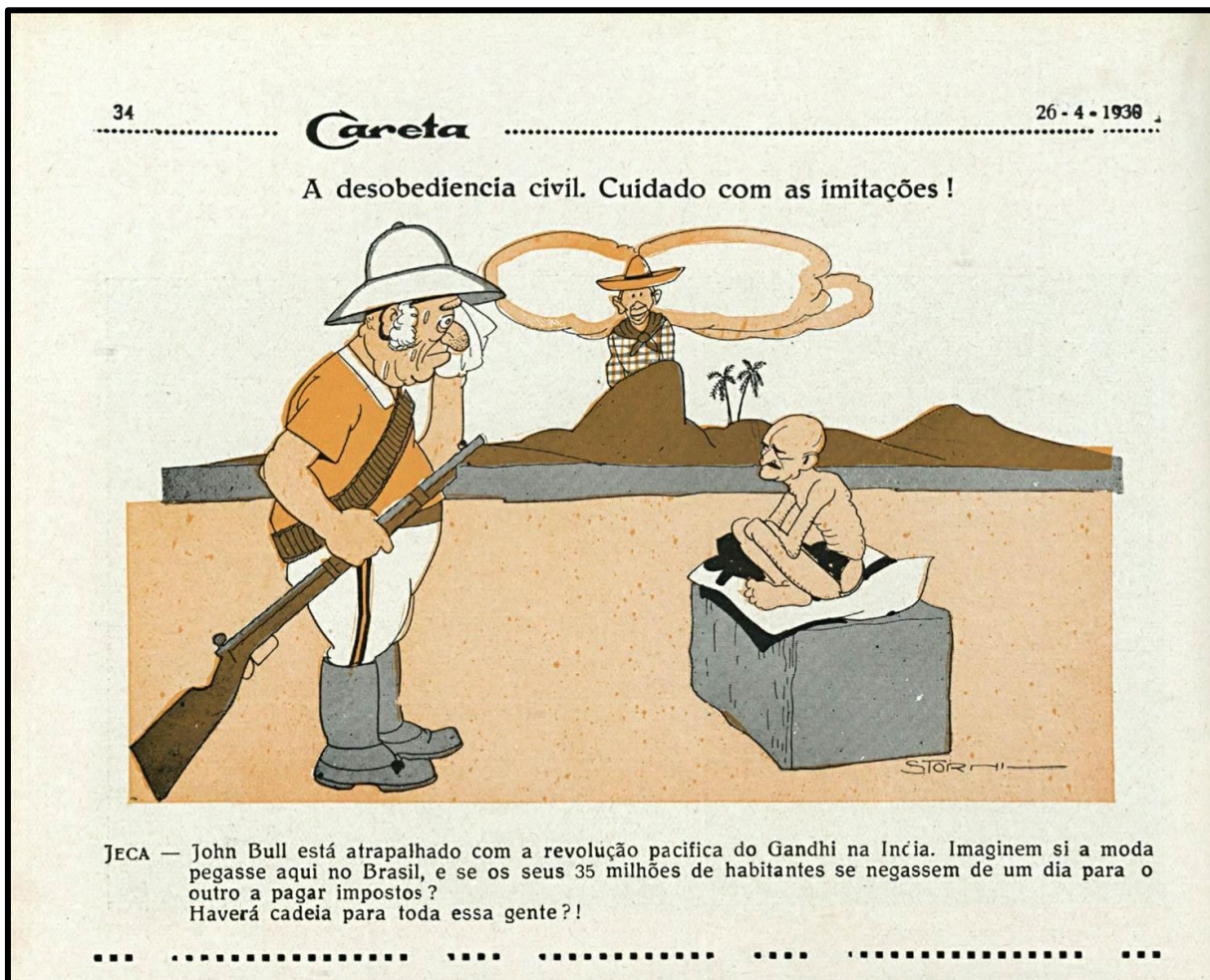
JECA — E esse *trofeu* funcionou bem ?
ELLA — Oh! Divinamente! Principalmente na Parahyba e em Minas ..



VAE REABRIR...



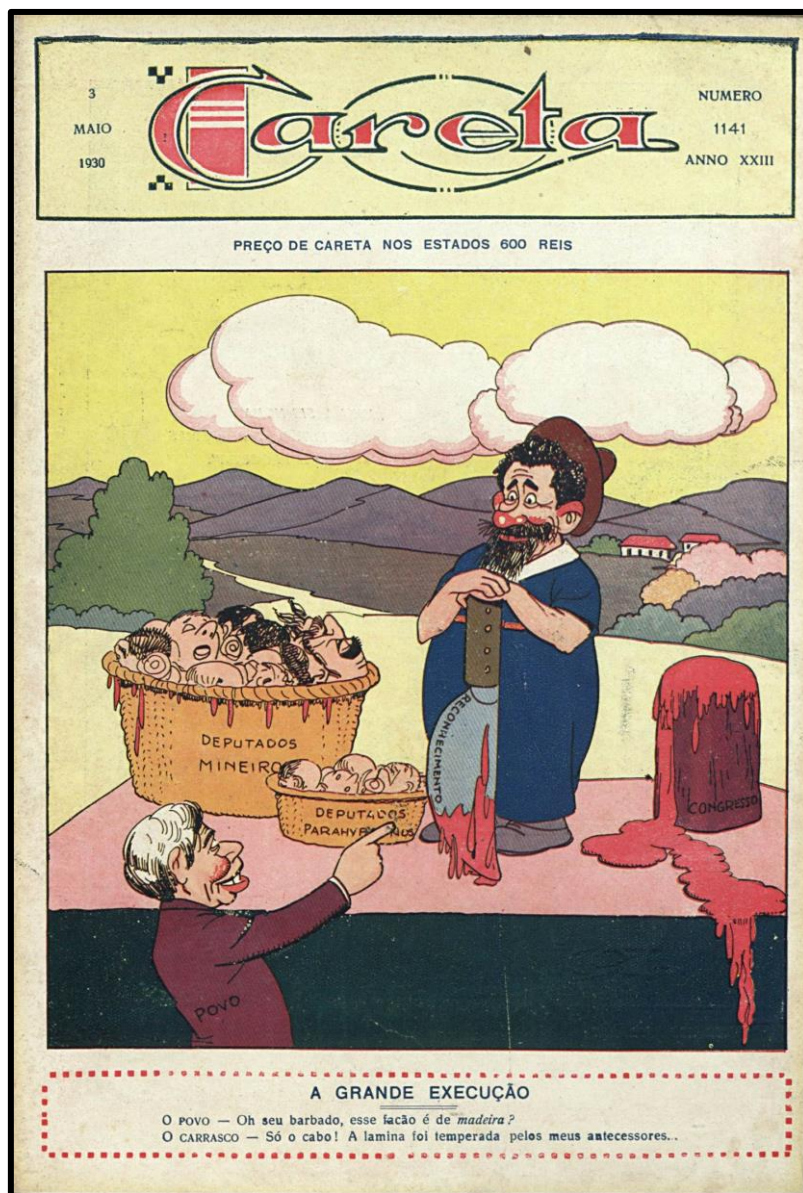
Povo — Você é uma vítima de qualquer maneira. Quando o congresso está fechado, você sofre as consequências da *calmaria silenciosa*, e quando abre, vem *psitacose legislativa* para te atrapalhar ainda mais.



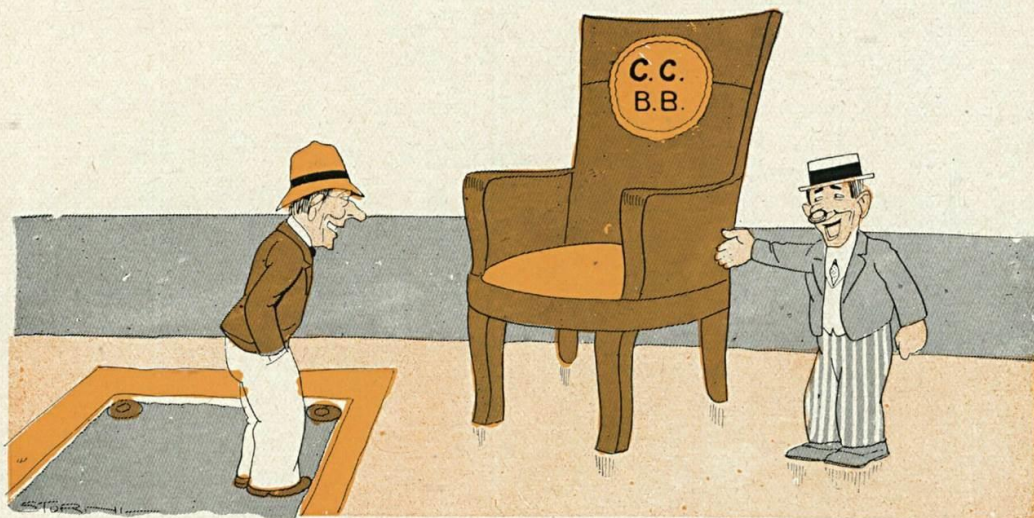
As perseguições governamentais contra os opositores ficava evidenciada em caricatura que demonstrava o não-reconhecimento de deputados mineiros e paraibanos, cujas cabeças eram arrancadas pelo carrasco, como se fosse, figurativamente, uma ação comum no Congresso Nacional. O mesmo tema vinha à tona em caricatura que mostrava as limitações impostas ao reconhecimento de deputados mineiros aliancistas, com a preferência dada aos governistas “conservadores”, tendo um de seus líderes Manuel Tomás de Carvalho Brito, além de haver uma referência a desmandos ocorridos no Banco do Brasil. As ações repressivas do governo federal contra a dissidente Paraíba chegaram a ser comparadas com a pressão do imperialismo estadunidense sobre a América do Sul. Também houve referências às discordâncias em meio aos aliancistas, como desenho no qual João Pessoa sofria com o vulcão da pressão governamental, sem contar com o apoio de Vargas, que fugia espavorido. O mesmo assunto também se manifestava por meio da ilustração de um bonde no qual apareciam como passageiros apenas o mineiro Antônio Carlos Ribeiro de Andrada e o gaúcho Batista Luzardo, sendo-lhes informado que o motorneiro e o condutor haviam mudado de veículo. A mulher-república e o povo brasileiro se espantavam com um enorme buraco que simbolizava a “dívida nacional”, agravada pelos “novos empréstimos”³⁵. O político mineiro voltava a figurar, abrindo as portas do Congresso Nacional para a entrada de uma “macacada”, designando grande quantidade de parlamentares que representavam a Concentração Conservadora³⁶.

³⁵ CARETA. Rio de Janeiro, 3 maio 1930.

³⁶ CARETA. Rio de Janeiro, 10 maio 1930.

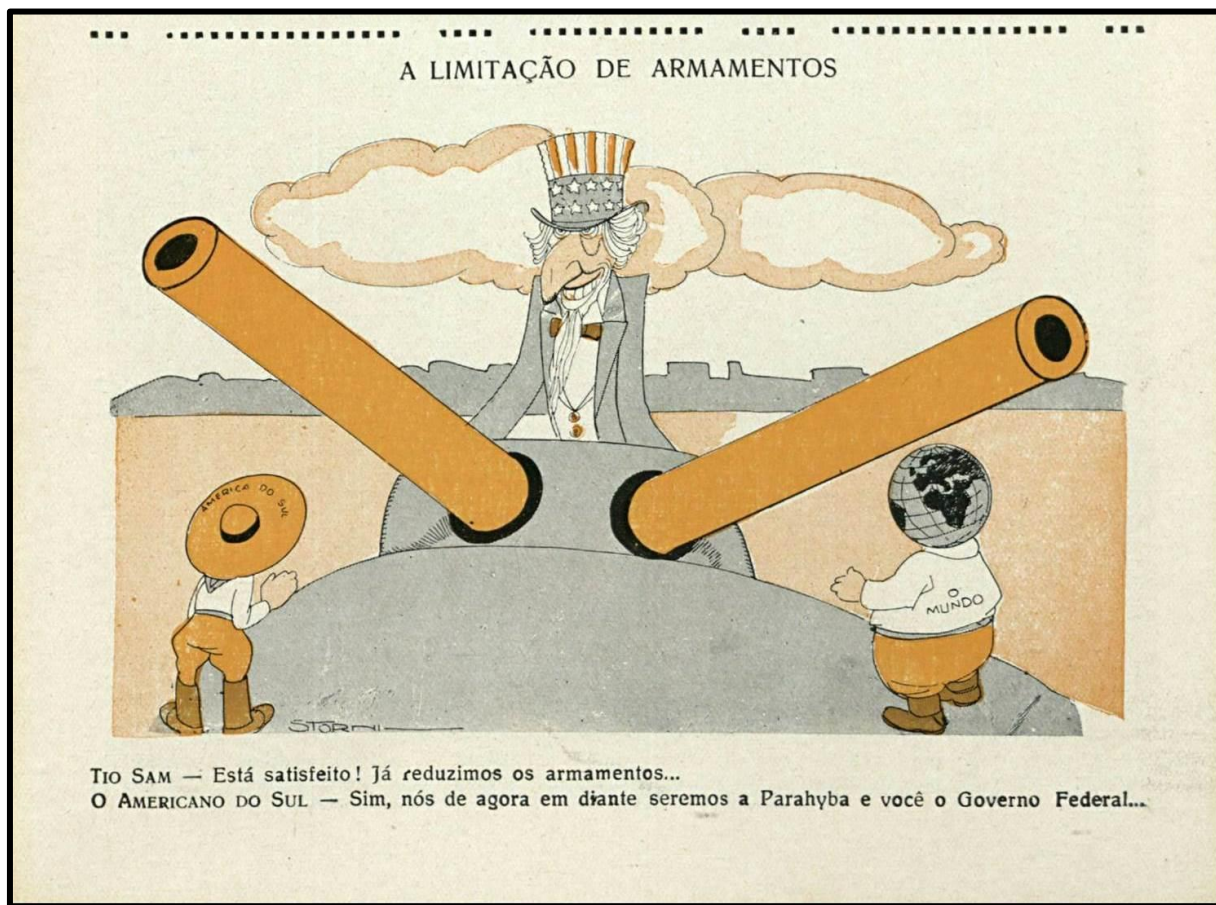


A NOVA CAMARA



— São as novas poltronas da bancada mineira. As iniciaes devem ser lidas como palavras cruzadas :

Horizontalmente: C. C. = Concentração Conservadora.
 B. B. = Banco do Brasil.
Verticalmente: C. B. = Carvalho Brito...

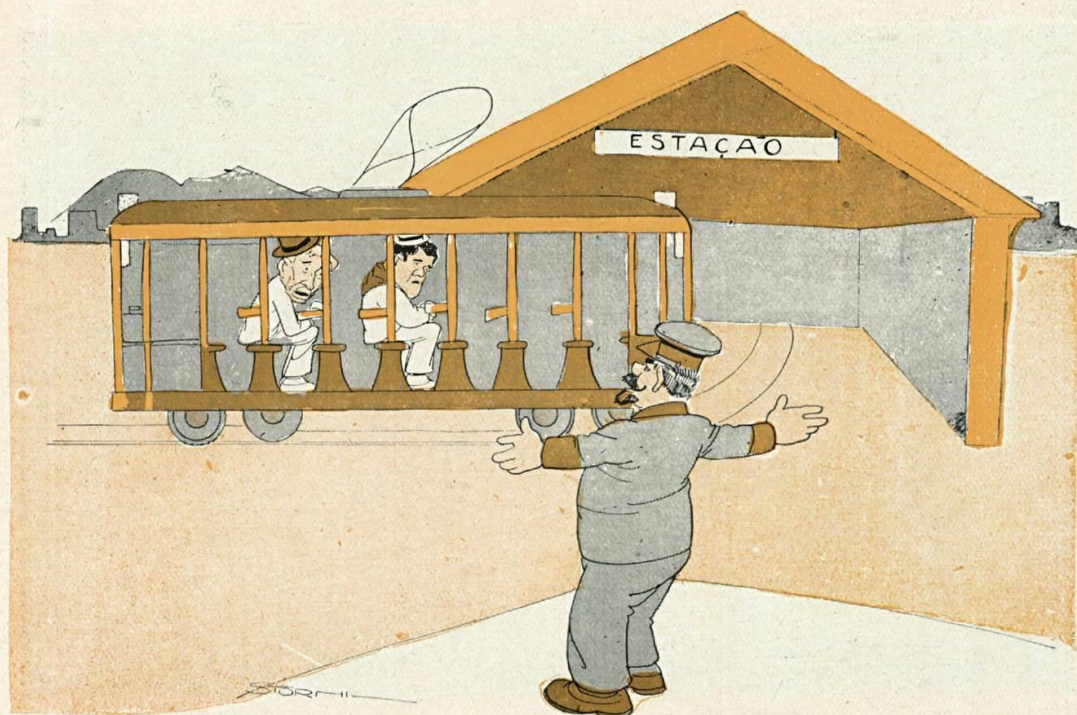


NADA MAIS OS UNE...



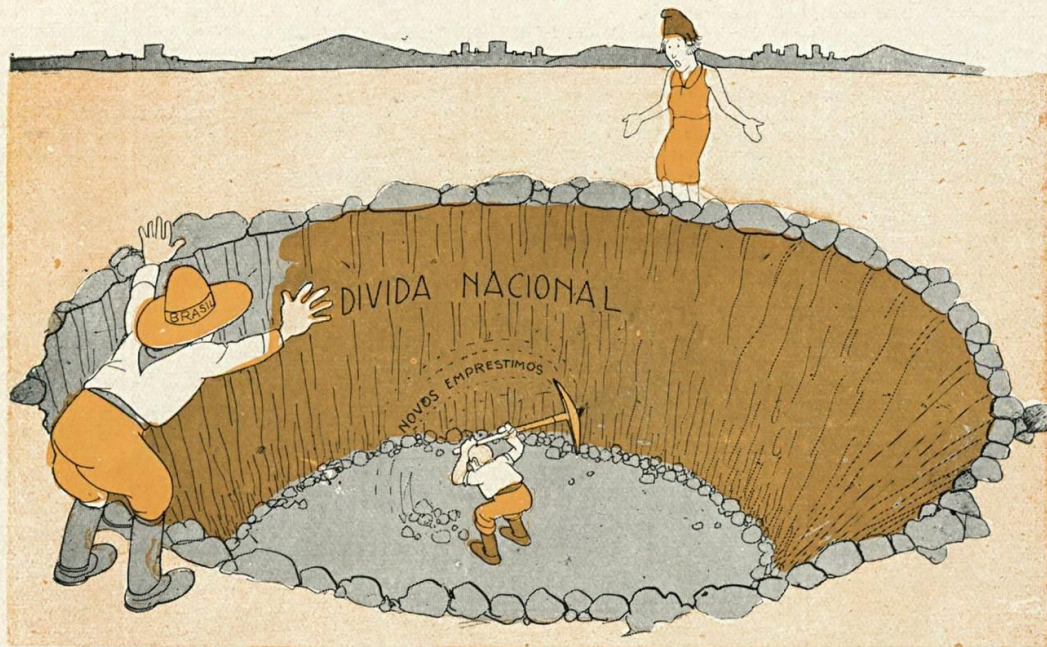
JOÃO PESSÓA — Acuda-me, gaúcho! Socorro!
O GAÚCHO — O barbado o favoreça!..

PASSAGEIROS RENITENTES...



O CHEFE DA ESTAÇÃO — O que vocês esperam ainda? O «bonde» já recolheu. O motorneiro deu o fóra e o «conductor» passou para outro carro...

QUE BURACO !



O BRASIL — Basta! Basta! Depois como vamos encher este buraco?
O CAVADOR — Só mesmo com as cabeças de todos aquelles que nos arruinaram.

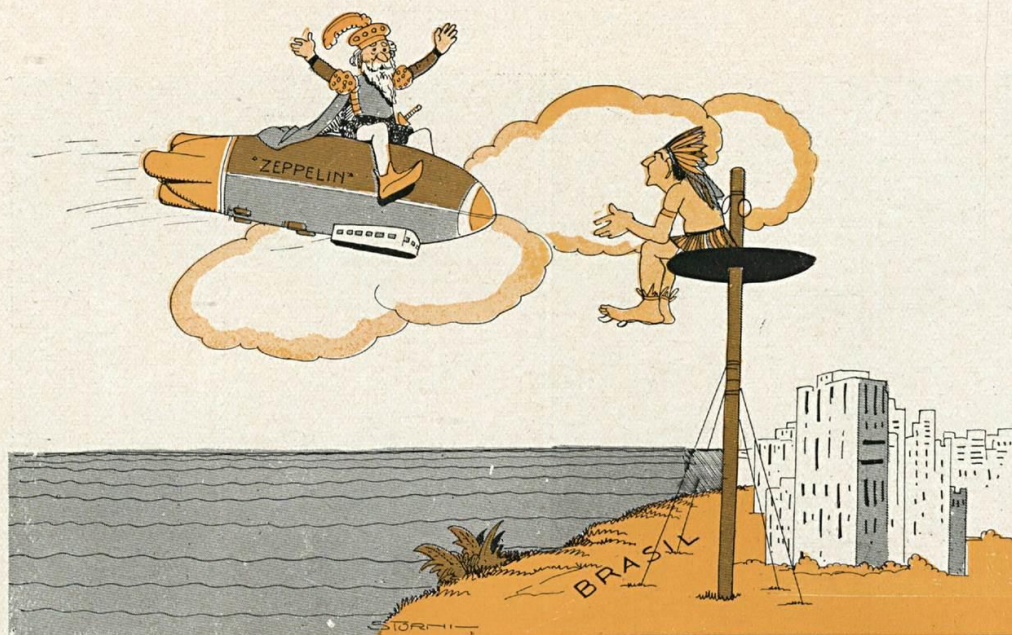
Moda e indumentária feminina serviam como pano de fundo para uma referência aos desvio de finanças, com um indivíduo conversando com a esposa acerca de não ter recebido tudo o que lhe fora prometido ao final da campanha eleitoral. O povo brasileiro, por meio de uma de suas representações mais tradicionais, a do índio, lembrava das tantas vezes em que fora empulhado desde a época colonial, primeiro com caravelas de depois com os escândalos em torno da aquisição de bondes, para finalmente chegar aos dirigíveis, em alusão à recente visita do Zeppelin ao Brasil. A publicação ilustrada apontava ainda para o “naufrágio liberal”, com a presença de aliancistas “na ilha das ilusões”, que remanesciam em suas esperanças expressas por meio de “manifestos”, embora a chama do “entusiasmo” já estivesse bastante desgastada. As dificuldades financeiras do país ficavam demarcadas a partir de um “Jeca-pescador”, que, sentando em um enorme barrete frígido, em alusão ao republicanismo, lamentava ter de buscar obter empréstimos desde 1889, com a instalação da nova forma de governo³⁷. Frente às reclamações dos aliancistas Artur Bernardes e Eptácio Pessoa, Washington Luís garantia o domínio exercido à força sobre a maioria parlamentar no Congresso Nacional. João Pessoa foi representado como um mosqueteiro que buscava sustentar duelo contra os governistas, permanecendo sozinho pois fora abandonado por seus companheiros aliancistas. O abandono dos gaúchos para com os paraibanos foi também expresso como se fosse uma brincadeira de criança³⁸.

³⁷ CARETA. Rio de Janeiro, 10 maio 1930.

³⁸ CARETA. Rio de Janeiro, 17 maio 1930.



NOVO PROCESSO DE DESCOBRIR O BRASIL...



Antigamente, no tempo de Pedro Alvares Cabral, o indigena comprava «caravellas». Depois, ultimamente passou a comprar «bondes». E' de prever, que para o futuro passe a comprar dirigiveis...

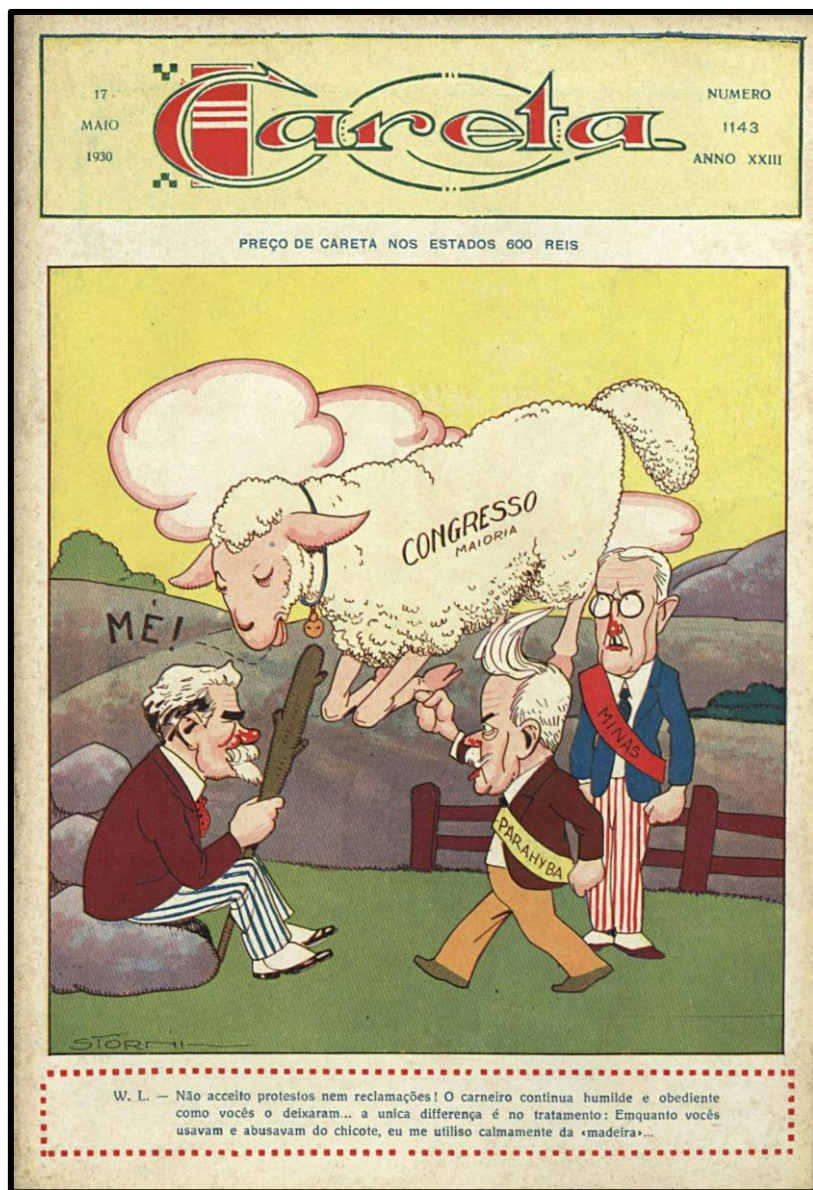


DE SACCOLA EM PUNHO..

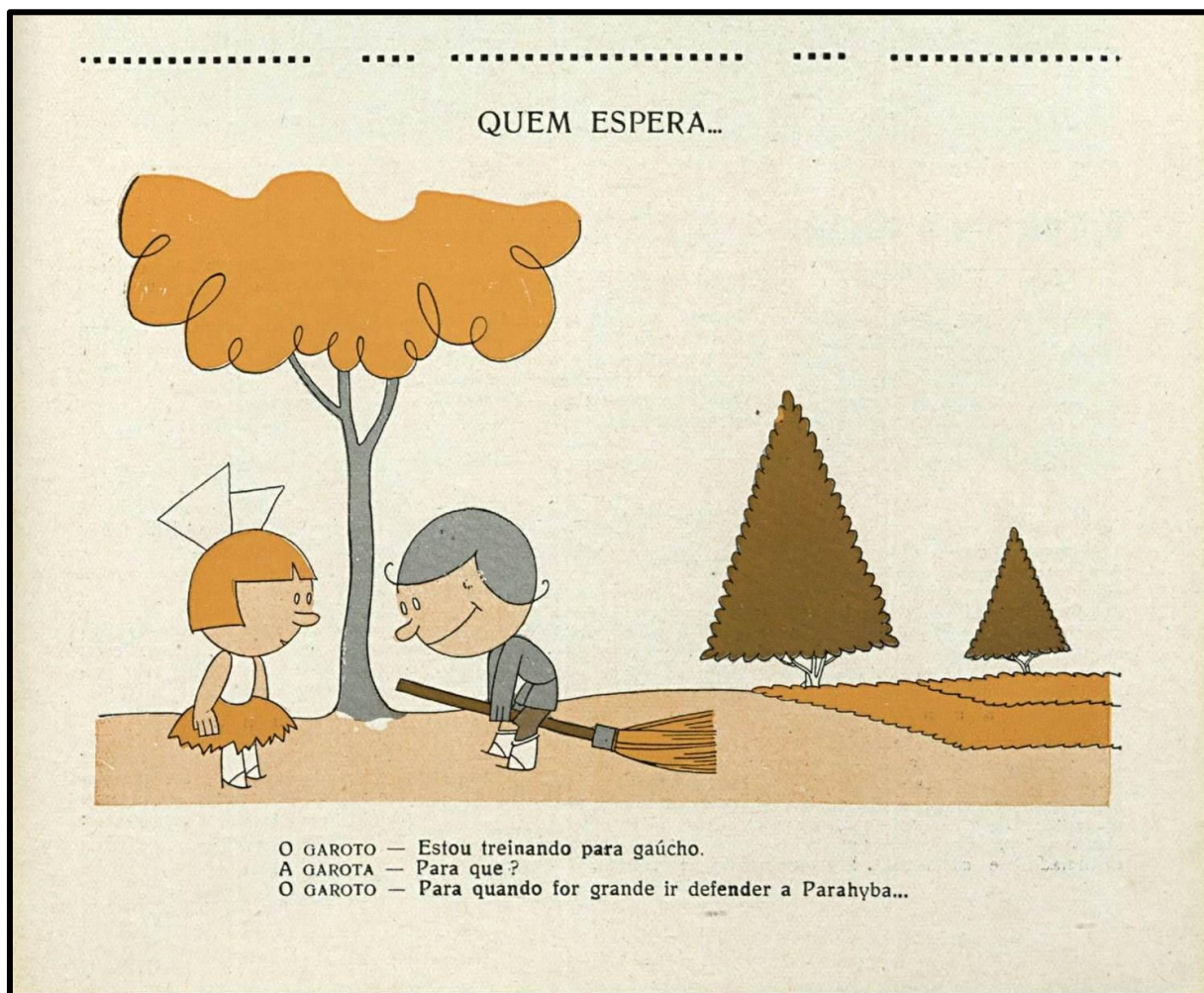


O CURIOSO — Estás pescando ?

JECA — Estou sim, pescando dollares e libras. Aliás é o que os desgovernos me obrigam a fazer desde 1889...





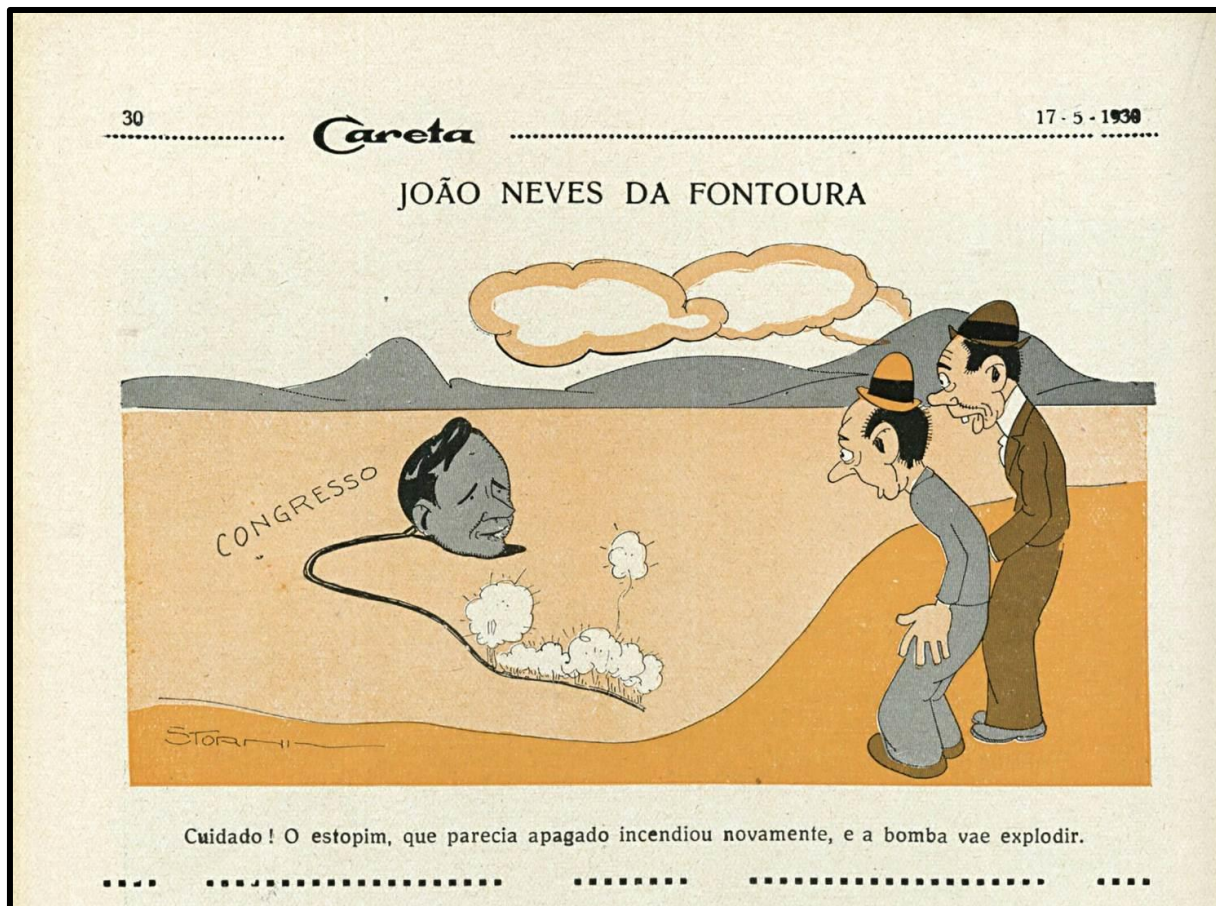


O aliancista gaúcho João Neves da Fontoura, que ganharia destaque a partir de seus discursos inflamados, era apresentado como uma bomba cujo estopim se reascendera, ameaçando breve explosão. O também rio-grandense Osvaldo Aranha servia para demonstrar os desassossegos entre os aliancistas, ao ter o caminho de seu cavalo interrompido por dois cães, que representavam os casos de repressão sobre Minas e Paraíba³⁹. Referindo-se aos transplantes de praticados pelo russo Serge Voronoff, a folha mostrou Batista Luzardo como um médico que buscava recuperar as forças de Getúlio Vargas, havendo para tanto a necessidade do sacrifício de um macaco, de modo o escolhido para ser imolado seria João Pessoa. Levando em conta as dificuldades financeiras do Brasil, o Presidente da República, mantendo a oposição controlada, hipnotizava um funcionário do Tesouro, para que mostrasse que a economia nacional tinha um saldo positivo. Enquanto João Pessoa reclamava da falta de apoio efetivo dos aliados, Borges de Medeiros restringia-se a abençoar o paraibano, levando em conta temas vinculados ao positivismo e à candidatura situacionista à Presidência. As inspirações revolucionárias eram questionadas pelo periódico ao mostrar o “Jeca-Brasil” esperando adeptos para derrubar a “Bastilha brasileira”⁴⁰. O reconhecimento de parlamentares voltava a ser tema, com a entrada de deputados pelas janelas, em atentado contra o “regime democrático”, enquanto dormia “a consciência republicana”⁴¹.

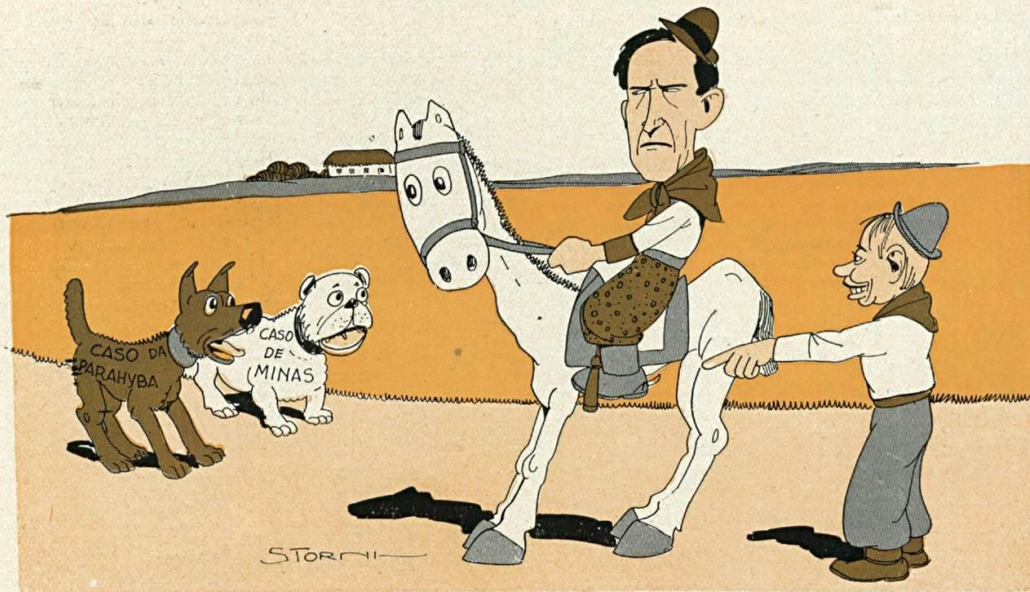
³⁹ CARETA. Rio de Janeiro, 17 maio 1930.

⁴⁰ CARETA. Rio de Janeiro, 24 maio 1930.

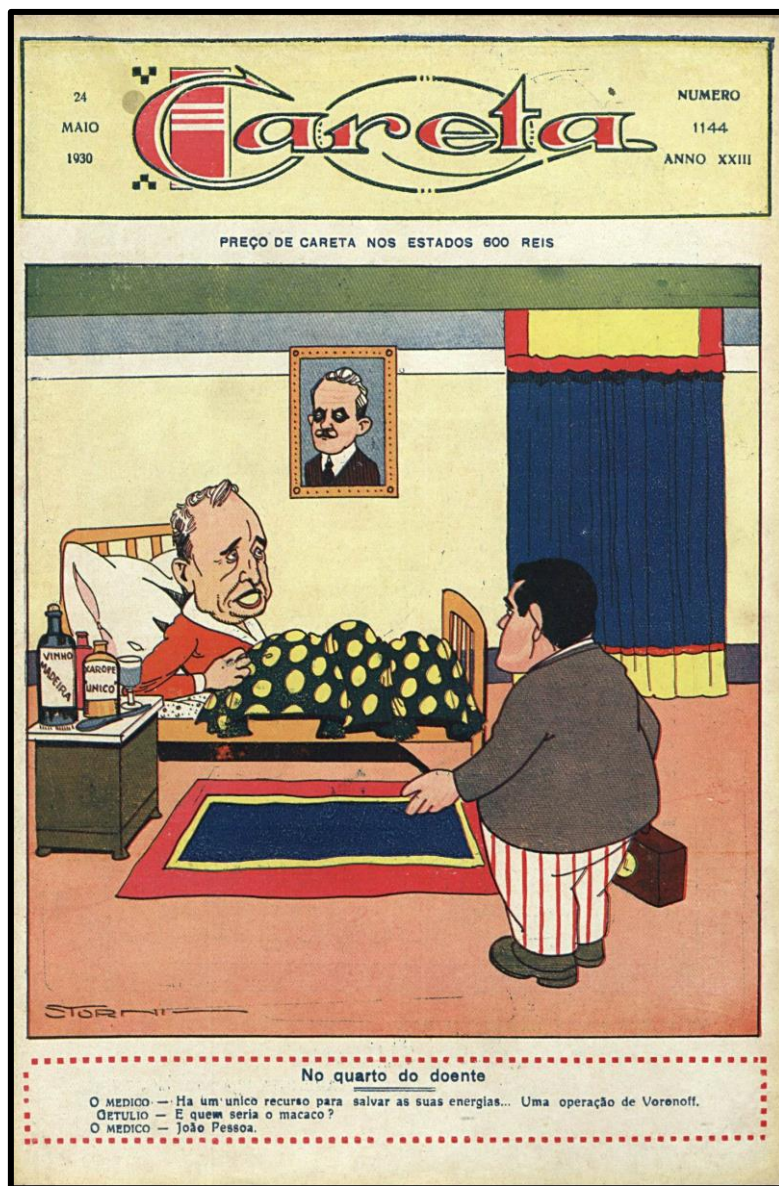
⁴¹ CARETA. Rio de Janeiro, 31 maio 1930.



PALAVRA DE REI...



O POPULAR — Chi! Seu Oswaldo Aranha. Os cachorros se atravessaram na cancha. E agora ?...



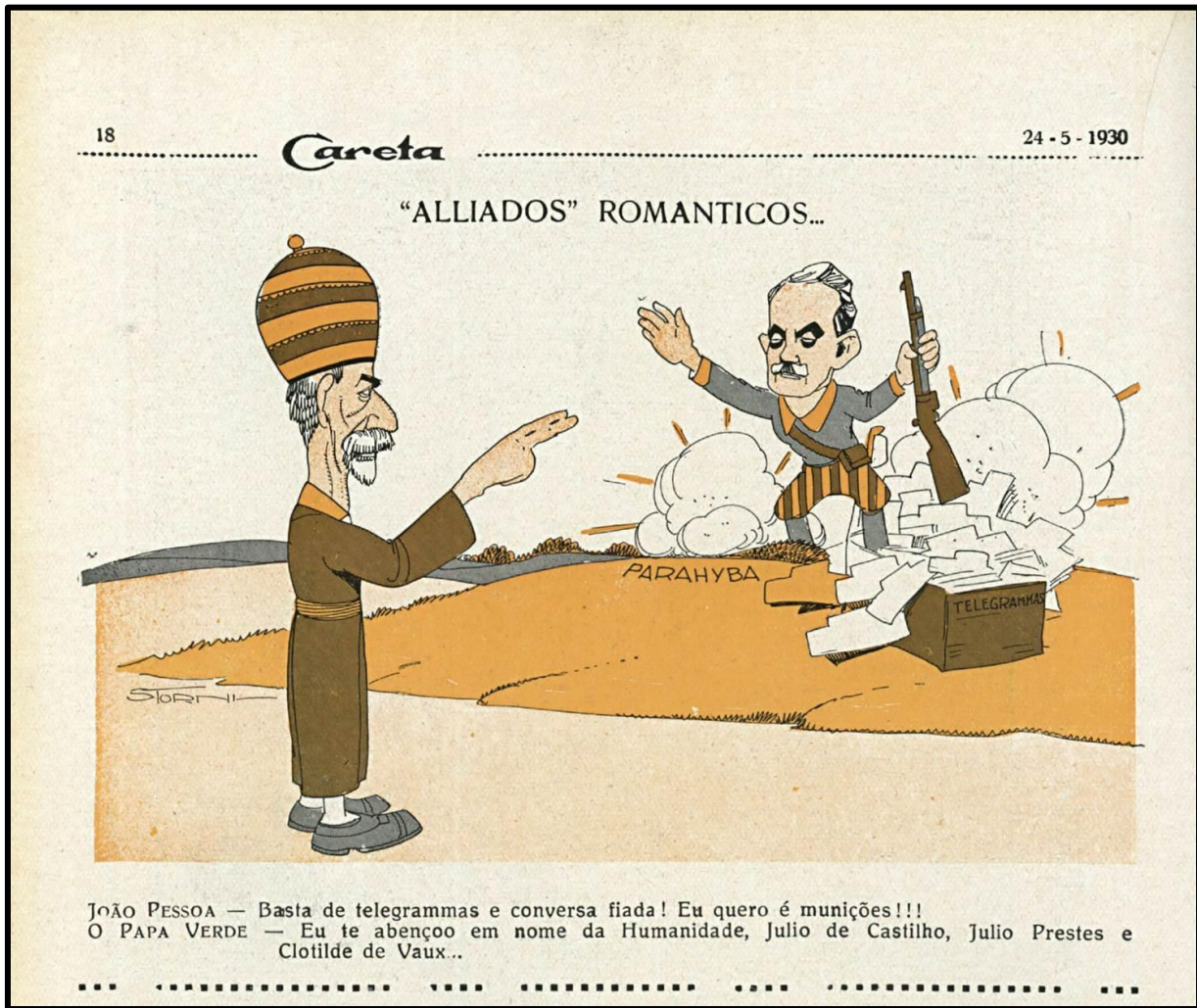
HYPNOTISMO...



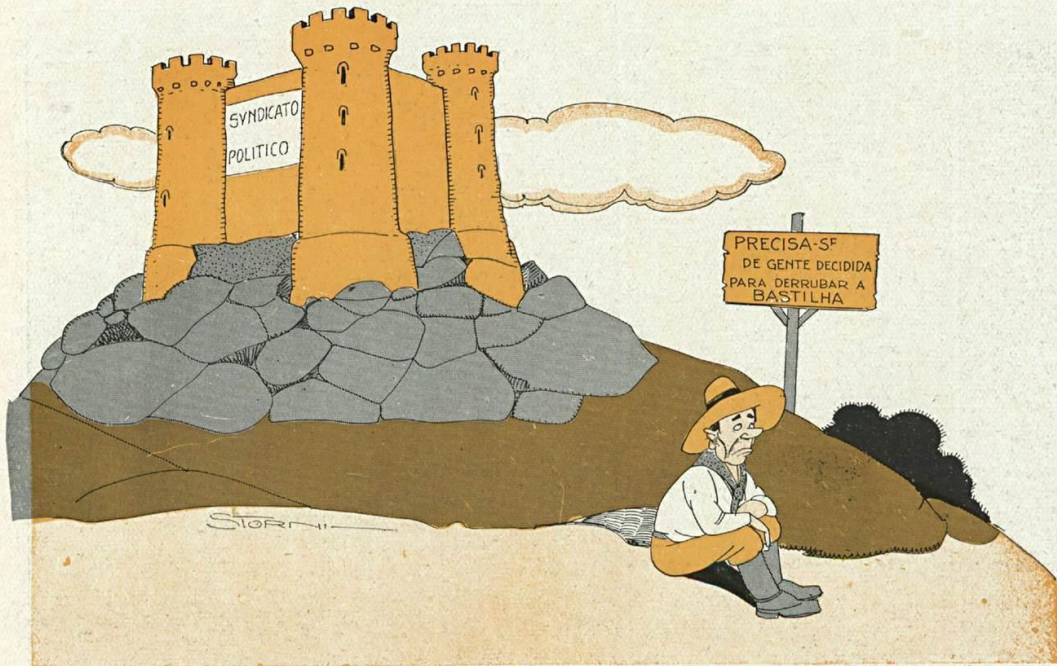
BACLAMAN BARBADO — Então, está vendo o saldo?

O FUNCIONARIO DO TESOIRO — Estou, sua Ex...

BACLAMAN — Muito bem, porque se você não o visse, estaria demittido immediatamente!



A BASTILHA, EM 1930



O Brasil ainda espera...



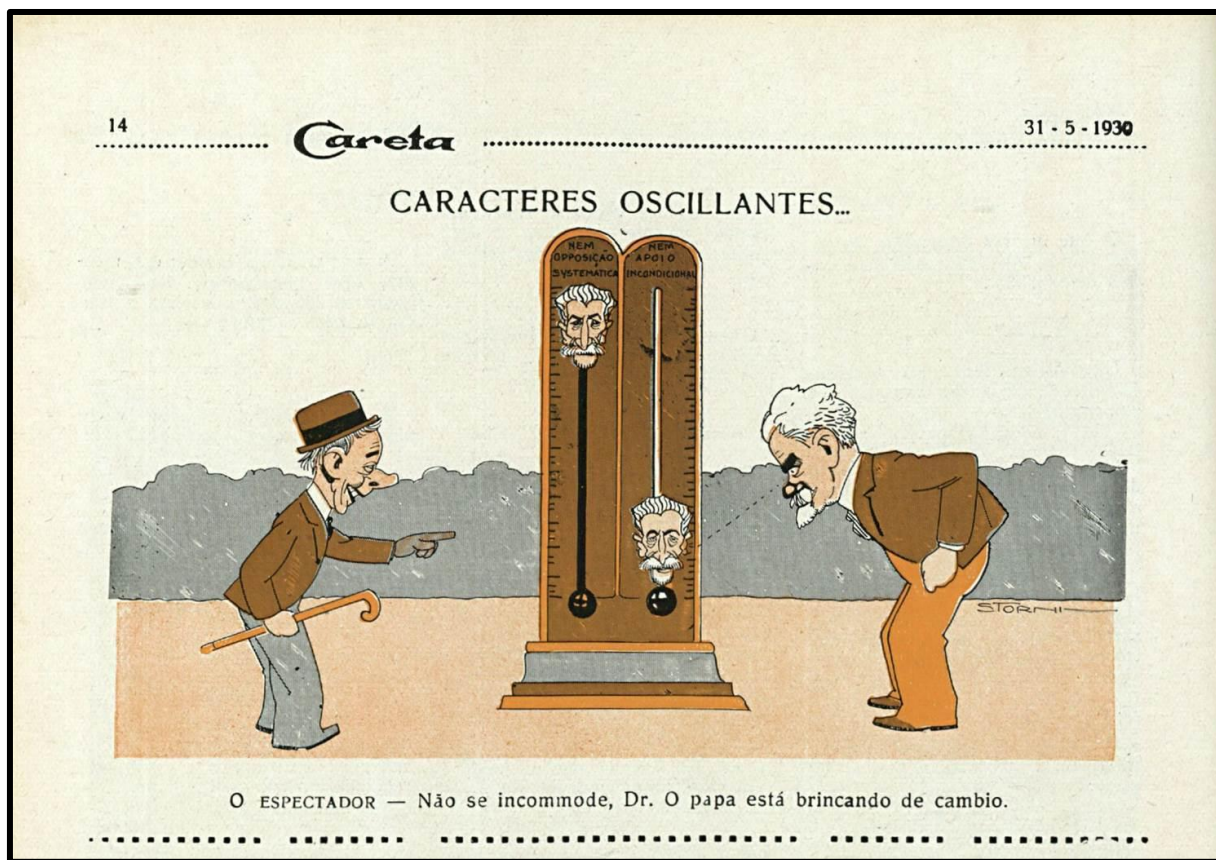
As posturas ambíguas de Borges de Medeiros, que se negaria a manter tanto a “oposição sistemática” quanto o “apoio incondicional”, geravam irritação de parte de Washington Luís. O general gaúcho Firmino Paim Filho também se mostrava incerto em suas posições, ao dizer que preferia “um recuo estratégico a um avanço desvantajoso”. Enquanto Minas e Paraíba permaneciam adormecidos, as soluções oferecidas à nação pelo rio-grandense Neves da Fontoura eram consideradas como inócuas⁴². A partir das viagens de Júlio Prestes ao exterior, era apresentada a excelente recepção que o mesmo recebera do Tio Sam, ao que o Jeca apontava para a necessidade de cuidados quanto ao juro que seriam cobrados a partir de qualquer apoio. Na mesma linha, o Presidente eleito levava um carregamento de café ao representante do imperialismo norte-americano, esperando obter um bom preço para seu produto. Os sete princípios propostos pelo aliancista Neves da Fontoura eram mais uma vez considerados como insuficientes e platônicos. Frente à possibilidade de intervenção federal, João Pessoa cobrava os aliados da véspera para socorrê-lo⁴³. Utilizando um vestido composto por manifestos, a dama republicana era elogiada por sua vestimenta, mas mostrava-se consciente de que nada daquilo passava de papel⁴⁴. O líder tenentista Luís Carlos Prestes era comparado a um bolchevique, que teria sido importado da Argentina, mas não aceito pela opinião pública brasileira⁴⁵.

⁴² CARETA. Rio de Janeiro, 31 maio 1930.

⁴³ CARETA. Rio de Janeiro, 7 jun. 1930.

⁴⁴ CARETA. Rio de Janeiro, 21 jun. 1930.

⁴⁵ CARETA. Rio de Janeiro, 28 jun. 1930.





PARA GRANDES MALES: HOMEOPATHIA...

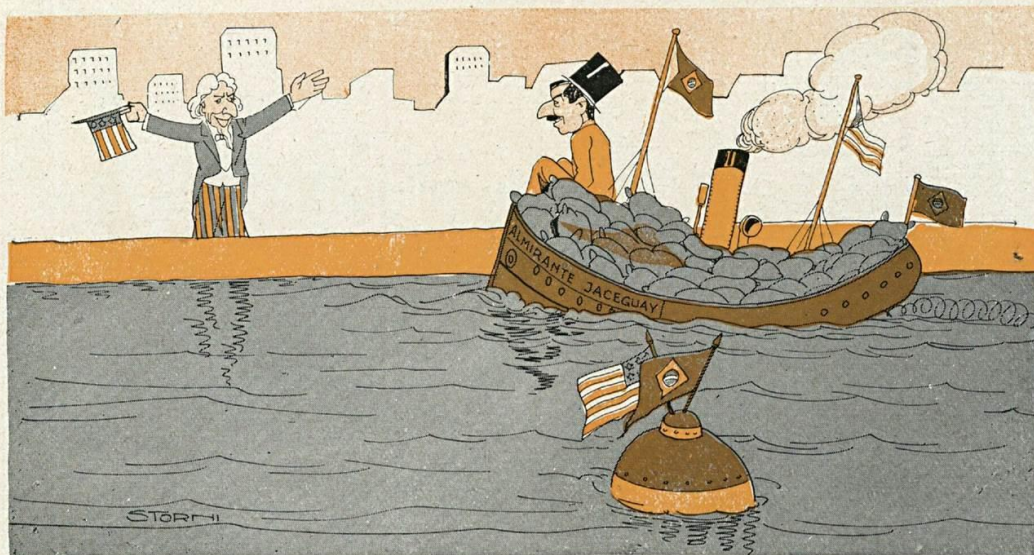


ELLA — Os doentes precisam de uma intervenção cirurgica e você me traz essas *aguinhas* ?...



A VALORISAÇÃO DO PRODUCTO...

(O «Almirante Jaceguay» TRANSPORTOU PARA OS ESTADOS UNIDOS 40.000 SACCOS DE CAFÉ)



Com um caxeiro viajante dessa categoria é de presumir que o café tenha collocação por muito bom preço.

O HEPTALOGO AUTOMATICO...



Apparelho theorico para serviço de ideias. Possui a metade dos 14 principios de Wilson, que por não se parecerem propriamente a estes, na sua substancia, se assemelham na sua platonica realização.

ABANDONADO



JOÃO PESSOA — Patriotas! Companheiros! Correligionarios! onde estão? Ninguém me auxilia, ninguém me empresta uma pansa para engulir esta espada?

PURA ILLUSÃO...



ELLE — Como estás linda e vistosa!

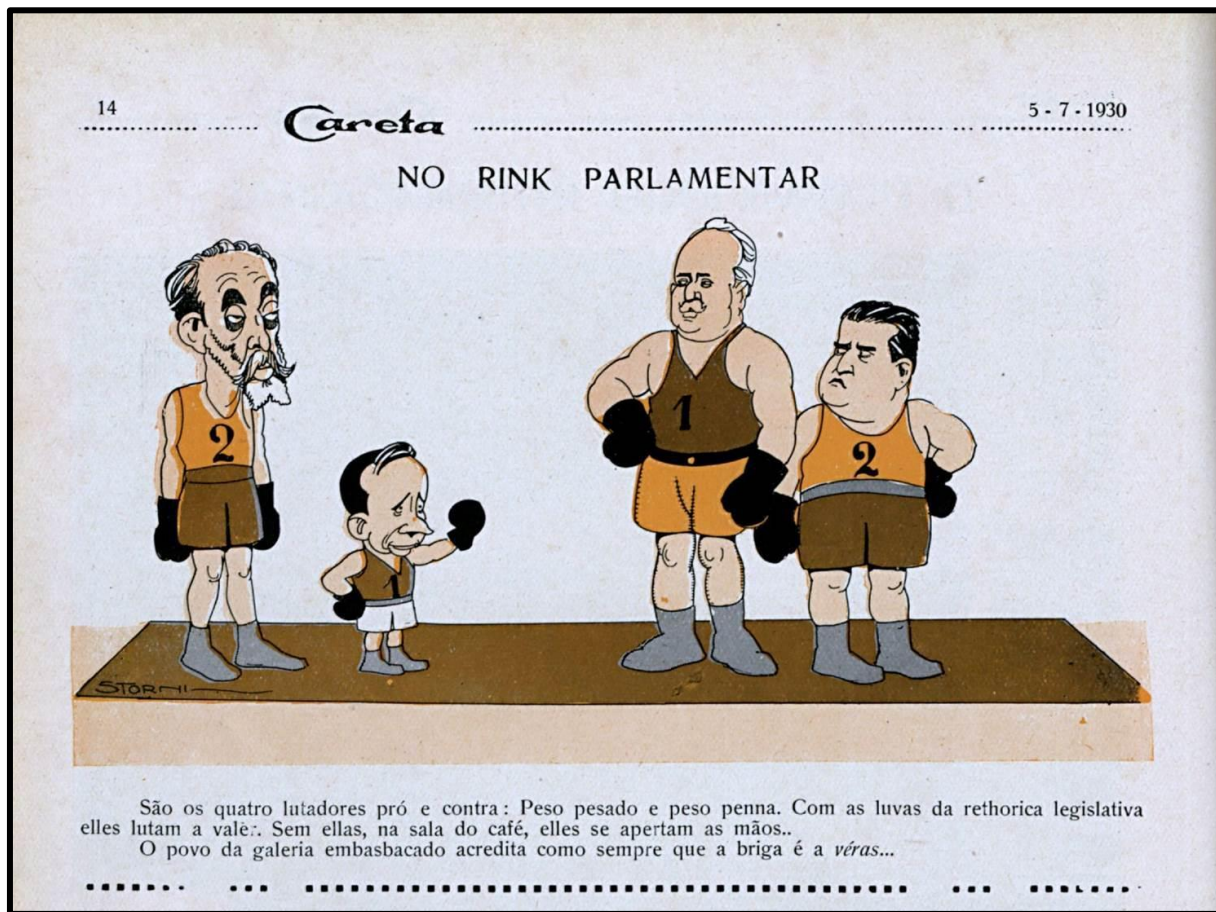
ELLA — Qual, meu amigo. Isto tudo é papel, só...



O periódico insistia na perspectiva pela qual não haveria maiores diferenças entre aliancistas e governistas, tanto que os representava como pugilistas se enfrentavam no campo discursivo e apertavam as mãos no âmbito privado, mas que conseguiam levar o povo a imaginar que se tratava de uma luta de verdade. O Estado Brasileiro era comparado a um automóvel que rodava por uma estrada sáfara, tendo por chofer Washington Luís, que não tinha ideia de como chegara até ali. Como um líder messiânico de natureza comtiana, Borges de Medeiros era saudado pelo conterrâneo, tendo em vista o nome do velho político ter sido cogitado como um provável candidato para retornar ao governo de seu Estado⁴⁶. A possível repressão na Paraíba voltou à pauta, com o próprio Presidente da República partindo em direção a tal Estado com um porrete na mão. A jornada de Júlio Prestes ao exterior continuava a ser retratada, desta vez recepcionado por membro da família real na Grã-Bretanha, onde chegava a confundir-se, achando que havia sido chamado de príncipe herdeiro. As condições financeiras do país eram qualificadas como uma “situação desesperada”, em cena na qual o Jeca rezava e Washington Luís vislumbrava que o barco do Estado estava prestes a cair em uma corredeira, de modo que exigia do remador que se esforçasse mais para aguentar pelo menos até o final de seu mandato⁴⁷.

⁴⁶ CARETA. Rio de Janeiro, 5 jul. 1930.

⁴⁷ CARETA. Rio de Janeiro, 12 jul. 1930.



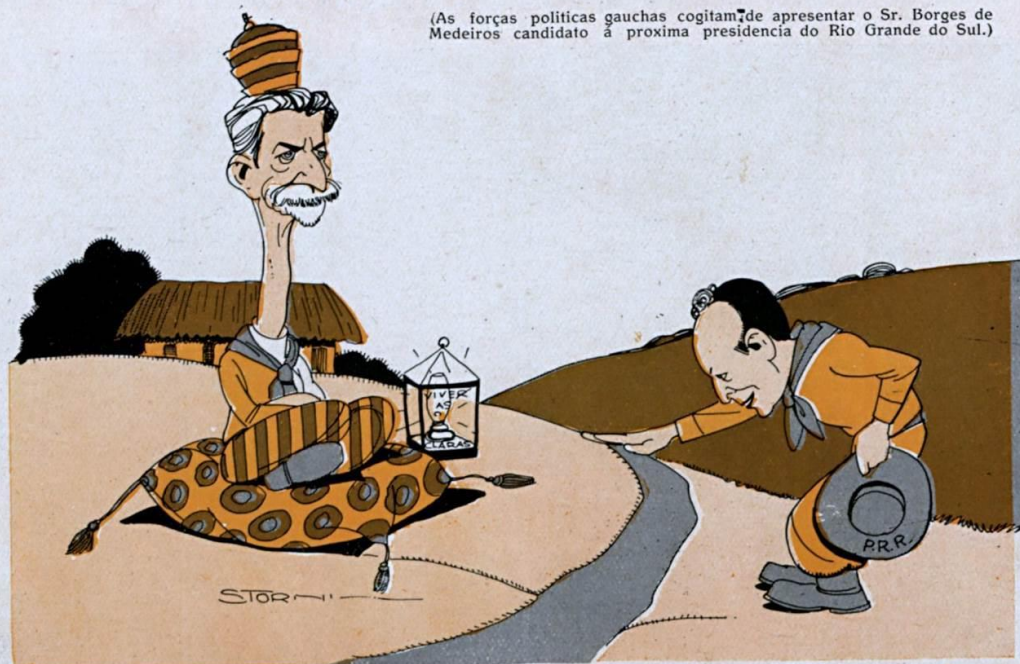
.....
NA ESTRADA **PLANA** DA ESTABILISAÇÃO...



O CHAUFFEUR — Até aqui trouxe o carro Deus sabe como. Daqui em diante não sei o que será, nem quero saber, e tenho raiva de quem sabe!...

A DEMOCRACIA AVANÇADA!..

(As forças políticas gauchas cogitam de apresentar o Sr. Borges de Medeiros candidato à próxima presidência do Rio Grande do Sul.)



FLORES DA CUNHA — Salve, Dai Lama dos pampas! A' falta de cousa melhor e a titulo de novidade, apresentamos novamente a tua candidatura á presidência perpetua do Rio Grande!..





SITUAÇÃO DESESPERADA



O BARBADO — Faz força! Aguenta isto de qualquer maneira até... dia 15 de Novembro!

Um “patriota” tentava acordar a “montanha do Gigante Adormecido”, levando-lhe uma lista de organizadores da reação nacional, ao que a formação rochosa, ganhando vida, colocava em dúvida o real sentido de mudança levado em frente pelos oposicionistas, que não seriam nada diferentes dos situacionistas. Sob o título de “Ditadura branca”, o semanário mostrava um preocupado brasileiro com as possíveis atitudes intervencionistas e repressivas do Presidente da República, que estariam a beirar os atos de um ditador, ao que Washington Luís desconversava, dizendo que tais atitudes não seriam compatíveis com alguém que tinha tanta “elegância” e um “sorriso encantador” como ele⁴⁸. Júlio Prestes em suas viagens era chamado de “ilustre itinerante patricio”, havendo destaque para que sua jornada havia privilegiado as liberal-democracias, como Estados Unidos, França e Inglaterra, deixando de lado países com outros regimes, caso da Itália e da Alemanha. O poder unipessoal presidencial era abordado em caricatura na qual Washington Luís recebia uma condecoração e encarregava seu funcionário de agradecer e retribuir com uma comenda que se referia a ele mesmo. A falta de unidade dos aliancistas até mesmo no contexto gaúcho ficava demarcada a partir de ilustração na qual o senador porto-alegrense João Vespúcio de Abreu e Silva solicitava ao também rio-grandense general Paim que tirasse uma “*aranha*” do caminho, por estar atrapalhando a carreira política de ambos, tratando-se no caso do aliancista Osvaldo Aranha, que mantinha com veemência as manifestações oposicionistas⁴⁹.

⁴⁸ CARETA. Rio de Janeiro, 19 jul. 1930.

⁴⁹ CARETA. Rio de Janeiro, 26 jul. 1930.

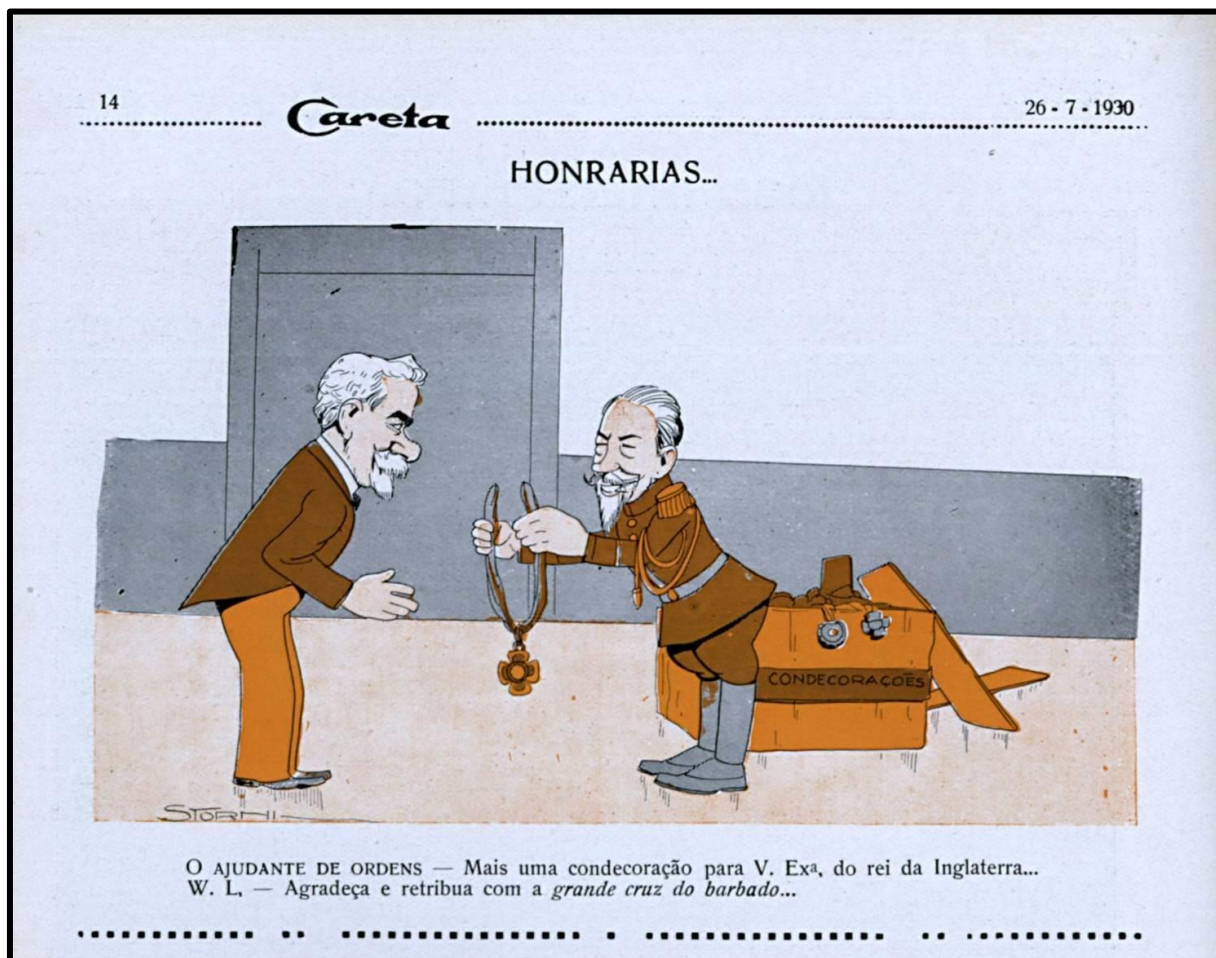
AMOLANDO O GIGANTE



O PATRIOTA — Vamos, gigante, acorda! Trago-te a lista dos organizadores da reacção.
O GIGANTE — As figuras são sempre as mesmas! Quando o Brasil mudar de gente talvez me interesse pelo assumpto...





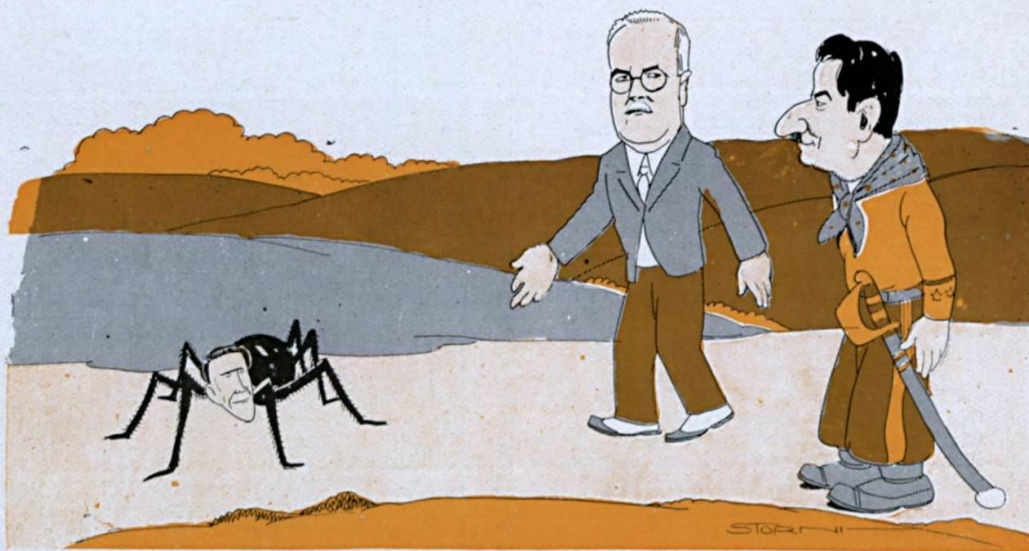


18

Careta

26-7-1930

NA ESTRADA DAS ACCOMODAÇÕES...



VESPUCIO DE ABREU — O' Paim, ajuda-me a tirar esta «*aranha*» do caminho, que está atrapalhando a nossa carreira política...

A falta de unidade entre os aliancistas foi mais uma vez relatada em desenho no qual João Pessoa, que enfrentava resistência armada em seu Estado, estaria a solicitar a devolução de recursos que destinara à Aliança Liberal, sem obter resposta de seus aliados, levando-o a considerar que seria mais fácil lidar com os inimigos do que com os amigos⁵⁰. O hebdomadário fazia troça com a figura de Getúlio Vargas, que aparecia ao fundo, em cena na qual uma representação do povo brasileiro aclamava a nova miss Brasil, afirmando que se não fora possível escolher pela “vontade popular” um “rei” gaúcho, ao menos sobrara o “consolo” da escolha de uma “rainha” rio-grandense, em alusão à Yolanda Pereira, vencedora de tal concurso de beleza naquele ano. O retorno de Júlio Prestes ao Brasil era retratado como uma “volta decepcionante”, uma vez que o Presidente eleito teria de retomar a rotina do contato com os tradicionais políticos brasileiros. A crise na Paraíba era vista na forma de um incêndio, dito ironicamente como um “luminoso trabalho da politicagem nacional”, empregado também no âmbito regional. Diante de um manifesto de Luís Carlos Prestes, mais uma vez representado como um bolchevique, o Jeca lembrava uma frase do parlamentar recentemente falecido Firmino Pires Ferreira segundo a qual o Brasil não necessitava de comunismo, pois já se tratava de “uma república de *camaradas*”, em referência aos conchavos que marcavam a vida política nacional⁵¹.

⁵⁰ CARETA. Rio de Janeiro, 26 jul. 1930.

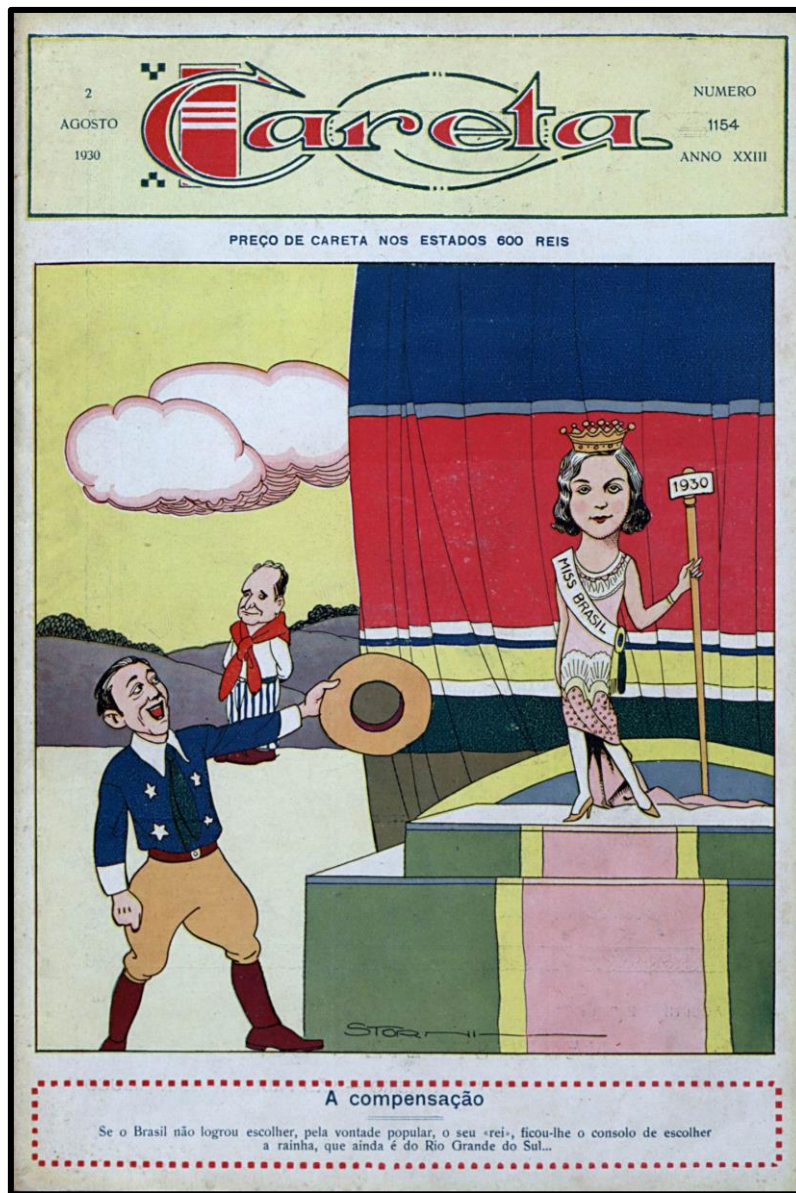
⁵¹ CARETA. Rio de Janeiro, 2 ago. 1930.

ESSES, NÃO VOLTAM MAIS...

(O Sr. João Pessoa emprestou ha tempos 2,000 contos para os seus correligionarios politicos. Não tendo, esse dinheiro sido utilizado para o fim a que se destinava, o presidente agora o reclama inutilmente...)
(Dos jornaes)



JOÃO PESSOA — Dos inimigos eu sei defender-me, mas dos amigos...



A VOLTA DECEPCIONANTE!



JULIO PRESTES — Meu Deus! Depois das noitadas de Paris, outra vez o Brasil com o Azeredo?...



UMA PHRASE DO SAUDOSO PIRES FERREIRA

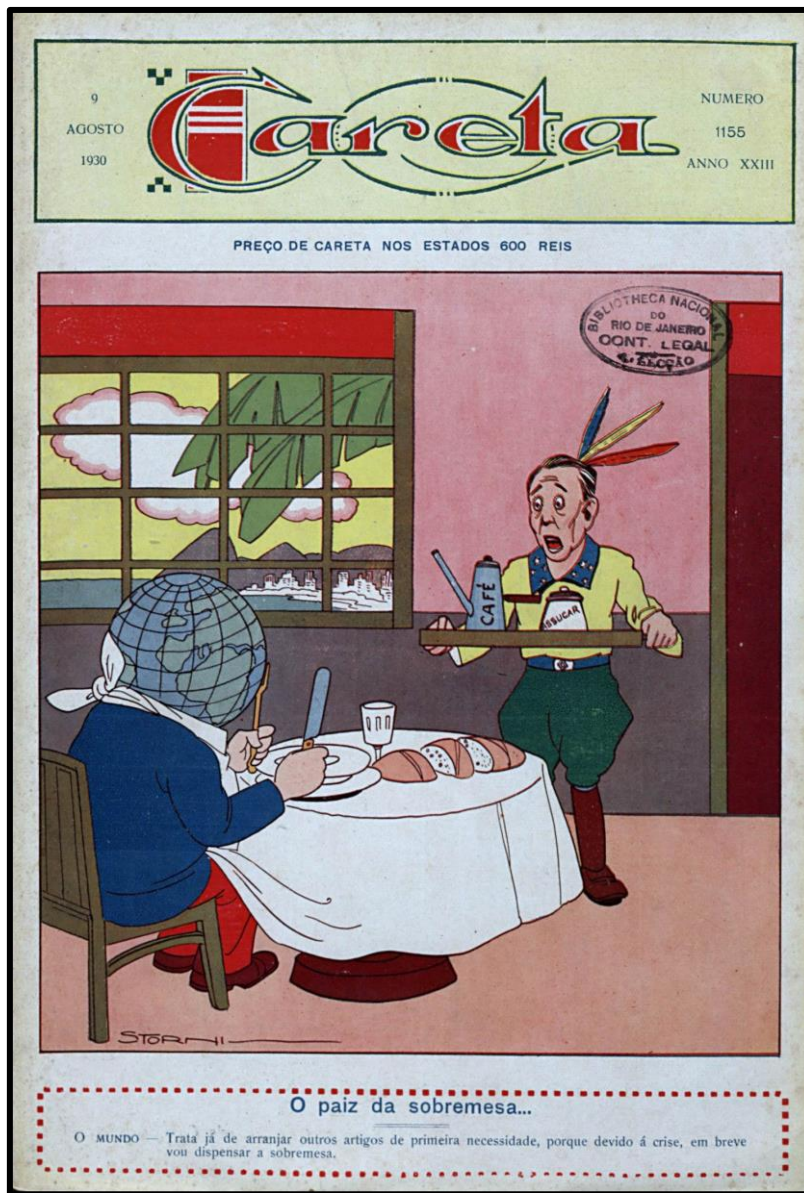


JECA — Communismo no Brasil, para que? Se isto aqui já é uma republica de «camaradas»?...

A respeito da base agroexportadora da economia brasileira, o Brasil era apresentado como “o país da sobremesa”, aparecendo a simbologia da nação portando penas, em lembrança do indígena, que, como garçom, servia café e açúcar para a representação do mundo, o qual avisava que aquele deveria reestruturar sua produção, voltando-se a “artigos de primeira necessidade”, pois a partir da crise internacional, em breve seria dispensada “a sobremesa”. Acerca do mesmo tema, o “Brasil-Jeca” oferecia ao Tio Sam uma banana, no papel da “riqueza nacional”, ou seja, um “artigo nacional de primeira necessidade”, sem vínculos com convênios ou valorizações. As discordâncias entre governistas e aliancistas permanecia ferrenha no parlamento, chegando um dos representantes a chamar os rio-grandenses de “degoladores”, ao que um “gaúcho” devolvia a acusação, em referência às degolas dos candidatos mineiros e paraibanos por ocasião dos reconhecimentos⁵². O legado do governo Washington Luís era simbolizado por um enorme envelope, que demarcava uma “herança volumosa”, que chegava a trazer lágrimas do funcionário que recebia o tal “testamento”, por sentir “tanta pena” do sucessor à presidência. Destacando o bom recebimento que tivera, no retorno de Júlio Prestes da Europa, carregando um baú de “promessas”, muito significativo em se tratando de políticos, ele era interpelado pelo Jeca, perguntando como fora a recepção no Brasil, onde o entusiasmo não teria sido o mesmo. Dois indivíduos comentavam sobre os abalos sísmicos na Itália, que seriam imprevisíveis, ao passo que no Brasil, tais agitações aconteciam a cada eleição presidencial⁵³.

⁵² CARETA. Rio de Janeiro, 9 ago. 1930.

⁵³ CARETA. Rio de Janeiro, 16 ago. 1930.



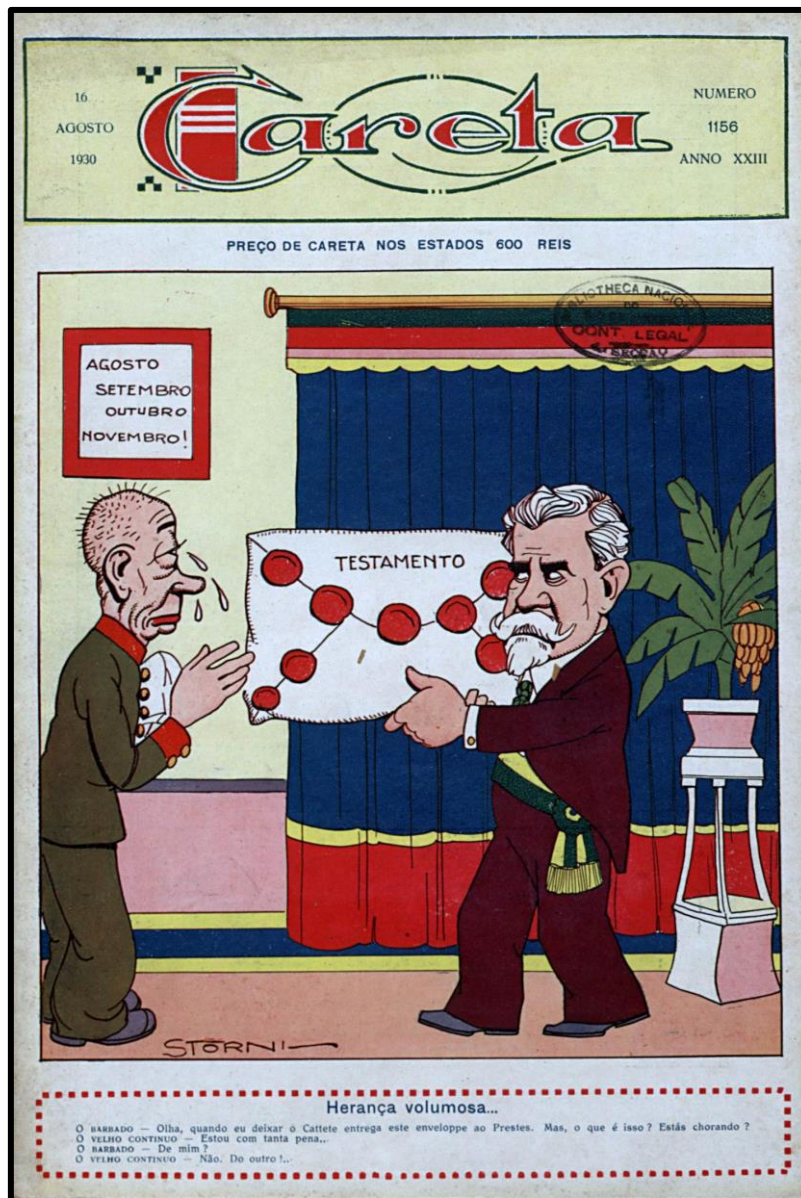


QUEM FALA EM FACÃO...

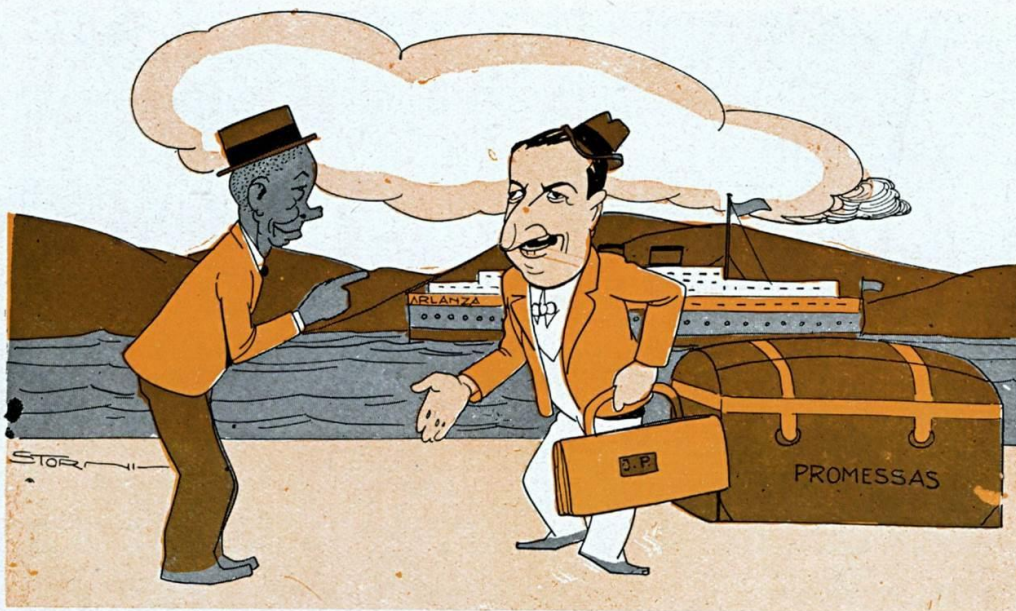
(O deputado Roberto Moreira atacou os rio grandenses chamando-os figuradamente de «degoladores») — Dos jornaes



O GAUCHO — Protesto! Os *degoladores* são vocês!...



A VOLTA



JULIO PRESTES — Venho encantado com a recepção na Europa. Receberam-me como um propheta!

JECA — E aqui?

JULIO PRESTES — Aqui, como sabes, é a minha terra...

ABALOS...



— Você já observou que na Italia os terremotos apparecem quando menos se esperam?
— Aqui temos isto muito regularizado. Elles se manifestam de quatro em quatro annos, e as ruinas se amontoam desde 1889...

As precariedades econômico-financeiras brasileiras eram também retratadas a partir da ação de um contador que pretendia apresentar as contas do país ao Presidente eleito, o qual se negava a fazê-lo, pois precisaria ganhar “coragem” para assumir “uma *massa falida*”. Até uma cena do cotidiano remetia a tal situação, como no caso de um homem completamente desequilibrado pela embriaguez, que era comparado à política de estabilização econômica governamental. Ao desembarcar, um descendente da família imperial encontrava a dama republicana que manifestava seu descrédito para com ele, uma vez que era igualmente “*barbado*”, em alusão ao apelido do Presidente da República. O aliancista gaúcho mais radical Batista Luzardo aparecia tocando um “clarim inócuo”, pois, apesar de avantajado, não encontrava ouvintes em pleno deserto⁵⁴. As precariedades do país foram também demonstradas pelas dificuldades de navegação da nau do Estado, com a afirmação ferina e sarcástica do Jeca de que só “otimismo” não seria suficiente para modificar tal situação. As viagens de Júlio Prestes continuavam, chegando inclusive ao vizinho Paraguai, havendo o comentário do “Povo” de que o político também entraria em Assunção, referência a um dos episódios da Guerra da Tríplice Aliança. Sob o título de “Tudo em paz!”, a revista colocava em dúvida o espírito revolucionário que estaria a progredir, mostrando alguns opositores carregando enormes discursos, sugerindo “a agitação” da “campanha” ficara reduzida a “uma *revolução* de discursos”⁵⁵.

⁵⁴ CARETA. Rio de Janeiro, 23 ago. 1930.

⁵⁵ CARETA. Rio de Janeiro, 30 ago. 1930.



PHISOLOPHIA DE PA'O D'AGUA



— Como vai aquella alminha!
— Até parece a estabilização do *barbado*.



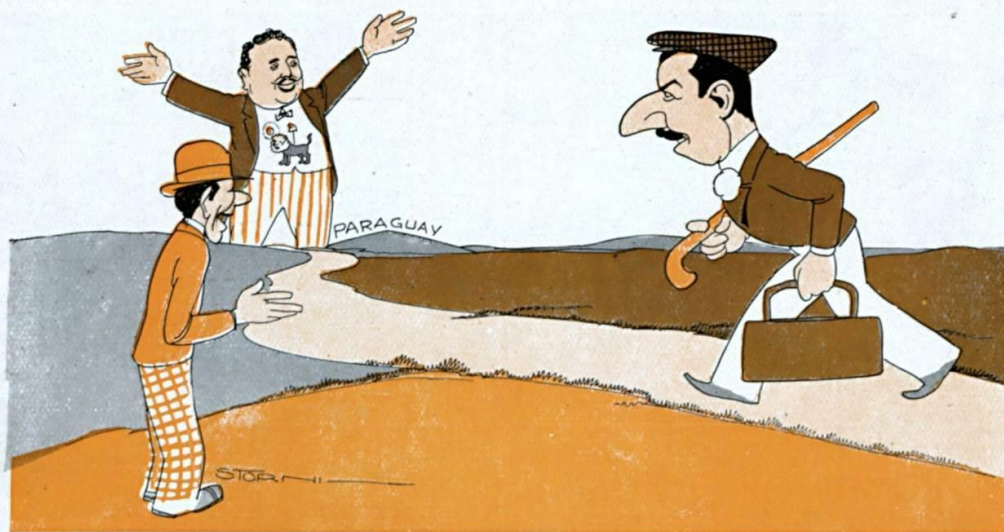
O CLARIM INNOCUO



JECA — Oh, Luzardo, você está perdendo o tempo! Então não vê que está tudo deserto, e que não ha mais nem o obelisco, nem as argollas, nem o cavallo?



A VISITA INTER CONTINENTAL



O POVO — Muito bem, *seu Prestes*, como bom brasileiro também vae fazer a sua *campanhasinha* do Paraguay... e entrar em Assumpção.



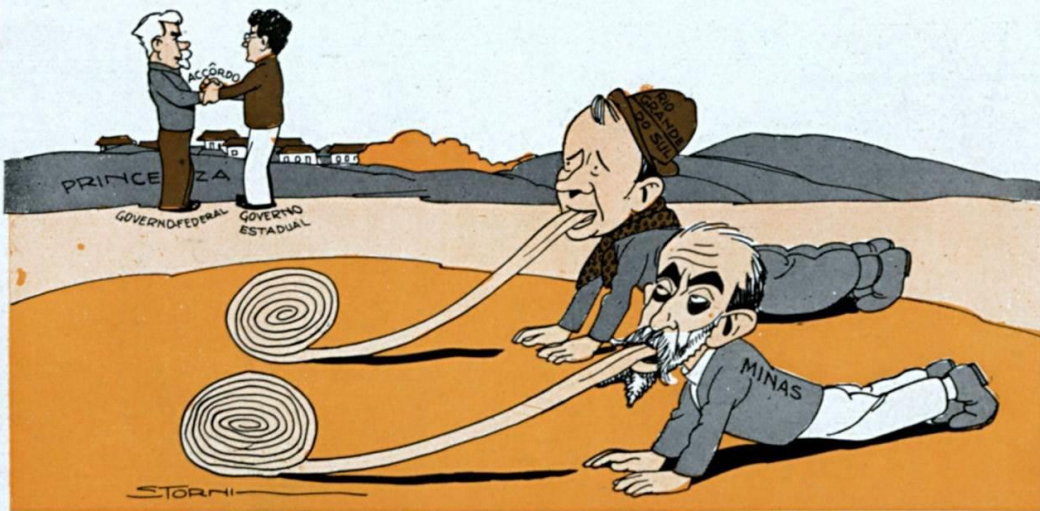
A especulação financeira foi outro tema econômico abordado pelo periódico ilustrado carioca, mostrando um “proveitador” que tratava o “consumidor” como “burro”, ao extrapolar no preço cobrado pelo café. A exacerbação discursiva do aliancista gaúcho João Neves da Fontoura e do mineiro José Bonifácio de Andrada era representada por línguas extremamente extensas, mas, frente aos acordos realizados com o governo federal, eles passavam a revisar suas posturas, buscando novas alternativas. Em cena do cotidiano, um casal conversava sobre as contradições expressas pela imprensa ao tratar dos políticos na formação da “opinião pública”⁵⁶. A crise financeira foi ainda representada como uma luta de boxe, na qual a moeda nacional era nocauteada pelo câmbio, sem qualquer esperança do “Povo” de que ele viesse a levantar, ao passo que o Presidente da República saía sorrateiramente de cena. Igualmente acerca da questão cambial o Brasil era apresentado como um aeroplano pilotado por Washington Luís, contando com o “Povo” como passageiro, o qual se mostrava terrificado, duvidando da capacidade do piloto. As indecisões de Borges de Medeiros foram mais uma vez destacadas em peregrinação que levava um profeta do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul para, sem sucesso, entrevistar-se com o líder gaúcho. Frente às acusações do opositor rio-grandense Lindolfo Collor quanto a desmandos no Banco do Brasil, sob a responsabilidade de Washington Luís, a dama republicana dizia que tal peroração seria inútil, tendo em vista a tradicional falta de responsabilidade dos homens públicos⁵⁷.

⁵⁶ CARETA. Rio de Janeiro, 6 set. 1930.

⁵⁷ CARETA. Rio de Janeiro, 13 set. 1930.

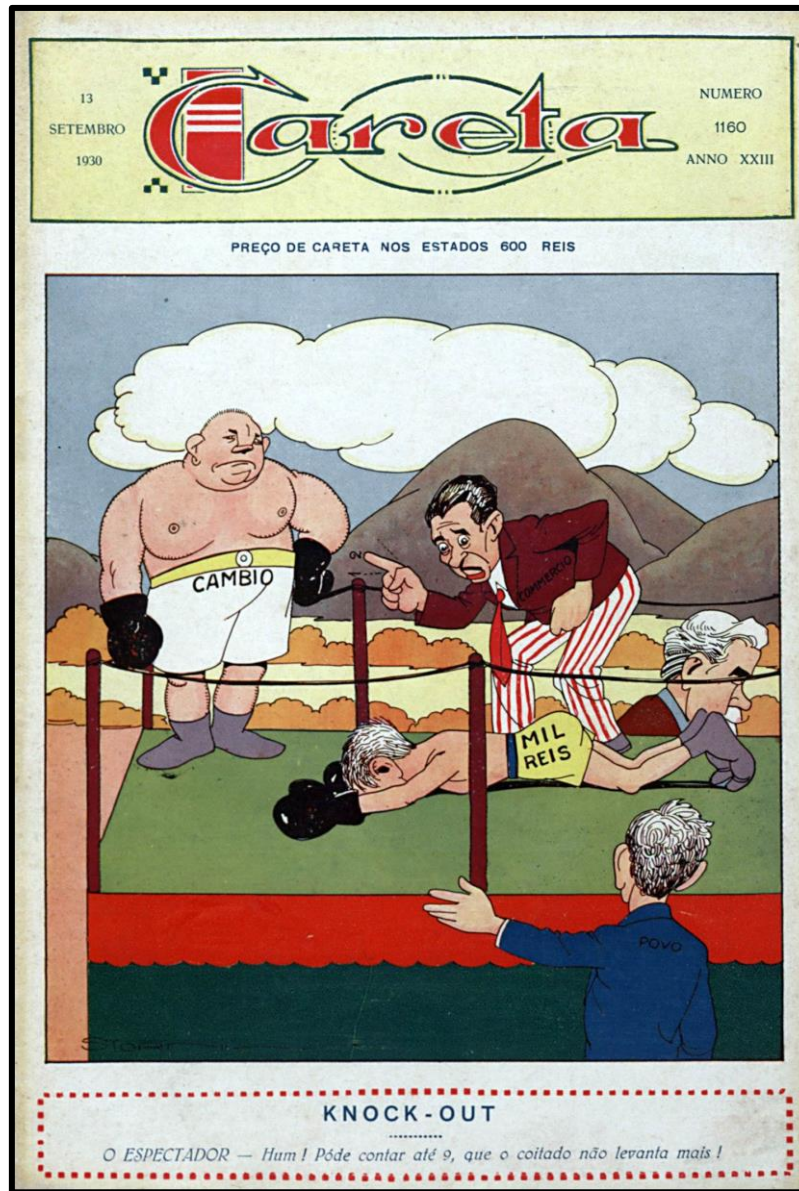


FIM DA SEGUNDA PARTE..



JOÃO NEVES — Enrolemos a língua, Bonifacio, que a nação está farta de fita synchronisada, fallada e cantada. Vamos ver se calados, a scena muda...





CAMBIO A 4



O PASSAGEIRO — Que horror! Estamos voando muito baixo! Vamos nos espatifar!!!

O PILOTO — Deixa por minha conta! Não admitto que você duvide da minha competencia e da minha capacidade como piloto! Eu sei o que faço!





A versão do acordo da Paraíba com o governo federal foi traduzida pela folha ilustrada a partir do conto infantil de “Chapeuzinho Vermelho”, em desenho no qual o “Lobo-Vovó” enganava a jovem que representava aquele Estado, enquanto o “Povo”, escondido ao fundo, buscava avisá-la sobre os riscos daquele diálogo, uma vez que a tal “avozinha”, estaria “muito *barbada*”, em uma aproximação dessa figura com o Presidente da República⁵⁸. Levando em conta as agitações em alguns dos países vizinhos sul-americanos, Washington Luís colocava literalmente as barbas de molho, mas levando em conta o sentido figurado de ficar atento, prudente e precavido para evitar um perigo iminente, e explicava ao Jeca que seu ato advinha das chamas que se aproximavam do Brasil. A gaúcha Yolanda Maria Sabage Pereira, miss Brasil que conquistou também o título de miss universo, retornou às páginas do semanário conduzida pelo Presidente, solicitando-lhe que conversasse com um gaúcho, que se encontrava desgostoso, sugerindo que ela buscasse “reconciliar o cavalo com o obelisco”, em mais uma alusão à promessa que os aliancistas rio-grandenses não haviam conseguido cumprir. Tendo em vista as ditaduras militares que se espalhavam pela América do Sul, o Jeca temia que o mesmo destino se repetisse no Brasil. Um experiente “Velho Jeca” desiludia a representação do povo brasileiro quanto às semelhanças entre governistas e oposicionistas, sempre prontos para “conchavos e acordos”, uma vez que todos eram políticos e, ao final, sempre se entendiam⁵⁹.

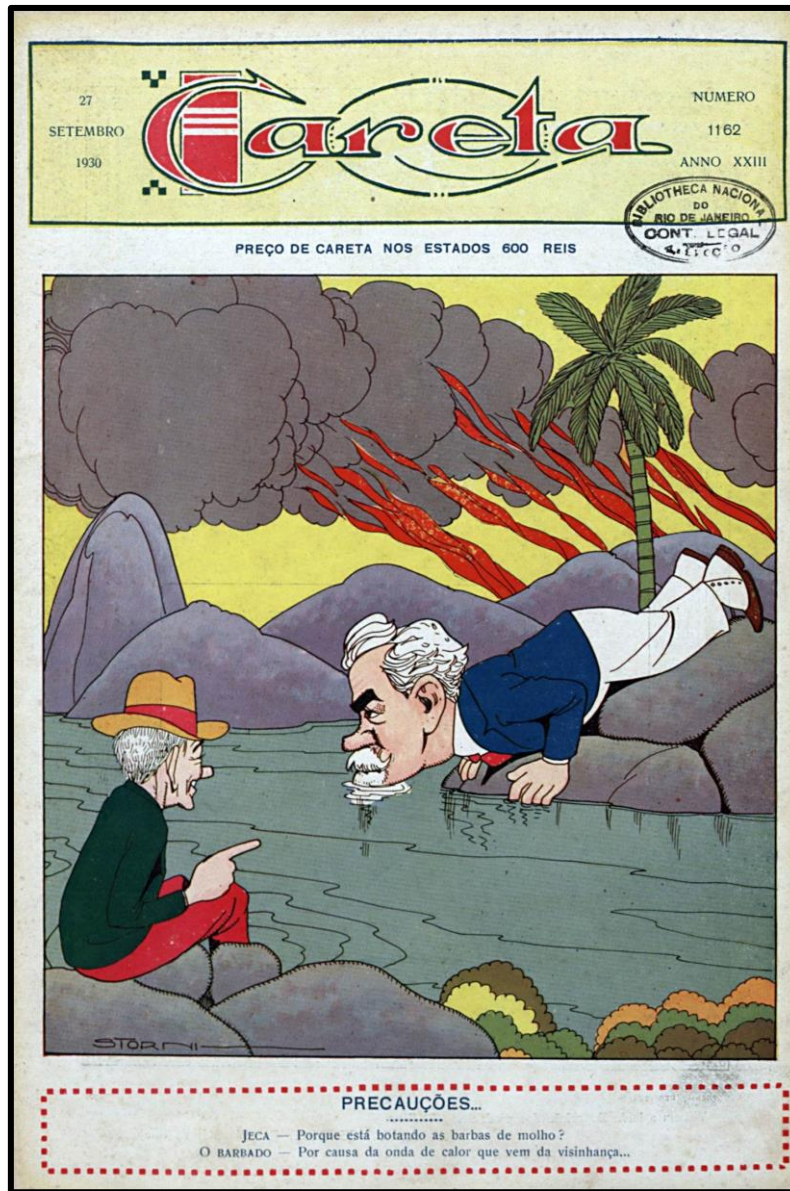
⁵⁸ CARETA. Rio de Janeiro, 13 set. 1930.

⁵⁹ CARETA. Rio de Janeiro, 27 set. 1930.

A HISTORIA DE SEU LOBO...

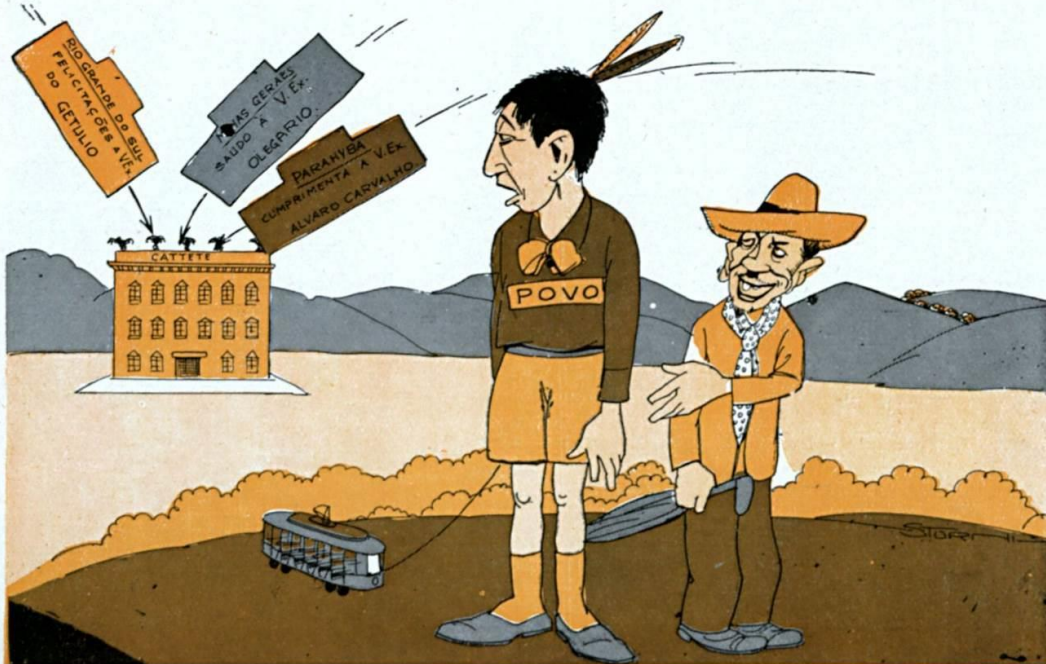


O LOBO — Então receias de mim? Não vês que sou a tua avosinha? Vem commigo que te protegerei...
O POVO — Cuidado, menina! Olha que essa avosinha está muito *barbada*!...





A ETERNA CRIANÇA...



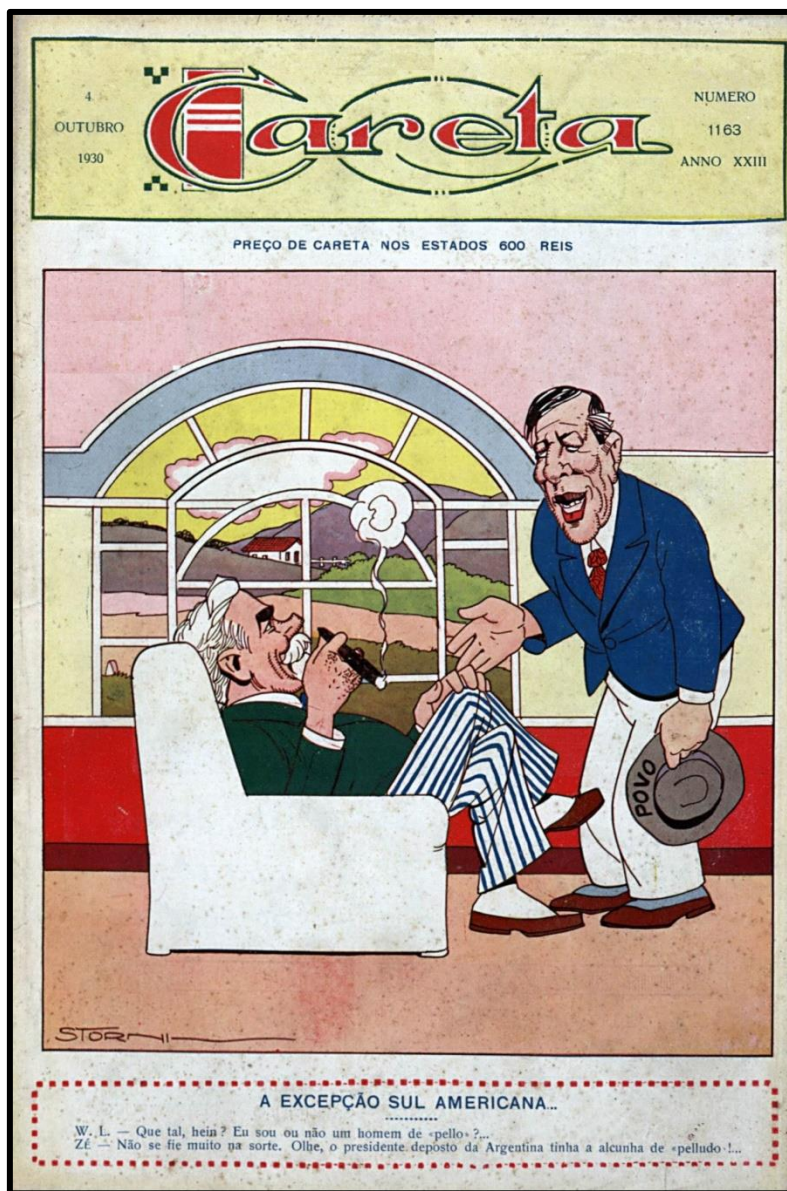
O VELHO JECA — Eu não te disse que *tudo isso acabava* em conchavos e accordos?
Elles são políticos e se entendem...

Uma nova referência aos riscos do contexto agitado sul-americano vinha na forma de um aviso que o “Povo” dava a Washington Luís sobre a possibilidade de tais efeitos chegarem ao Brasil. Quanto às mudanças na bandeira paraibana, o Zé Povo considerava que tais atos seriam inúteis, uma vez que os políticos também mudavam “de cor e de camisa” recorrentemente. Um “demagogo” armado se propunha a seguir o exemplo de “outras nações americanas”, fazendo a revolta e derrubando o Presidente, ao que o Jeca desaconselhava, uma vez que faltavam poucos dias para o encerramento do mandato presidencial. A publicação humorística brincava com as discussões entre situacionistas e opositores, mostrando que o debate entre os gaúchos Flores da Cunha e Firmino Paim seria interminável, estendendo-se até a velhice dos mesmos, em um caminho interminável de discursos, réplicas e tréplicas⁶⁰. Chegado o movimento rebelde de outubro de 1930, a revista ilustrada aplaudiu “a revolução vitoriosa” e vivendo a revolução, além de afirmar estava “consuma da primeira vitória” revolucionária, “com a desmoralização completa da legenda dos governos invencíveis”, a qual deveria vir a ser seguida pela “verdadeira legenda que é a da invencibilidade da nação que quer viver e que há de viver”⁶¹. Nesse sentido, o hebdomadário imaginava a tão comentada atitude da chegada dos aliancistas ao obelisco, sendo recebidos pela junta militar que derrubara Washington Luís e estariam a entregar o poder para Getúlio Vargas⁶².

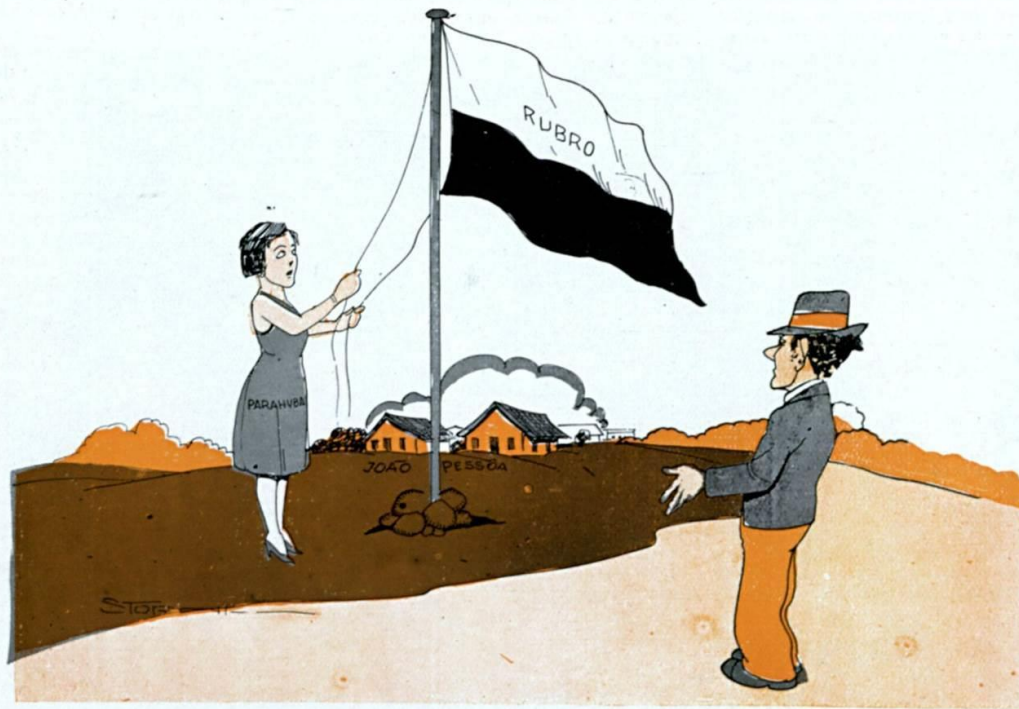
⁶⁰ CARETA. Rio de Janeiro, 4 out. 1930.

⁶¹ CARETA. Rio de Janeiro, 1º nov. 1930.

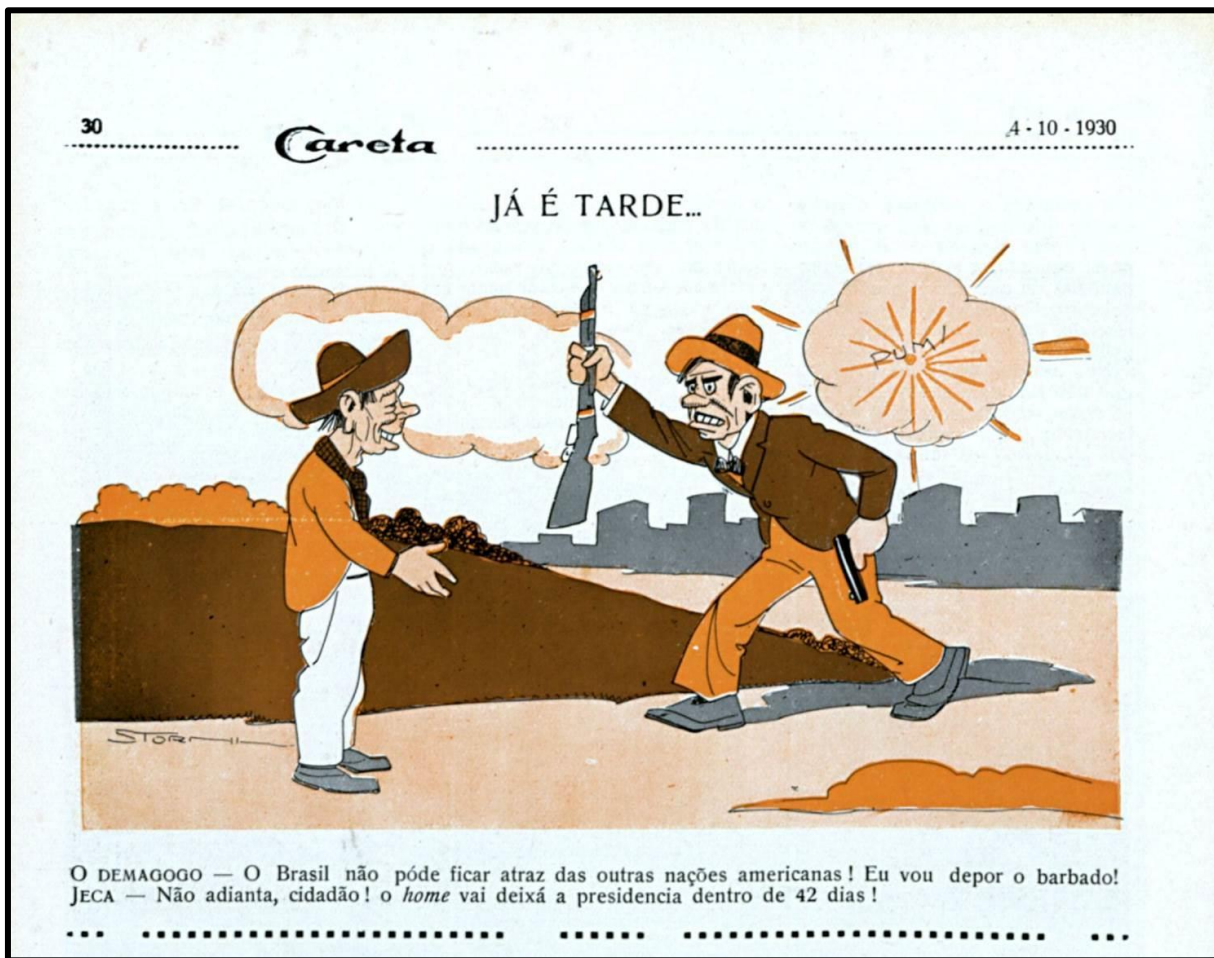
⁶² CARETA. Rio de Janeiro, 8 nov. 1930.



PARA QUE ?



O ZÉ — Pode mudar as côres da sua bandeira á vontade : os politicos mudam de côr e de camisa...



A CAMPANHA DA REGENERAÇÃO DOS NOSSOS COSTUMES POLITICOS...



... E o senador Flores da Cunha responderá ao discurso do senador Paim, e este por sua vez fará uma replica, e o outro uma treplica, e assim por toda vida e mais seis mezes...



Das festividades carnavalescas à data destinada aos finados, da eleição de março de 1930 até a conclusão do processo revolucionário que trouxe a derrocada da República Velha, a revista *Careta* acompanhou detalhadamente por meio da arte caricatural cada episódio que compôs esse intrincado momento da formação histórica brasileira. Como era se hábito editorial embasado na crítica, o magazine não se limitou a apresentar os integrantes das diferentes frentes que se engalinhavam entre si, mas trouxe ao seu público também vários elementos constitutivos que demarcavam as máculas concernentes às vivências políticas brasileiras, como a falta de compreensão popular quanto ao destino do voto; as poucas distinções entre governistas e oposicionistas; a fraude eleitoral, mormente no que tange à apuração dos votos; o controle dos votantes notadamente a partir do voto aberto; a constante presença dos aderentes de última hora; os políticos que esqueciam automaticamente os eleitores após as eleições; a dilapidação das verbas públicas, inclusive com as cifras voltadas às campanhas eleitorais; o desinteresse do povo pela política; a violência como forma de pressão sobre os eleitores; os erros administrativos associados à crise econômico-financeira do país; o antagonismo dos grupos político-partidários mais vinculado ao campo discursivo do que ao prático; e uma certa tendência conciliatória entre os divergentes campos políticos. Com o sucesso da Revolução de 1930, o periódico chegou a associar-se à nova situação, cobrando inclusive punições para os antigos detentores do poder, mas, mesmo aderindo, não deixou de lado seu espírito crítico e o gracejo para com a

denominada República Nova⁶³. Tal prática contou até mesmo com certa aquiescência dos novos governantes, como foi o caso do próprio Getúlio Vargas que, nos primeiros tempos, permitiu que se fizesse em torno de sua figura pessoal, fundada em uma imagem de bonomia e bom humor, uma curiosa espécie de anedotário⁶⁴. Tais liberdades não durariam muito, pois, em poucos anos, a tal república renovada viria a transformar-se na ditadura estado-novista e o espírito crítico do semanário ilustrado-humorístico teve de sucumbir à força coercão.

⁶³ O enfoque da *Careta* sobre o período posterior à Revolução de 1930 foi abordado em: ALVES, Francisco das Neves. *A Revolução de 1930 através das caricaturas e dos registros fotográficos da Careta*. Lisboa; Rio Grande: CLEPUL; Biblioteca Rio-Grandense, 2021.

⁶⁴ SALIBA, Elias Thomé. A dimensão cômica da vida privada na República. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p. 352.

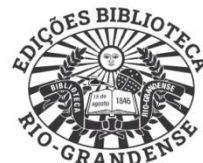
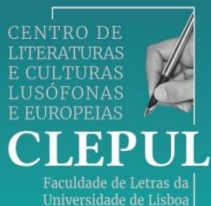


A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



Coleção Documentos

A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



edicoesbibliotecariograndense.com



9 786553 060012

ISBN: 978-65-5306-001-2